

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**

Roberta Liana Damasceno  
Antônio Alex Pereira de Sousa  
Thiago Ayres de Menezes Silva  
Lucas Oliveira de Lacerda  
(Orgs.)

# **ANAIIS**

**II Encontro  
NIETZSCHE E FOUCAULT:  
DIÁLOGOS**



Roberta Liana Damasceno  
Antônio Alex Pereira de Sousa  
Thiago Ayres de Menezes Silva  
Lucas Oliveira de Lacerda  
(Orgs.)

# II Encontro NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

PARNAÍBA, 20 A 24 DE JULHO DE 2020  
Evento Remoto

Apoio

**LEFA**

LABORATÓRIO DE ESTÉTICA  
E FILOSOFIA DA ARTE





GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ • UESPI



<b>José Wellington Barroso</b>	Governador do Estado
<b>de Araújo Dias</b>	
<b>Maria Regina Sousa</b>	Vice-governadora do Estado
<b>Nouga Cardoso Batista</b>	Reitor
<b>Evandro Alberto de Sousa</b>	Vice-Reitor
<b>Nayana Pinheiro Machado</b>	Pró-Reitora de Ensino de Graduação
<b>de Freitas Coelho</b>	
<b>Gustavo Oliveira de Meira Gusmão</b>	Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação
<b>Ailma do Nascimento Silva</b>	Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
<b>Pedro Antônio Soares Júnior</b>	Pró-Reitor de Administração e Recursos Humanos
<b>Maria Rosineide Candeia de Araújo</b>	Pró-Reitora Adj. de Administração e Recursos Humanos
<b>Raimundo Isídio de Sousa</b>	Pró-Reitor de Planejamento e Finanças
<b>Joseane de Carvalho Leão</b>	Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças
<b>Eliene Maria Viana de Figueiredo</b>	Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários
<b>Pierote</b>	
<b>Marcelo de Sousa Neto</b>	Editora da Universidade Estadual do Piauí
<b>Jéssyca Aragão de Freitas</b>	Revisão
<b>Lucas de Oliveira Lacerda</b>	Capa
<b>Editora e Gráfica - UESPI</b>	E-book

---

E56a Encontro Nietzsche e Foucault: diálogos (2. : 2020. : Parnaíba, PI) Anais do II Encontro Nietzsche e Foucault: diálogos, ocorrido de forma remota de 20 a 24 de julho de 2020 em Parnaíba-PI / Organizado por Roberta Liana Damasceno, Antônio Alex Pereira de Sousa, Thiago Ayres de Menezes Silva, Lucas Oliveira de Lacerda ... [et al.]. – Teresina: FUESPI, 2020.

E-book  
ISBN: 978-65-990292-6-4

1. Nietzsche. 2. Foucault. I. Damasceno, Roberta Liana (Org.). II. Sousa, Antônio Alex Pereira de (Org.). III. Silva, Thiago Ayres de Menezes (Org.). IV. Lacerda, Lucas Oliveira de (Org.). V. Título.

CDD: 100

---

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí –UESPI  
Ana Angélica Pereira Teixeira (Bibliotecária) CRB 3ª Região / 1217

**Fundação Universidade Estadual do Piauí • FUESPI**  
UESPI • Campus Poeta Torquato Neto  
Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI • Brasil  
Todos os direitos reservados

## **COORDENADORES DO EVENTO:**

Roberta Liana Damasceno Costa

Ruan Nunes Silva

## **ORGANIZADORES**

Roberta Liana Damasceno

Ruan Nunes Silva

Antônio Alex Pereira de Sousa

Jéssyca Aragão de Freitas

Lucas Oliveira de Lacerda

Thiago Ayres de Menezes Silva

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Roberta Liana Damasceno

Antônio Alex Pereira de Sousa

Jéssyca Aragão de Freitas

Thiago Ayres de Menezes Silva

## **PROMOÇÃO**



## **APOIO**



## APRESENTAÇÃO

O evento *Nietzsche e Foucault: diálogos*, na sua segunda edição, aconteceu em meio à uma pandemia e a um governo federal autoritário e conservador. Como no melhor estilo nietzschiano, afirmar a vida, e no melhor estilo foucaultiano, inventar a vida, o evento se destina a tecer diálogos. E diálogos no sentido posto por outro grande pensador, Vilém Flusser, que em época semelhante ao presente, Brasil nos anos 1970, mostra que não pode haver só discurso, no sentido de calcificação das ideias, mas deve haver o diálogo, aquele que racha os discursos e os renova, para que eles possam espalhar as novidades, feito pólen, que trazem os diálogos.

Este evento se constituiu de conferências, comunicações e minicursos, com temáticas que versaram sobre: política, Estado, cultura, história, arte, poder e educação. Nosso objetivo foi produzir diálogos entre a Filosofia Nietzsche e Foucault e as contribuições de suas análises, tanto para a Filosofia quanto para outros campos de conhecimento, analisando questões que envolvem e afligem a sociedade, tanto em âmbito local como mundial. Tais discussões se prolongaram por cinco dias consecutivos, e, em cada um deles, professores, pesquisadores e especialistas apresentaram suas pesquisas e reflexões. Mantemos em aberto um diálogo junto à comunidade acadêmica e sociedade civil em geral, a fim de ampliar conhecimentos além da análise sobre as questões propostas, possibilitando uma melhor compreensão da conjuntura política, cultural e social contemporânea

Nossos diálogos aconteceram via plataformas de acesso virtual de 20 a 24 de julho de 2020, a estão disponibilizados no canal de comunicação do evento (<https://www.youtube.com/channel/UCuSdv5XOivm-bplau-uKPPA>). Com a presente edição, esperamos que o evento se afirme como uma potência de criação para emergir alternativas aos esgotamentos impostos por uma realidade que muitas vezes nos sufoca e imobiliza.

Boa leitura!



## ÍNDICE

PALESTRAS .....	14
MINICURSOS .....	23
COMUNICAÇÕES .....	27
<b>Diálogos com Nietzsche .....</b>	<b>28</b>
<b>A ESTÉTICA EM NIETZSCHE: A ARTE COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA .....</b>	<b>29</b>
<i>Cícero Adauto dos Santos de Sousa</i>	
<b>CONTRADIÇÕES E MODERNIDADE:</b>	
<b>NA POTÊNCIA DO SUPER-HOMEM, A FRAQUEZA HUMANA .....</b>	<b>30</b>
<i>Ramiro Ferreira de Freitas</i>	
<i>Adson Santana Lima</i>	
<b>CONTRIBUIÇÕES DE NIETZSCHE PARA A DISCUSSÃO DE CASOS DE</b>	
<b>INTERNAÇÕES MANICOMIAIS DE MULHERES.....</b>	<b>31</b>
<i>Luciene Marques de Lima</i>	
<b>HISTÓRIA E CRISTIANISMO:</b>	
<b>A NARRATIVA HISTÓRICA.....</b>	<b>32</b>
<i>Nara Livia Timbó de Oliveira</i>	
<b>NIETZSCHE E A FILOSOFIA DA MENTE:</b>	
<b>UMA CRÍTICA À NOÇÃO DE SUJEITO.....</b>	<b>33</b>
<i>Gabriel Trentini Pagnussat</i>	
<i>Jelson Oliveira</i>	
<b>NIETZSCHE E A MÚSICA.....</b>	<b>34</b>
<i>Marina Lícia dos Santos</i>	
<b>NOTAS SOBRE O CONCEITO DE VERDADE EM NIETZSCHE E RORTY:</b>	
<b>ATRAVESSAMENTOS .....</b>	<b>35</b>
<i>Glauzer Ferreira Silva</i>	



<b>O “ÓDIO AMOROSO”:</b>	
<b>A RELAÇÃO AMBÍGUA ENTRE NIETZSCHE E SÓCRATES SEGUNDO PIERRE HADOT .....</b>	<b>36</b>
<i>Frank Alexandre Rosa Freitas</i>	
<b>O CUIDADO DE SI:</b>	
<b>UM DIÁLOGO ENTRE DA EXPERIÊNCIA DE</b>	
<b>MONTAIGNE E O ECCE HOMO DE NIETZSCHE.....</b>	<b>37</b>
<i>Leandson Vasconcelos Sampaio</i>	
<b>O FILÓSOFO-ARTISTA:</b>	
<b>A ERA DO HOMEM TRÁGICO.....</b>	<b>38</b>
<i>Gédson Pablo Mendes Santos</i>	
<b>O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA E HUMANO,</b>	
<b>DEMASIADO HUMANO EM DISCUSSÃO .....</b>	<b>39</b>
<i>Jovan Batista de Sousa</i>	
<b>O PROBLEMA DA VERDADE NO JOVEM NIETZSCHE:</b>	
<b>PERCEPÇÃO E CORRESPONDÊNCIA NA CRÍTICA DE MAUDEMARIE CLARK.....</b>	<b>40</b>
<i>Edilson Miranda Junior</i>	
<b>O PROBLEMA MORAL DO IMPULSO À VERDADE E A ESTÉTICA DA VONTADE DE PODER COMO SAÍDA</b>	
<b>POSSÍVEL.....</b>	<b>41</b>
<i>Raul Reis Araújo</i>	
<b>O SUICÍDIO A PARTIR DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE:</b>	
<b>UMA CONTRADIÇÃO DIANTE DA VONTADE DE POTÊNCIA?.....</b>	<b>42</b>
<i>Derijones Leandro Silva Júnior</i>	
<b>O SUPER-HOMEM EM NIETZSCHE E AS EXPRESSÕES DE ALIENAÇÃO NO BRASIL:</b>	
<b>O QUE ZARATUSTRA NOS DIRIA?.....</b>	<b>43</b>
<i>Edson Ribeiro Luna</i>	
<i>Miguel Júnior Zacarias Lima</i>	



<b>PANDEMIA E CORPO ANTIAQUILES:</b>	
<b>REFLEXÕES AUTOENOGRAFICAS.....</b>	<b>44</b>
<i>José Welhington Cavalcante Rodrigues</i>	
<b>QUEM ESCOLHE O TEMA DE PESQUISA NO MESTRADO E NO DOUTORADO?</b>	
<b>DIÁLOGOS COM NIETZSCHE.....</b>	<b>45</b>
<i>Igor Vinicius Lima Valentim</i>	
<b>REFLEXÕES SOBRE O PENSAR HISTÓRICO ASSOCIADO À VIDA:</b>	
<b>UMA ANÁLISE SOBRE A II CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA DE FRIEDRICH NIETZSCHE.....</b>	<b>46</b>
<i>Samir Lola Roland</i>	
<b>Diálogo com Foucault .....</b>	<b>47</b>
<b>A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM EM AS PALAVRAS E AS COISAS DE MICHEL FOUCAULT.....</b>	<b>48</b>
<i>Miguel Junior Zacarias Lima</i>	
<i>Edson Ribeiro Luna</i>	
<b>A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE MORAL NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT.....</b>	<b>49</b>
<i>Bruno Camilo de Oliveira</i>	
<b>A INFÂME TAREFA DE RESISTIR:</b>	
<b>AÇÃO POLÍTICA PARA ALÉM DO FACE-A-FACE COM O PODER .....</b>	<b>50</b>
<i>Thiago Ayres de Menezes Silva</i>	
<b>A INVENÇÃO DO INIMIGO .....</b>	<b>51</b>
<i>Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira</i>	
<i>Jefferson Cícero de Mesquita Soares</i>	
<b>A NORMA:</b>	
<b>UMA VARIÁVEL IMPORTANTE PARA PENSARMOS O JOGO DE FORÇAS NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>52</b>
<i>Mariana Maia Moreira</i>	



<b>A PARRHESÍA E SEUS INIMIGOS:</b>	
<b>UMA LEITURA DA HERMENÊUTICA DO SUJEITO. ....</b>	<b>53</b>
<i>Ronald Valentim Gomes Sampaio</i>	
<b>A VERDADE EM MICHEL FOUCAULT: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO.....</b>	<b>54</b>
<i>Karina Luiza de Freitas</i>	
<b>ANOTAÇÕES SOBRE A ÉTICA DO CUIDADO DE SI COMO PRÁTICA DA LIBERDADE .....</b>	<b>55</b>
<i>Dra. Cristiane Maria Marinho</i>	
<b>AS ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL PRESENTES NO ENSINO JURÍDICO DA “POLÍTICA JUDICIÁRIA NACIONAL DE TRATAMENTO ADEQUADO DOS CONFLITOS DE INTERESSES NO ÂMBITO DO PODER JUDICIÁRIO” .....</b>	<b>56</b>
<i>Ana Carla de Oliveira Bringuente</i>	
<b>ATITUDE CRÍTICA COMO RESISTÊNCIA AO GOVERNO DA VIDA EM MICHEL FOUCAULT.....</b>	<b>57</b>
<i>Lugan Thierry Fernandes da Costa</i>	
<b>BIOPOLÍTICA E EUGENIA NA PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS ADOTADAS NO BRASIL.....</b>	<b>58</b>
<i>Grasielle Fernanda Freire Cabral</i>	
<i>José Sarto Fulgêncio de Lima Filho</i>	
<b>BIOPOLÍTICA, GOVERNAMENTALIDADE E NEOLIBERALISMO:</b>	
<b>ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS .....</b>	<b>59</b>
<i>Antônia Carla Víctor de Paiva</i>	
<b>CONFISSÃO E PARRESÍA NO ÚLTIMO FOUCAULT .....</b>	<b>60</b>
<i>Rafael Siqueira Monteiro</i>	
<b>CONFISSÃO E VERDADE: A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE CRIMINOSA NO INTERIOR DO JOGO DA DRAMÁTICA JUDICIÁRIA .....</b>	<b>61</b>
<i>Thayná de Castro Saczuk</i>	



<b>CORPO E SEXUALIDADE: DOS DISPOSITIVOS DISCIPLINARES À ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA .....</b>	<b>62</b>
<i>Francisco Danilo dos Santos Oliveira</i>	
<i>Francisco Rômulo Alves Diniz</i>	
<b>COVID-19: FAKE NEWS COMO UM INSTRUMENTO DA BIOPOLÍTICA .....</b>	<b>63</b>
<i>Laurianne Guimarães Mendes</i>	
<b>DA FALA FRANCA PARRESIASTA AO FRANCO DISCURSO CARNAVALESCO: APOSTANDO NO DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E BAKHTIN.....</b>	<b>64</b>
<i>Nathalia Viana da Mota</i>	
<i>João Batista Costa Gonçalves</i>	
<b>DESCOLONIZAR O PODER: REVERBERAÇÕES DE FOUCAULT EM MBEMBE. (CAPITALISMO + BIOPOLÍTICA= NECROPOLÍTICA MUNDIAL).....</b>	<b>65</b>
<i>Jose Luiz Silva da Costa</i>	
<b>DIÁLOGOS COM MICHEL FOUCAULT: PRÁTICAS DECOLONIAIS COMO PRÁTICAS DE LIBERDADE.....</b>	<b>66</b>
<i>Clayton Roberto Messias</i>	
<i>Elaine Cristina da Silva Zanesco</i>	
<b>DIÁLOGOS ENTRE RICARDO ANTUNES E MICHEL FOUCAULT: A CONTRIBUIÇÃO DA NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DOS CORPOS DÓCEIS.....</b>	<b>67</b>
<i>José Sarto Fulgêncio de Lima Filho</i>	
<i>Grasielle Fernanda Freire Cabral</i>	
<b>DIÁLOGOS SOBRE DOENÇA MENTAL EM FOUCAULT: BUSCANDO UM SUJEITO NORMAL.....</b>	<b>68</b>
<i>Elvis Lopes Vasconcelos</i>	
<b>DIREITO DE MORTE E DEVER DE VIDA: A INEFICIÊNCIA DO PODER POLÍTICO NA PANDEMIA .....</b>	<b>69</b>
<i>Tatielle Efigênia Morais Rocha</i>	



<b>DO “OUTRO” AO “PANÓPTICO”: IMPLICAÇÕES SOBRE “O CUIDADO DE SI” .....</b>	<b>70</b>
<i>Renato Izidoro da Silva</i>	
<i>Mariana Galvão Nascimento</i>	
<b>DO GOVERNO À AUTORIDADE: UMA BREVE GENEALOGIA A PARTIR DE ARENDT E FOUCAULT.....</b>	<b>71</b>
<i>Fernando Bagiotto Botton</i>	
<b>EDUCAÇÃO CORPORATIVA COMO DISCURSO NEOLIBERAL NAS VOZES DOS SUJEITOS.....</b>	<b>72</b>
<i>Edinalva de Cassia Piovesan</i>	
<i>Márcia Aparecida Amador Marcia</i>	
<b>ENTRE FOUCAULT E MBEMBE: DA BIOPOLÍTICA À NECROPOLÍTICA NO SÉCULO XXI .....</b>	<b>73</b>
<i>Glícia Édeni de Lima Teixeira</i>	
<i>Ramiro Ferreira de Freitas</i>	
<b>ENTRE MARX E FOUCAULT: O PROCESSO DE CRIMINALIZAÇÃO DA LOUCURA E SUAS RESSONÂNCIAS NA SOCIEDADE CAPITALISTA .....</b>	<b>74</b>
<i>Thais Lasevicius</i>	
<b>GOVERNAMENTALIDADE E CAPITAL HUMANO NAS QUESTÕES LIGADAS A DIVERSIDADE .....</b>	<b>75</b>
<i>Ana Paula Speck Feijó</i>	
<b>HERCULINE BARBIN OU ALEXINA BARBIN? DO SEXO COMO PERTENCIMENTO À SEXUALIDADE COMO SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>76</b>
<i>Guilherme de Freitas Leal</i>	
<b>INSURREIÇÕES E ESPIRITUALIDADE POLÍTICA NA REVOLUÇÃO ISLÂMICA .....</b>	<b>77</b>
<i>Gabriela Massarra Santos Heine</i>	



<b>LIMITES ONTOLÓGICOS DO PODER:</b>	
<b>TAXONOMIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE .....</b>	<b>78</b>
<i>Bartira Telles Pereira Santos</i>	
<i>Renato Izidoro da Silva</i>	
<b>MICHEL FOUCAULT E AS INTERROGAÇÕES TOPOLÓGICAS:</b>	
<b>ESPAÇO, HISTÓRIA E DIAGNÓSTICO DO PRESENTE .....</b>	<b>79</b>
<i>Gabriel José Pochapski</i>	
<b>MULHERES NA DIPLOMACIA:</b>	
<b>UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA .....</b>	<b>80</b>
<i>Gabriela Balestero</i>	
<b>NEOLIBERALISMO, SUBJETIVIDADE E VERDADE .....</b>	<b>81</b>
<i>Mauricio Pelegrini</i>	
<b>O BIOPODER DE FOUCAULT E O CORPO SEM ÓRGÃOS DE DELEUZE E GUATTARI .....</b>	<b>82</b>
<i>Lucas Dilacerda</i>	
<b>O CONCEITO DE VIDA NA OBRA DE MICHEL FOUCAULT .....</b>	<b>83</b>
<i>Davi Maranhão De Conti</i>	
<b>O EXTERMÍNIO DE VIDAS NEGRAS LEGITIMADO PELA REPRODUÇÃO DO CAPITAL:</b>	
<b>POSSÍVEL CONVERSA ENTRE MICHEL FOUCAULT, JUDITH BUTLER E ACHILLE MBEMBE .....</b>	<b>84</b>
<i>Matheus Guimarães de Barros</i>	
<b>O GOVERNO DAS CONDUTAS E O NEOLIBERALISMO:</b>	
<b>NOTAS SOBRE SUBJETIVAÇÃO E RESISTÊNCIA EM MICHEL FOUCAULT .....</b>	<b>85</b>
<i>Antônio Alex Pereira de Sousa</i>	
<b>O IMPEDIMENTO DOS AVANÇOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO COMO TÉCNICA DE PODER:</b>	
<b>ANÁLISE DO BRASIL PÓS IMPEACHMENT DE 2016 .....</b>	<b>86</b>
<i>Maria Betânia Nunes Pereira</i>	
<i>Ana Carolina de Oliveira Nunes Pereira</i>	



<b>O JOGO AGONÍSTICO:</b>	
<b>LIBERDADE-PODER SEGUNDO FOUCAULT .....</b>	<b>87</b>
<i>Ana Lúcia dos Santos e Santos</i>	
<b>O PANOPTISMO EM MICHEL FOUCAULT:</b>	
<b>O MECANISMO DISCIPLINAR E SUAS POSSÍVEIS ADAPTAÇÕES</b>	
<b>NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>88</b>
<i>Marcos Paulo Paes Carvalho</i>	
<b>O RACISMO DE ESTADO – UM DIÁLOGO ENTRE</b>	
<b>MICHEL FOUCAULT E ACHILLE MBEMBE.</b>	
<b>QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>89</b>
<i>Alberto Amaral</i>	
<b>ONTOLOGIA DO PRESENTE E O TRANSONTOLÓGICO:</b>	
<b>UM POSSÍVEL DEBATE ENTRE MICHEL FOUCAULT E ENRIQUE DUSSEL .....</b>	<b>90</b>
<i>Carlos Roberto da Silveira</i>	
<i>Fábio Henrique Costa Vieira</i>	
<b>PENSANDO AS PRÁTICAS SIMBÓLICAS DOS MOVIMENTOS_FEMINISTAS. ....</b>	<b>91</b>
<i>Cleidiane da Silva Cruz</i>	
<b>PÉS, OLHOS E BOCAS:</b>	
<b>UMA ETNOGRAFIA DE TELA DO FETICHE DA PODOLATRIA MASCULINA NA</b>	
<b>PORNOGRAFIA ONLINE.....</b>	<b>92</b>
<i>Ribamar José de Oliveira Junior</i>	
<b>POR UMA POLÍTICA DA CORAGEM .....</b>	<b>93</b>
<i>Flávio de Lima Cordeiro Filho</i>	
<b>PRÁTICAS DE LIBERDADE NOS ABISSAIS:</b>	
<b>A ONTOLOGIA DO PRESENTE POR FOUCAULT .....</b>	<b>94</b>
<i>Marcelo Vicentin</i>	



<b>PROJETO “ESCOLA SEM PARTIDO” COMO FORMA DE EXCLUSÃO DOS DISCURSOS NÃO-HEGEMÔNICOS .....</b>	<b>95</b>
<i>Ana Carolina de Oliveira Nunes Pereira</i>	
<b>QUANDO UM CORPO É VIGIÁVEL? FOUCAULT, VIGILÂNCIA E RACISMO.....</b>	<b>96</b>
<i>George Lucas da Silva dos Santos</i>	
<b>SCIENTIA SEXUALIS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA .....</b>	<b>97</b>
<i>Eliúde Ferreira Lima</i>	
<b>SEXO E VERDADE: MAS QUE SUJEITO? .....</b>	<b>98</b>
<i>Guilherme Macedo Silva</i>	
<b>SUBJETIVIDADE DOS ALUNOS DA REDE EDUCACIONAL DE SÃO PAULO FRENTE ÀS AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA.....</b>	<b>99</b>
<i>Rodrigo Parras</i> <i>Wagner Franco</i>	
<b>UMA ANÁLISE SOBRE O PENSAMENTO DE FOUCAULT: DO PODER SOBERANO Á BIOPOLITICA .....</b>	<b>100</b>
<i>Mária Tânia Rodrigues</i> <i>Ricardo George de Araújo Silva</i>	
<b>UMA REFLEXÃO SOBRE OS LUGARES DA LOUCURA ATRAVÉS DA ESQUIZOFRENIA.....</b>	<b>101</b>
<i>Ana Karla Silva da Nóbrega</i> <i>Patrícia Oliveira Lira</i>	
<b>VIDA DAS MULHERES INFAMES NO PAMPA: MODOS DE PENSAR O PRESENTE COM MICHEL FOUCAULT.....</b>	<b>102</b>
<i>Juliana Corrêa Pereira Schlee</i> <i>Paula Regina Costa Ribeiro</i>	



Diálogos com Foucault e Nietzsche .....	103
HETEROTOPIAS VIDEOGRÁFICAS E SABERES MEDICINAIS INDÍGENAS .....	104
<i>Danilo Bezerra de Souza</i>	
O PODER-FORÇA ENQUANTO DISPOSITIVO ÓPTICO EM NIETZSCHE E FOUCAULT .....	105
<i>Fabiana Gomes</i>	
<i>Alexandre Luiz Polizel</i>	
PENSAR AS (PÓS)VERDADES SOB LENTES FOUCAULTIANAS-NIETZSCHEANAS: HIDROXICLOROQUINA E AZITROMICINA.....	106
<i>Alexandre Luiz Polizel</i>	
<i>Fabiana Gomes</i>	
AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE SÓCRATES: UM DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E NIETZSCHE .....	107
<i>Priscila Céspedes Cupello</i>	
MICHEL FOUCAULT E A FICÇÃO COMO RECURSO METODOLÓGICO: UM PROCEDIMENTO ENTRE KANT E NIETZSCHE .....	108
<i>Fernanda Gomes da Silva</i>	
DISCURSO DE ÓDIO: GOVERNO BOLSONARO E PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS VIRTUAIS.....	109
<i>Clístenes Oliveira da Silva</i>	
DA ARTE DA RESISTÊNCIA: A SUPERAÇÃO DE SI PELA DISCIPLINA MARCIAL NINJA.....	110
<i>Marcio Fonseca Benevides</i>	
MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E VERDADE NO OCIDENTE HOJE: REFLEXÕES PARA GENEALOGIAS A PARTIR DE NIETZSCHE E FOUCAULT .....	111
<i>Rodrigo Gomes Guimarães</i>	



<b>A VERDADE DO REBANHO E A SOCIEDADE DO DISCURSO:</b>	
<b>UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS NO CONTEXTO DA PÓS-VERDADE .....</b>	<b>112</b>
<i>Maria Débora Gomes Pereira Cassiano</i>	
<b>A COMPAIXÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM DIAGNÓSTICO DO PRESENTE.....</b>	<b>113</b>
<i>Vilmar Prata</i>	
<b>O PODER PUNITIVO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO: LEITURAS PÓS-ESTRUTURAIS .....</b>	<b>114</b>
<i>Tiago Alves de Jesus Barreto</i>	
<i>Rafael Martins de Meneses</i>	
<b>COMO NOS TORNAMOS PROFESSORAS? ABORDAGEM GENEALÓGICA DE NIETZSCHE A FOUCAULT .....</b>	<b>115</b>
<i>Aldenise Cordeiro Santos</i>	
<i>Dinamara Garcia Feldens</i>	
<b>FOUCAULT E O PENSAMENTO NIETZSCHIANO: GENEALOGIA, NIILISMO E HISTÓRIA.....</b>	<b>116</b>
<i>Davison Roberto de Paula</i>	
<b>MORTE DO HOMEM, NEGATIVIDADE E PSICOLOGIA NOS ESCRITOS DE FOUCAULT DOS ANOS 50 .....</b>	<b>117</b>
<i>Gunther Mafra Guimarães</i>	
<b>PROXIMIDADES INSUSPEITAS: A PRESENÇA DE NIETZSCHE NA ARQUEOLOGIA DE MICHEL FOUCAULT....</b>	<b>118</b>
<i>Lucas Bittencourt Vaconcellos</i>	
<b>HISTÓRIA, SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA: UMA CONVERSA ENTRE DOIS GENEALOGISTAS.....</b>	<b>119</b>
<i>Cezar Prado</i>	
<b>NIETZSCHE E FOUCAULT: DA VONTADE DE POTÊNCIA AO PODER COMO ATO .....</b>	<b>120</b>
<i>Vânia Cristina da Silva Rodrigues</i>	
<b>Diálogos outros .....</b>	<b>121</b>
<b>O RESGATE DA DOUTRINA DA SITUAÇÃO IRREGULAR NO DISCURSO DA REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL À LUZ DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT .....</b>	<b>122</b>
<i>José Ricardo Oliveira Mello</i>	



<b>RESISTIR É POSSÍVEL? .....</b>	<b>123</b>
<i>Danielle Gonzaga de Brito</i>	
<b>O PODER E O AGIR DO CORPO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA:</b>	
<b>UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE AUSTIN E FOUCAULT. ....</b>	<b>124</b>
<i>Ingrid Xavier dos Santos</i>	
<i>Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira</i>	
<b>INCONCLUSAS ARTESANIAS DE CUIDADO: CARTOGRAFIAS DE CORPOS EM EXPERIMENTAÇÃO .....</b>	<b>125</b>
<i>Nayara Lima Longo</i>	
<b>ALGORITMO E GOVERNAMENTALIDADE:</b>	
<b>ASPECTOS INTRODUTÓRIOS PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>126</b>
<i>Bruno Stramandinoli Moreno</i>	
<i>Carlos José Martins</i>	
<b>A ESCRITA COMO PERDA DE SI .....</b>	<b>127</b>
<i>Renata Morais Lima</i>	
<b>A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:</b>	
<b>DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.....</b>	<b>128</b>
<i>Daniel Barbosa da Silva</i>	
<i>Dinoêmia Monteiro dos Santos</i>	
<b>A EDUCAÇÃO EM AMBIENTE VIRTUAL NO CONTEXTO DO CORONAVIRUS:</b>	
<b>CONCEITUAÇÕES E IMPACTOS DA VIRTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO.....</b>	<b>129</b>
<i>Daniel Barbosa da Silva</i>	
<b>AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NA SOCIEDADE CAPITALISTA:</b>	
<b>UMA ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS .....</b>	<b>130</b>
<i>Amanda Malheiros Pereira</i>	
<i>Amanda Vitor Dourado</i>	



<b>OS POVOS ORIGINÁRIOS E A PAUTA ANTIRRACISTA .....</b>	<b>131</b>
<i>Maria Veirislene Lavor Sousa</i>	
<i>Cyntia Kelly de Sousa Lopes</i>	
<b>A METAFÍSICA DA MORTE EM ARTHUR SCHOPENHAUER.....</b>	<b>132</b>
<i>Maria Carolina de Sousa Cereser</i>	
<b>PRELIMINARES RELACIONAIS ENTRE A VALIDADE DA ORIGEM E A ORIGEM DA VALIDADE.....</b>	<b>133</b>
<i>Sandro Adams</i>	
<b>RETROSPECTIVA DISCURSIVA DO PRESIDENTE BOLSONARO ASSOCIADO AO AVANÇO DO COVID-19 NO BRASIL: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO APRESENTADO PELO JORNAL O GLOBO .....</b>	<b>134</b>
<i>Valéria Hallie de Almeida Ribeiro</i>	
<i>Maria Geizi Silva Pinto</i>	
<b>FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: INCLUSÃO DA PROPOSTA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>135</b>
<i>Otainan da Silva Matos</i>	
<b>TRANSEXUALIDADE E BUCALIDADE: UMA ANÁLISE CORPÓREA A PARTIR DO TERRITÓRIO BUCAL.....</b>	<b>136</b>
<i>Luiz Eduardo de Almeida</i>	
<b>A IMPOSSIBILIDADE DE ESTAR SÓ MESMO SENDO UM.....</b>	<b>137</b>
<i>Nária Maria da Silva Costa</i>	
<b>ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA MÍDIA TELEJORNALÍSTICA EM TEMPOS PANDÊMICOS: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA E MULTIMODAL DE ESCALADAS DO JORNAL NACIONAL .....</b>	<b>138</b>
<i>Maria Geizi Silva Pinto</i>	
<i>Valéria Hallie de Almeida Ribeiro</i>	
<b>UM ANTROPÓFAGO NA PERIFERIA DA HISTÓRIA: GENEALOGIA E CRÍTICA EM OSWALD DE ANDRADE.....</b>	<b>139</b>
<i>Thor João de Sousa Veras</i>	

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



# PALESTRAS

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 1: Política e Verdade  
Quarta-feira, 22 de julho, às 9h



Adriana Delbó (UFG)  
A genealogia de Nietzsche  
para as "virtudes femininas"



Luana Diogo (UFRN)  
Aflição do criminoso,  
um aforismo de Nietzsche

Organização:



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA





II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 2: **Subjetividades e Práticas de Liberdade**  
Quarta-feira, 22 de julho, às 14h



Letícia Carolina (UFPI)  
**Epistemologias (Trans)feministas:  
a liberdade é uma agonística**

Regiane Collares (UFCA)

**O prazer não tem passaporte: a estética da existência  
e as experiências transformadoras em Foucault**



Lucas Dilacerda (UFC)  
**Bioimaginação e arte contemporânea**

Caio Souto (UEAP)

**Ser ou não ser nietzschiano?  
Um diálogo com Foucault e Canguilhem**



Organização:



II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 3: Ironia, Amizade e Confissões  
Quarta-feira, 22 de julho, às 19h



Ernani Chaves (UFPA)  
**O lugar do pensamento de Nietzsche  
na análise foucaultiana do Cristianismo:  
proximidade e distância**



Gustavo Costa (UECE)  
**Pensar a inclusão a partir de Nietzsche.**

Organização:



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA





II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 4: Filosofia da Diferença, Estética da Existência e Educação  
Quinta-feira, 23 de julho, às 9h



Ada Kroef (UFC)  
Agenciamento Deleuze-Foucault



Cristiane Marinho (UECE)  
A leitura de Judith Butler sobre  
a crítica como virtude em Foucault



Alex Sousa (UFC)  
A reforma do Ensino Médio no Brasil sob a  
racionalidade neoliberal: considerações  
a partir da perspectiva foucaultiana



Dorgival Fernandes (UFCG)  
Reverberações foucaultianas nas  
problematizações do presente da educação

Organização:





II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 5: Arte e Literatura

Quinta-feira, 23 de julho, às 14h



Camilla Muniz (UECE)  
A verdade e a profecia:  
uma relação insipiente?

Jéssyca Aragão (UFC)  
Sócrates e Nietzsche:  
arte, verdade e decadence



Ruan Nunes (UESPI)  
Corpos-apolíneos e corpos-dionisíacos:  
pensando a literatura a partir de Nietzsche

Roger Klinsman (UFC)  
Richard Rorty e o Romance  
enquanto redescção



Organização:



II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 6: Sonhos, Corpo e História das Ciências  
Quinta-feira, 23 de julho, às 19h



Luana Saturnino (UNICAMP)  
Foucault e os sonhos:  
cuidado de si e experiência imaginária



Viviane Botton (UERJ)  
Foucault, a histeria e as sombras

Organização:



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA





II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 7: Política, Neoliberalismo e Potência da Multidão  
Sexta-feira, 24 de julho, às 14h



Helton Adverse (UFMG)  
Foucault e o Totalitarismo

Luís Celestino (UFCA)  
Aproximações entre  
estudos de mídia e Biopolítica



Thiago Ayres (UFPI)  
A Biopolítica Imaterial da Multidão

Rafael Rosa (SEEDUC)  
Neofascismo e Neoconservadorismo:  
da transvaloração neoliberal  
à política do ressentimento



Organização:





II Encontro

# NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Mesa 8: O tempo porvir  
Sexta-feira, 24 de julho, às 19h



Jelson Oliveira (PUC-PR)  
A amizade,  
entre Nietzsche e Foucault



Claudio Medeiros (UFF)  
A polícia como partilha do sensível  
nas genealogias de Nietzsche e Foucault



Mateus Uchôa (UFMG)  
Guerra dos mundos.  
A Cosmopolítica no tempo dos fins

Organização:



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4

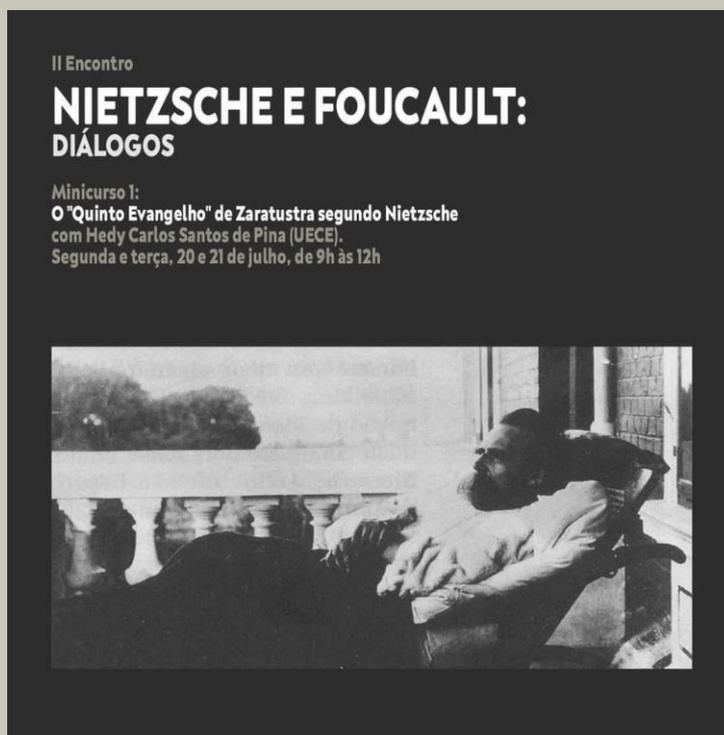


Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



# MINICURSOS



### Resumo

O referido minicurso tem a pretensão de apresentar a obra filosófico-poética “Assim falou Zaratustra”, de W. F. Nietzsche, escrita entre 1883 e 1885. Buscaremos compreender, entre as múltiplas interpretações correntes sobre o que seria essa obra, como o autor categorizou seus próprios escritos. Houve quem classificasse Zaratustra como uma antiobra filosófica que zomba dos métodos e das formas de exposição dos tratados sistemáticos; uma obra filosófica que dispensa argumentações, adotando uma “sistemática” de desordem expositiva que faz chacota a toda dedução ao buscar um imediatismo quase impensável. Também houve aqueles que tentaram decifrar o propósito da escrita e se ela poderia ser considerada uma reflexão filosófica. Por não perseguir o objetivo de enclausurar o pensamento, de encerrá-lo numa totalidade coesa e fechada, Zaratustra foi considerada uma obra sem o propósito de colocar a investigação a serviço da verdade. Tanto o personagem quanto o autor sabem que a experiência de cada um se dá de acordo com o seu feitio. Ainda houve quem afirmasse que o próprio autor hesitou quanto ao gênero ao qual pertencia a obra Zaratustra, uma vez concluída. Um exame mais pormenorizado e aprofundado dos escritos demandaria uma quantidade maior e diversificada de pesquisas, incluindo não apenas a obra publicada pelo filósofo, mas também um amplo material publicado postumamente. Sob esse ângulo, espera-se que esse minicurso seja um incentivo e uma indicação para futuras pesquisas, bem como para a produção de variedades de perspectivas de interpretação e discussão.



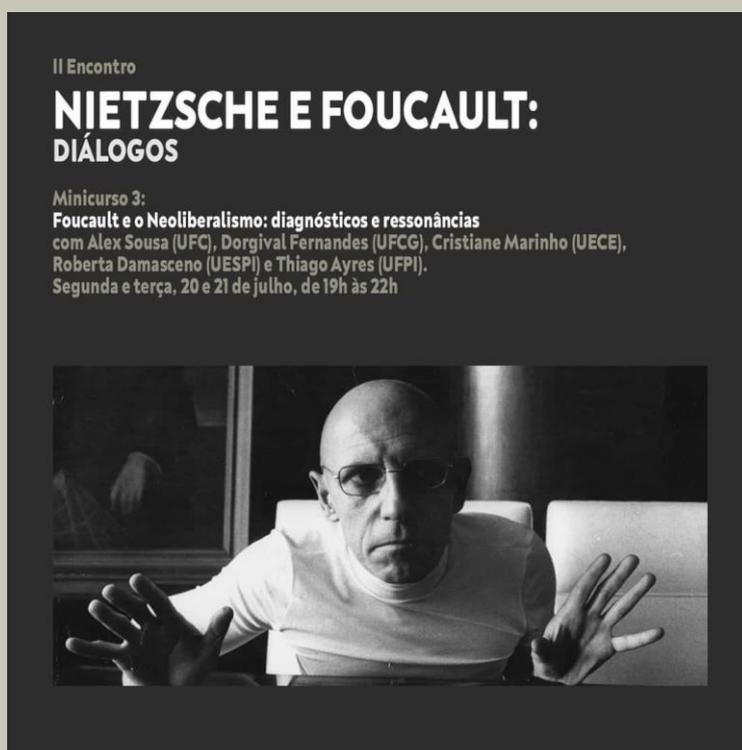
II Encontro

## NIETZSCHE E FOUCAULT: DIÁLOGOS

Minicurso 2:  
**Introdução ao Corpo sem Órgãos e à Esquizoanálise de Deleuze e Guattari**  
com Lucas Dilacerda (UFC), Oscar de Queiroz (UFC), Larissa Rezino (UFSCAR),  
Larissa Moraes (UFC), Cirilo Neto (UFC) e Caio Prado (UFC).  
Segunda e terça, 20 e 21 de julho, de 14h às 17h

### Resumo

O objetivo do curso é apresentar conceitualmente a prática do Corpo sem Órgãos e da Esquizoanálise. Para isso, o curso será dividido em 6 partes-platôs. Na primeira parte, apresentaremos a filosofia de Deleuze e Guattari pontuando as suas principais obras, problemas, metodologias e conceitos. Na segunda parte, faremos uma exposição sistemática do conceito de Corpo sem Órgãos, que consiste num processo pelo qual o corpo é desestratificado a fim de que forças outras possam atravessá-lo, garantindo que os derives aconteçam e propiciem uma atividade mais potente deste corpo, libertando a vida e o ato de criação. Na terceira parte, trataremos a noção de Corpo sem Órgãos dentro do plano estético, considerando a gênese do termo cunhado por Antonin Artaud, e a maneira que Deleuze recupera tal noção em sua obra "Francis Bacon: Lógica da Sensação" (1981), especificamente através das Figuras nas telas do pintor. Na quarta parte, faremos uma incursão na história da filosofia da imanência para apresentar a perspectiva do corpo como um fluxo revolucionário que funciona através de encontros e afetos, a fim de mostrar o desafio da desterritorialização para que possamos traçar um pensamento rizomático com novas cartografias e linhas de fuga que afirmem a potência e a diferença dos corpos. Na quinta e sexta parte, trataremos acerca da Esquizoanálise, práxis desenvolvida no potente encontro de Deleuze com Guattari, após Maio de 68. Discutiremos a invenção do paradigma ético, estético e político, a partir da obra "Capitalismo e Esquizofrenia", em seus dois tomos "O anti-Édipo" (1972) e "Mil Platôs" (1980), passeando por linhas importantes como: a crítica à psicanálise e ao capitalismo; as máquinas desejanter, seus fluxos, cortes e efeitos; uma práxis clínica da Esquizoanálise e suas encruzilhadas nos modos de viver contemporâneos; e as tarefas positivas da Esquizoanálise. O curso é um convite à livre experimentação, aliança e deformação do Corpo sem Órgãos e da Esquizoanálise, fazê-los vazar por todos os lados.



## Resumo

O minicurso se propõe a apresentar as linhas gerais do estudo feito pelo filósofo francês Michel Foucault a respeito do tema do neoliberalismo, especialmente em seu curso ministrado no Collège de France no início de 1979, *O Nascimento da Biopolítica*. A partir daí, buscar-se-á desenvolver algumas das implicações da leitura foucaultiana a respeito desse tema, bem como de alguns dos possíveis desdobramentos que os pesquisadores em questão dão a esses estudos. É dessa forma que todos os desenvolvimentos apresentados aqui se expressam como ressonâncias descontínuas às próprias pesquisas foucaultianas, mais como ondas que se estendem cada vez mais distantes de um ponto de emergência do que como continuidades lineares ao pensamento de Foucault. Assim, a partir das investigações foucaultianas, pode-se perguntar de que forma as práticas apontadas pelo filósofo como alternativas aos dispositivos subjetivantes do saber-poder, que constituiriam estéticas da existência, poderiam se converter em mecanismos de sujeição submetidas à racionalidade neoliberal; ou como a formação de professores se converte crescentemente em uma prática pautada por normas de rendimento e produtividade; ou como, a partir do funcionamento agonístico desses dispositivos de poder, se poderia conceber diferentes mecanismos de resistência; ou como se organiza o funcionamento dessa máquina discursiva que apresenta o neoliberalismo como opção definitiva do funcionamento do mundo; ou, por fim, como a governamentalidade neoliberal estrutura uma regulação do funcionamento social que implica em profundas transformações nos dispositivos de mando e exploração. Com esse minicurso, espera-se contribuir para o desenvolvimento dos estudos foucaultianos no Ceará.

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



# COMUNICAÇÕES

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



# Diálogos com Nietzsche



## ESTÉTICA EM NIETZSCHE: A ARTE COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

Cícero Adauto dos Santos de Sousa<sup>1</sup>  
[ciceroadauto74@yahoo.com.br](mailto:ciceroadauto74@yahoo.com.br)

### Resumo

O filósofo Friedrich Nietzsche compreendeu, a partir de seus estudos sobre a Antiguidade grega, que a arte é algo fundamental na formação cultural, haja vista aquilo que ela oportuniza à vida humana. Neste sentido, o presente resumo tem por objetivo apresentar a estética nietzschiana no que diz respeito à arte enquanto afirmação da vida. Para tanto, através de uma pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal *O nascimento da tragédia*, obra na qual ele estuda o sentido da cultura grega através do gênero trágico, parte-se da seguinte questão: qual o sentido da arte para Nietzsche? Com esse questionamento, pretende-se entender sua compreensão acerca da verdadeira arte e sua implicação na vida. A priori, vê-se que seu entendimento vai de encontro à visão de alguns filósofos antigos, tais como Sócrates e Platão, o que, por conseguinte, conduz a uma análise da sua crítica à cultura grega clássica. Em conformidade com isso, faz-se indispensável a análise de dois conceitos centrais para ele, quais sejam, o apolíneo e o dionisíaco. Como conclusão, verifica-se que a arte, que surge da síntese ou articulação entre apolíneo e dionisíaco, faz emergir o belo harmonioso que plenifica a natureza humana, fazendo-a enfrentar a dureza da vida que, ao seu ver, configura-se como contradição e sofrimento, e coloca nas mãos do ser humano a capacidade produtora da vida.

**Palavras-chave:** Arte. Vida. Afirmação.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela UFC, professor de Filosofia no Centro Educacional de Jovens e Adultos Mons. Pedro Rocha de Oliveira. SEDUC/Crato-CE.



## CONTRADIÇÕES E MODERNIDADE: NA POTÊNCIA DO SUPER-HOMEM, A FRAQUEZA HUMANA

Ramiro Ferreira de Freitas<sup>1</sup>  
[ramiroferreira91@gmail.com](mailto:ramiroferreira91@gmail.com)

Adson Santana Lima<sup>2</sup>  
[santanaadson15@gmail.com](mailto:santanaadson15@gmail.com)

### Resumo

As vicissitudes contemporâneas foram, de alguma forma trágica, antecipadas pelo espanto dos filósofos. E quem, como o espírito no sério Nietzsche, viu o poder e o cair em sinais da vida crítica? Nem toda razão se justificou e, por tal mecanismo, emerge a inquietação deste trabalho. Trata-se de projeto a evocar uma permanente releitura – temperada e sem perfectibilidade visível – de ideias obscurecidas pelo navegar em poderes, angústias, bem imaginados e maus prognósticos lançados segundo uma figura antropológica onírica. Serão consultadas fontes bibliográficas e o consciente fenomênico encarnado na presença de quem tenta interpretar. “Novo” sujeito, revoga o cânon ultrapassado do tradicional recinto cíclico do mundo-vivido, obnubilado, distanciando-se. Razão, fé, dúvida, pavor mesclados sentidos, mutuamente excluídos e manufaturados pelo “artífice” desregulado, crítico rosto estético, operador lógico no corpo trans e (extra)-natural. Como resultados esperados, é possível declarar uma motivação provisória: erigir questionamentos necessariamente jungidos nas linhas de força e fraqueza experimentadas por “nós, homens”. O Zaratustra é profética recordação, mas, enquanto prega, ousa transgredir. Comentadores daquele modelo e dos outros incompreendidos elementos móveis contraditórios, em vir-a-ser, transsubstanciaram um indivíduo – o autor tedesco investigado – na profanação desde suas obras. Hoje, resta-nos a fruição montando temores ou subjugação corajosa conforme limites vitais e fugas existenciais há muito logradas. Vem, ó futuro.

**Palavras-chave:** Humanidade Demasiada. Potência. Crise.

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri – URCA.

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri – URCA.



## CONTRIBUIÇÕES DE NIETZSCHE PARA A DISCUSSÃO DE CASOS DE INTERNAÇÕES MANICOMIAIS DE MULHERES

Luciene Marques de Lima<sup>1</sup>  
[lucienemarquesdelima@gmail.com](mailto:lucienemarquesdelima@gmail.com)

### Resumo

Esta escrita resulta do trabalho de conclusão da disciplina intitulada “Leituras do problema de gênero a partir de Nietzsche e Butler” ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Delbó Lopes, no primeiro semestre do ano de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás-doutorado. Propõe uma leitura da filosofia nietzschiana enquanto crítica genealógica à modernidade e como aporte orientador para uma reflexão acerca do papel atribuído à mulher na sociedade Ocidental e considerando as formulações acerca da modernidade extemporâneas, por isto compatíveis com a pós modernidade. Tenta-se compreender como o conjunto de normas e regras sociais – a moral- que define “o que é uma mulher” e como deve ser a sua conduta, desencadeou reações sociais coercitivas, reguladoras e por vezes agressivas contra as mulheres. Tomou-se por objeto casos de violentas internações compulsórias em manicômios brasileiros e a patologização de comportamentos afetivos e sexuais, ocorridos de maneira mais amiúde no século XIX e meados do século XX. Foram estudados registros extraídos de prontuários de manicômios no Brasil divulgados como pesquisas do campo da História, do Direito, do Jornalismo e demais Ciências Sociais. Estas histórias têm em comum o fato de que a autoria da internação ter sido realizada um homem membro da família: pai, irmão, marido, como uma espécie de castigo ou punição por atitudes consideradas por eles inadequadas para uma mulher. Este detalhe permitiu uma aproximação com a filosofia nietzschiana e uma discussão sobre a moralidade dos costumes referentes à mulher, bem como apontar, através da concretude das histórias aqui elencadas, algumas consequências que esta tradição trouxe. Ainda em diálogo com a filosofia de Nietzsche, este estudo vislumbra uma possibilidade para outra vida, para a construção de outra sociedade, com outros costumes [outra moral?].

**Palavras-chave:** Moralidade dos costumes. Violência. Mulheres.

---

<sup>1</sup> Professora do Ensino Superior, com mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás e graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Goiás.



## HISTÓRIA E CRISTIANISMO: A NARRATIVA HISTÓRICA

Nara Livia Timbó de Oliveira<sup>1</sup>  
[nliviatimbo@gmail.com](mailto:nliviatimbo@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho busca expor, de acordo com o que Nietzsche elabora em seu escrito de 1862, *Fatum e História*, o carácter estranhado na relação entre história e vida humana na modernidade. Tal carácter remete às compreensões partidárias acerca da história, as quais reenviam ao afastamento do homem da vida. A compreensão vigente na modernidade é a visão histórica do cristianismo, onde a especulação acerca da história é envolta na moral. Esse olhar moralizante, para Nietzsche, ameaça a vida humana, limitando a vontade individual e impondo aos povos uma forma de vida uniforme.

**Palavras-chave:** História. Cristianismo. Moral.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).



## NIETZSCHE E A FILOSOFIA DA MENTE: UMA CRÍTICA À NOÇÃO DE SUJEITO

Gabriel Trentini Pagnussat<sup>1</sup>  
[gabrielpagnussat123@gmail.com](mailto:gabrielpagnussat123@gmail.com)

Jelson Oliveira<sup>2</sup>  
[jelson.oliveira@pucpr.br](mailto:jelson.oliveira@pucpr.br)

### Resumo

Embora não seja precisamente um filósofo da mente, Nietzsche oferece importantes reflexões sobre a construção do sujeito, portanto da subjetividade e dos processos da consciência, inconsciência, vontade e ação. Para ele, a mente é resultado de processos psicofisiológicos encerrados no corpo, onde o intelecto é inventado como produto da vaidade dos animais inteligentes e tendo por função a conservação do indivíduo. A consciência não é vista como núcleo substancial do 'eu' ligada à crença em uma unidade primordial, mas é apenas algo que o homem desenvolve sob a pressão da necessidade de comunicação. Nisso, o 'eu' é apenas uma ilusão gramatical, dado que todas as línguas ocidentais são estruturadas sobre uma supervalorização da função sintática do sujeito, o qual ganha uma dimensão de ser/substância/essência imutável. Já no que concerne à vontade e à ação, essas são resultado de processos do corpo, no qual ocorre o embate entre a multiplicidade de impulsos e afetos, sendo que a consciência nasce da vitória de um deles. Assim, para a consciência, há um processo de luta e submissão, não de livre vontade de um 'eu' que decide. Como afirma Nietzsche: não penso, mas algo pensa em mim. O autor também identifica a vida e o corpo como vontade de poder, no qual a ação/atividade seria o próprio agente e o ser, não mais do que uma fantasia. Diante desses apontamentos, a questão do sujeito costuma ser vista, pelos intérpretes do pensamento nietzschiano, de duas formas: como multiplicidade de impulsos e afetos vinculados ao corpo; e/ou ficção que não corresponde a uma unidade, mas à pura ação, constituindo, assim, uma máscara. O que permanece incontroverso, é a tentativa de enxergar a subjetividade por olhos não metafísicos.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Filosofia da mente. Subjetividade.

---

<sup>1</sup> Discente de Direito e Filosofia pela Universidade Paranaense- UNIPAR. Bolsista do programa Externo de Bolsas de Iniciação Científica – PEBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Professor e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1999), especialização em Sociologia Política e mestrado em História da Filosofia Moderna e Contemporânea pela mesma Universidade (2004) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, com pesquisa sobre a Amizade em Nietzsche. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Exeter (Reino Unido), com bolsa CAPES (2016).



## NIETZSCHE E A MÚSICA

Marina Lícia dos Santos<sup>1</sup>  
[santosmarinalicia@gmail.com](mailto:santosmarinalicia@gmail.com)

### Resumo

Esse trabalho tem o objetivo de analisar a importância exercida pela música na obra de Friedrich Nietzsche. Sendo um tema essencial na formulação de seu pensamento, na música ele encontra ferramenta necessária à sua filosofia, no questionamento da ideia de autonomia do sujeito, na discussão da relação da linguagem com o mundo, assim como na sua reflexão acerca do que é pensar. Segundo Nietzsche (2007, p. 97), a música está sujeita ao humano, sendo fruto da dança entre o dionisíaco e o apolíneo, das afecções geradas de um no outro. Sendo alvo de crítica enquanto linguagem artística pela tradição filosófica, por ser uma arte “isenta de imagens”, Nietzsche a considera um exercício de liberdade, uma vez que desafia a racionalidade e a formulação do pensamento, se apresentando por isso como uma possibilidade transgressora à própria filosofia, fato que ele explica através da noção de “música absoluta”. Para ele, a música nos “proporciona o núcleo mais íntimo, que precede toda configuração, ou seja, o coração das coisas” (NIETZSCHE 2007, p. 100).

**Palavras chaves:** Nietzsche. Música. Filosofia.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe, aprovada no Mestrado em Educação pela mesma instituição.



## NOTAS SOBRE O CONCEITO DE VERDADE EM NIETZSCHE E RORTY: ATRAVESSAMENTOS

Glaucer Ferreira Silva<sup>1</sup>  
[ferreiraglaucer@gmail.com](mailto:ferreiraglaucer@gmail.com)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é, primeiramente, explicitar como a crítica do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), quanto à ideia de verdade, se insere na história da filosofia e quais são as consequências do diagnóstico oferecido pelo autor em relação a este tema e suas implicações na contemporaneidade. Como aporte teórico, utilizaremos os textos: *Verdade e Mentira no Sentido Extramoral* (1873); *Além do bem e do mal* (1886) e *A Genealogia da Moral* (1887). Em um segundo momento, apontaremos para o filósofo neopragmatista norte americano Richard Rorty (1931-2007) e sua contribuição sobre o problema em questão. Por fim, argumentamos que a filosofia nietzschiana apresenta momentos de aproximação e distanciamento quanto à perspectiva do neopragmatismo.

**Palavras-chave:** Verdade. Nietzsche. Rorty.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras-Português e em Filosofia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (PPGFIL). Tenho especial interesse por temas da filosofia nietzscheana com ênfase na elaboração estética apresentada pelo autor.



## O “ÓDIO AMOROSO”: A RELAÇÃO AMBÍGUA ENTRE NIETZSCHE E SÓCRATES SEGUNDO PIERRE HADOT

Frank Alexandre Rosa Freitas<sup>1</sup>  
[professorfzr@gmail.com](mailto:professorfzr@gmail.com)

### Resumo

Em toda a sua obra Hadot perpassa a ideia de que a filosofia é feita através de *exercícios espirituais*. Podemos dizer que o que ocorre em um exercício espiritual é uma experiência vital ao lidar com um tipo de processo que passa qualquer um que esteja reestruturando os elementos vitais de sua vida, como a morte, a felicidade, a justiça, o amor. No combate criado por Nietzsche contra Sócrates ele critica severamente os valores morais e principalmente “o responsável pela decadência moral e o destruidor da *tragédia grega*” e está crítica se inicia em Sócrates. A crítica acerca da racionalidade socrática parece um conflito irreconciliável, pois no contexto em que o pensador moderno a faz é um dos pilares de sua filosofia. Seu pensamento divergente em muitos aspectos à filosofia socrática, entretanto, converge, segundo Hadot, em muitos pontos ao pensador ateniense. Portanto, para Pierre Hadot existem nuances capazes de aproximar a filosofia de Nietzsche e Sócrates. Nesse sentido o filósofo francês fala do “ódio amoroso” que liga Nietzsche a Sócrates, ou nas palavras de Pierre Hadot: “uma das máscaras de Nietzsche é certamente o próprio Sócrates”, a relação entre ambos é um embate ambíguo, mas também um exercício de transformação dos elementos vitais da vida. Nietzsche através do “ódio amoroso” que cria “máscaras” em sua relação conturbada com Sócrates: quando o pensador ateniense chama os homens a olharem dentro de si e se autoconhecerem cuja a proposta é transforma-los interiormente através do cuidado de si e o cuidado com os outros não seria essa prática uma afirmação da vida no sentido nietzschiano? Afinal “Nietzsche conhecia bem a estranha sedução exercida por Sócrates”. Esse é o aspecto analisado por Hadot: pois em meio a este conflito existem paradoxos que os aproximam.

**Palavras-chave:** Exercícios Espirituais. Nietzsche. Sócrates.

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal do Pará.



**O CUIDADO DE SI:  
UM DIÁLOGO ENTRE DA EXPERIÊNCIA DE  
MONTAIGNE E O ECCE HOMO DE NIETZSCHE.**

Leandson Vasconcelos Sampaio<sup>1</sup>  
[leandson@hotmail.com](mailto:leandson@hotmail.com)

**Resumo**

A comunicação visa estabelecer um diálogo entre o ensaio “Da Experiência” do filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), último ensaio do seu livro “Ensaaios” (1580), e a autobiografia do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) “Ecce Homo – como alguém se torna o que é” (1888), com um recorte na questão do “cuidado de si” aproximando os dois textos. Em Da Experiência, Montaigne faz uma espécie de estudo de si mesmo como uma valorização da experiência pessoal enquanto produção de autoconhecimento na qual a descrição das suas vivências pessoais são fundamentais no campo prático do autocuidado em busca de um bem viver. Neste horizonte, diz ele: “Estudo a mim mesmo mais do que qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a minha física e a minha metafísica”. Ou seja, em seus relatos de sua experiência pessoal de vida cotidiana em que demonstra o seu conhecimento de si mesmo, Montaigne busca uma “grande saúde” do corpo, criando uma ética do autoconhecimento fisiológico através do estudo de si. Nesta mesma perspectiva encontramos em Ecce Homo de Nietzsche um cuidado de si em sua descrição de sua vida cotidiana, sobretudo, no capítulo “Por que sou tão inteligente”, no qual toca em vários pontos de suas experiências de vida sobre a sua alimentação, a sua fisiologia, o clima onde vive etc. onde “reina um instinto de autoconservação que se expressa de maneira mais inequívoca como instinto de autodefesa”. Ou seja, pretendemos mostrar como há uma aproximação dos dois autores a partir de suas vivências pessoais para se pensar sobre “a arte da preservação de si mesmo do *amor de si*”, como diz Nietzsche, em busca de uma ética do cuidado de si, tão necessária hoje em dia em tempos sombrios e de pandemia.

**Palavras-chave:** Ética. Autoconhecimento. Saúde.

---

<sup>1</sup> Professor, Licenciado e mestre em Filosofia pela UFC.



## O FILÓSOFO-ARTISTA: A ERA DO HOMEM TRÁGICO

Gédson Pablo Mendes Santos<sup>1</sup>  
[gedson\\_pablo@yahoo.com.br](mailto:gedson_pablo@yahoo.com.br)

### Resumo

Nietzsche, na sua obra *O Nascimento da Tragédia* (1992), conceitua e dar sentido metafísico ao artista. Pois, na sua concepção, o artista é aquele que, por meio dos impulsos artísticos, redime-se do sofrimento e da dor. Estes impulsos artísticos, que são constituídos na relação fraterna e dicotômica entre os deuses Apolo e Dioniso, configura a arte trágica e, conseqüentemente, dar voz ao homem trágico que cria a si e o mundo por meio da “vontade” helênica. Com a configuração da arte trágica, surge a era do homem trágico, contrário ao “socratismo estético” do homem teórico. Surge, portanto, a era do matador de dragões que vive na plenitude e completude da sua existência a mais alta potência capaz de tornar em leveza, alegria e ligeireza o peso da vida. Portanto, o filósofo-artista nada tem a ver com um sujeito estético contemplativo, pelo contrário, sua postura é criativa perante a vida. Pois, nele há potência criadora que afirma a vida e a torna *suportável* e digna de ser vivida. Assim, a arte é para o filósofo-artista uma espécie de consolo metafísico mesmo sabendo que “viver é muito perigoso” porque quase sempre acaba em morte (ROSA, 2001). Mas, afinal, como o homem trágico, o filósofo-artista afirma a vida em meio aos aspectos sombrios da existência de forma que a existência seja justificada e redimida? Segundo Nietzsche, somente por meio da arte trágica é possível transformar a vida, os acontecimentos mundanos, a imagem do herói sofredor, dando-lhes o estatuto de perfeição. Portanto, o papel do filósofo-artista é de transformar o mundo e a vida até serem reflexos de sua perfeição. Ou seja, o homem trágico é aquele que deve transfigurar a vida em obra de arte, pois, “[...] *ter de transformar no que é perfeito é - arte*” (NIETZSCHE, 2006, p. 42).

**Palavras-chave:** Impulsos Artísticos. Arte Trágica. Vida.

---

<sup>1</sup> Licenciado em filosofia pela UFJF, mestrando do PROF-FILO/Unimontes.



## O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA E HUMANO, DEMASIADO HUMANO EM DISCUSSÃO

Jovan Batista de Sousa<sup>1</sup>  
[jovanbatistasousa@gmail.com](mailto:jovanbatistasousa@gmail.com)

### Resumo

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) tornou-se muito importante por sua maneira bastante versátil de escrever e conduzir críticas, ao mesmo tempo em que provocou no leitor o questionamento acerca daquilo que é contrário à vida enquanto potência e instinto, já que ambos equivalem à verdadeira arte, cultura e a vida, em criação e movimento. Partindo dessas considerações, neste trabalho, buscamos demonstrar a importância da vida a partir da ideia de arte que é posta em questão pelo filósofo alemão. Ao nos debruçarmos sobre suas ideias e análises sobre a arte, sobretudo em O nascimento da tragédia e Humano, demasiado humano, como configuração e intensificação da vida, percebemos uma crítica da arte pautada na valorização da potência e do humanismo. Logo, temos como proposta de exame a valorização desta, sua afirmação; a despeito da negação da ideia de um mundo suprassensível fundada numa verdade, no além, o que, por sua vez, é negadora, decadente e niilista. Tal fato, segundo Nietzsche, mortificaria a cultura, a civilização e a vida por um nada, um nada querer. Em paralelo, trazemos Foucault para a discussão, ao aferir a revisão histórica moderna e salientar, numa toada similar à do filósofo alemão, que os conceitos de verdade devem ser repensados no contexto da filosofia contemporânea.

**Palavras-chaves:** Arte. Dionísio. Apolíneo.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia e Psicanalista em formação.



**O PROBLEMA DA VERDADE NO JOVEM NIETZSCHE:  
PERCEPÇÃO E CORRESPONDÊNCIA NA CRÍTICA DE MAUDEMARIE CLARK**

Edilson Miranda Junior<sup>1</sup>  
[9edilson@gmail.com](mailto:9edilson@gmail.com)

**Resumo**

O objetivo deste trabalho é demonstrar a interpretação de Maudemarie Clark sobre o jovem Nietzsche a respeito do escrito Verdade e Mentira no Sentido Extramoral, segundo a qual o motivo das dificuldades atinentes ao conhecimento da verdade estão relacionados a uma teoria representacional da percepção, com influência de Schopenhauer, e um teoria da correspondência metafísica da verdade; motivo pelo qual a autora conclui que Nietzsche não tem sucesso em destruir o conceito de verdade como correspondência, haja vista que ele necessita desse conceito para dar sentido ao seu próprio texto e evitar que ele se torne autodestrutivo.

**Palavras-Chave:** Verdade. Linguagem. Metáfora.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPA.



## O PROBLEMA MORAL DO IMPULSO À VERDADE E A ESTÉTICA DA VONTADE DE PODER COMO SAÍDA POSSÍVEL

Raul Reis Araújo<sup>1</sup>  
[raularaujo17@gmail.com](mailto:raularaujo17@gmail.com)

### Resumo

No pequeno texto nietzschiano não publicado em vida (Sobre verdade e mentira num sentido extramoral), um problema é apresentado pelo autor, o problema da verdade, do impulso à verdade. Esse impulso traz à tona várias sequelas abordadas por Nietzsche e, a que nos interessa é a polissemia do conceito de verdade. Recorremos a obra Crepúsculo dos ídolos para observar quais sentidos permanecem importantes ao autor, quais não, se há algum prejuízo ou contradição em tais termos e, principalmente, se, estando o homem atrelado a essa verdade que o concede consciência das coisas, tentar mostrar as condições de possibilidade de libertação do mesmo. Para isso, outro conceito de sua maturidade, que seja, vontade de poder, revela uma solução estética para o caso, uma vez que o ser humano é criador de sentido, é justamente através da recobrada consciência desse fato que o homem volta ao ato da criação, onde ele é artista, portanto, a solução se apresenta na estética.

**Palavras chave:** Verdade. Moral. Vontade de Poder.

---

<sup>1</sup> Professor Me. da rede estadual do Pará (SEDUC – PA).



## O SUICÍDIO A PARTIR DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE: UMA CONTRADIÇÃO DIANTE DA VONTADE DE POTÊNCIA?

Derijones Leandro Silva Júnior<sup>1</sup>  
[deri\\_jr@hotmail.com](mailto:deri_jr@hotmail.com)

### Resumo

A vontade de potência, uma ideia central no pensamento de Friedrich Nietzsche, seria uma tendência cósmica e vital ao confronto e acúmulo de forças. No fenômeno da vida esta vontade tende o vivente para um aumento de sua potência, no entanto é constatado na obra do filósofo que a vontade de potência, além de tender o vivente à superação de si, também pode tender o vivente à sua destruição, e com isso tem-se um paradoxo: como a vontade de potência pode destruir um vivente reduzindo sua potência a zero? Nietzsche apresenta este conceito contrapondo-o ao do instinto de conservação de Spinoza, sendo este apenas um caso particular da vontade de potência. Por conta de vícios idealistas há morais que podem tender o vivente a matar-se lentamente, para o filósofo boa parte destas morais têm suas bases no cristianismo e no platonismo, para ele, por meio da criação de um mundo interno chamado consciência a humanidade internaliza valores, que podem ser favoráveis ou não à vida, apenas uma transvaloração de todos os valores pode levar o humano a superar-se e libertar-se dos valores que adoecem e levam ao lento suicídio. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico a partir das obras de Nietzsche. Resulta-se que para reverter a morte lenta do humano, o filósofo, oferece caminhos que podem aliviar a dor da alma levando-a a uma postura afirmativa: o espírito dionisíaco, o amor fati, a ideia do eterno retorno de todas as coisas e o além do homem.

**Palavras-chave:** Suicídio. Vontade de Potência. Vida.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE



## O SUPER-HOMEM EM NIETZSCHE E AS EXPRESSÕES DE ALIENAÇÃO NO BRASIL: O QUE ZARATUSTRA NOS DIRIA?

Edson Ribeiro Luna<sup>1</sup>  
[edsonluna@gmail.com](mailto:edsonluna@gmail.com)

Miguel Júnior Zacarias Lima<sup>2</sup>  
[miguel.lima@urca.br](mailto:miguel.lima@urca.br)

### Resumo

Em sua obra “Assim falou Zaratustra”, por meio do personagem Zaratustra, Nietzsche apresenta o super-homem (*Übermensch*) em uma concepção antropológica a partir da qual afirma que o ser humano deve transpor sua condição humana atual pela vontade de potência e assim alcançar autonomia e autenticidade. É a afirmação da possibilidade de estarmos numa situação de superioridade frente a todos os valores estabelecidos enquanto seres livres e autênticos. Almejamos com nosso trabalho, a partir da referida obra, apresentar essa concepção nietzschiana de super-homem e o imperativo da moralidade como o fator que dificulta às pessoas perceberem suas potencialidades, fazendo-as permanecerem inferiorizadas, sucumbidas pelos ditames alheios. Mostraremos que Nietzsche, por meio de Zaratustra, identifica a possibilidade que todas as pessoas dispõem para superar os falsos valores e os ídolos e que ao mesmo tempo constata que, ao contrário, renunciaram a sua liberdade e a sua autonomia em troca de um sentido existencial que permita desvencilharem-se do sofrimento. Por causa da sua falta de ousadia e de coragem há ideologias alienantes que maquam a realidade, que estagnam a vida humana e atrofiam sua criatividade. Considerando a realidade brasileira, pontuaremos que Zaratustra nos alertaria para a necessidade de afirmarmos nosso super-homem para superar o abismo em que nós estamos, marcado mais do que nunca pela ação acediosa do capitalismo que está encontrando eco nas propostas neoliberais do governo atual e nas demais expressões do mundo globalizado graças ao espaço aberto pela nossa inércia, pela renúncia de nossas potencialidades e entrega a ideais heterônomos.

**Palavras-chave:** Super-homem. Alienação. Ideologia.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia. Professor de Filosofia na SEDUC/Crato-Ce.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela UFC. Professor do departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA/Crato-Ce.



## PANDEMIA E CORPO ANTIAQUILES: REFLEXÕES AUTOENOGRAFICAS

José Welhinjton Cavalcante Rodrigues<sup>1</sup>  
[welhinjtoncavalcante@gmail.com](mailto:welhinjtoncavalcante@gmail.com)

### Resumo

Dispara a flecha da vida nesse período de pandemia da Covid-19 e meu corpo todo torna-se um alvo ambulante. Viver sozinho na capital da Paraíba, ser viado, pobre e estar doutorando em direito não-bolsista são marcadores da minha vulnerabilidade. Sob a égide do isolamento social em razão da pandemia, tenho me sentido solitário, ansioso e várias feridas traumáticas resolveram que esse seria o momento mais pertinente para sangrar. É nesse contexto que retomo a leitura e estudo do texto sobre Zaratustra e que a terceira vez que ele canta na obra me inspira a encarar a experiência de mim mesmo como um corpo antiAquiles, pois vulnerável em tudo. Contudo, algo da criança esperançosa que eu fui, que adorava repetir quase que interminavelmente a atividade de casa de matemática até acertar o resultado do cálculo, permanece inalterado. Estudar Nietzsche me presenteou com um vislumbre momentâneo da vontade de potência e me fez me dar conta de que “a minha antiga vontade quer andar no seu passo pelos meus pés”. Desse modo, o meu corpo vulnerável a absolutamente todas as coisas, consegue conservar minha vontade como força resistente a qualquer flecha. Ao longo dessa pandemia, tenho refletido sobre mim mesmo e sobre meus afetos; tenho pensado sobre meus traumas e tentado reelaborá-los; tenho conversado com minhas amigas e buscado saber como elas têm conseguido lidar com o isolamento; falo com minha mãe todos os dias; eventualmente recorro a serviços gratuitos de atendimento psicológico; e pratico alguma atividade física quando me sinto disposto. Portanto, este relato autoetnográfico é sobre os meus processos de construção e destruição de mim ao tentar cuidar da minha saúde (mental) no agora a partir da minha vontade de dizer “Sim!” a vida.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. AntiAquiles. Vontade de Potência.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba.



## QUEM ESCOLHE O TEMA DE PESQUISA NO MESTRADO E NO DOUTORADO? DIÁLOGOS COM NIETZSCHE

Igor Vinicius Lima Valentim<sup>1</sup>  
E-mail: [valentim@gmail.com](mailto:valentim@gmail.com)

### Resumo

Como os escritos de Nietzsche podem servir como ferramentas para analisarmos os processos de escolha dos temas pesquisados pelos estudantes nos mestrados e doutorados em universidades públicas brasileiras hoje? A partir das obras Assim falou Zaratustra, Aurora e Ecce Homo, buscamos insumos, estabelecer pontes e diálogos. O que o modo como os temas de pesquisa nos mestrados e doutorados são definidos nos fornece de pistas sobre a educação universitária pública brasileira e sobre os mundos que estamos construindo? Quem escolhe o tema a ser pesquisado na pós-graduação? Os orientadores e orientadoras? Os estudantes-pesquisadores? O que entra em disputa nestas relações? Não há generalizações aqui. Com o método autoetnográfico, este texto busca provocar reflexões a respeito do que as atitudes relativas à escolha de temas de futuros orientandos e orientandas de mestrado estimulam e produzem em termos de mundos. De sociedades. De subjetividades. Um e-mail recebido na primavera de 2019 de um desconhecido, interessado em cursar doutorado, que quer agradar o possível orientador com relação à escolha e definição do seu próprio tema de pesquisa de doutoramento. Desassossego. Angústia. Inquietude. O que as diferentes posturas com relação à escolha do tema de pesquisa estimulam e produzem em termos de modos de ser, estar, ver, sentir e nos enxergarmos?

**Palavras-chave:** Universidade. Pós-Graduação. Relações Acadêmicas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia Econômica e das Organizações (Universidade de Lisboa). Professor Associado do Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Investigador do SOCIUS/CSG, da Universidade de Lisboa. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da



## REFLEXÕES SOBRE O PENSAR HISTÓRICO ASSOCIADO À VIDA: UMA ANÁLISE SOBRE A II CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Samir Lola Roland<sup>1</sup>  
[samirlolaroland@gmail.com](mailto:samirlolaroland@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho procura compreender desdobramentos a respeito do conceito de vida e de história na II Intempestiva “sobre a utilidade e desvantagem da História para a vida” de Friedrich Nietzsche. A história independentemente de suas modalidades: seja monumental, tradicionalista ou crítica, deve se preocupar, segundo o filósofo, com os problemas do presente e com a construção de um futuro vigoroso. Dessa maneira, podemos destacar tanto a crítica aos eruditos que se preocupavam apenas com o aumento do conhecimento completamente desvinculado da vida, bem como a crítica direcionada aos modernos que se percebiam como juízes do passado e detentores da verdade. Nesse sentido, a própria cultura moderna, só existia enquanto reprodução de outras culturas passadas, entretanto, via-se superior ao ponto de julgar e se classificar melhor que outras culturas. De fato, o filósofo destaca ainda a importância dos grandes homens na escrita de uma história que fizesse a relação entre passado, presente e futuro, utilizando-se das forças a-históricas e supra históricas contra a “doença histórica”, seria necessário tanto esquecer como direcionar seu olhar para o devir, tornando o conhecimento histórico a serviço da vida.

**Palavras-chave:** Modernidade. História. Vida.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Humanas e especialista em Filosofia e Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Pará.

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



## Diálogo com Foucault



## A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM EM AS PALAVRAS E AS COISAS DE MICHEL FOUCAULT

Miguel Junior Zacarias Lima<sup>1</sup>  
[miguel.lima@urca.br](mailto:miguel.lima@urca.br)

Edson Ribeiro Luna<sup>2</sup>  
[edsonluna@gmail.com](mailto:edsonluna@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem o propósito de investigar o conceito de linguagem na obra “As palavras e as coisas”, de Michel Foucault. Temos a pretensão de compreender as diversas perspectivas presentes nesta obra, partindo das reflexões que estão no prefácio, voltadas para as noções de “episteme” e “linguagem”, nos levando às especificidades de cada época estudada pelo filósofo, com seus respectivos princípios. Priorizando aqui as investigações de Foucault sobre a questão da linguagem, esta obra nos reporta, de uma forma dinâmica e sistemática, a compreensão de que a linguagem não pode ser vista apenas como um instrumento ou ferramenta inerente à condição humana, mas que sua constituição e sentido, fundamenta-se a partir da construção da própria subjetividade. Neste sentido, é fundamental compreendermos qual foi o percurso trilhado por Foucault e quais perspectivas teóricas este pensador percorreu em sua reflexão para esse intento. No Renascimento, o trabalho de Foucault encontra amparo no princípio da semelhança; na época clássica, na representação; e, na modernidade, na história, perfazendo estes conceitos será possível compreender, de uma forma sistemática, as teses por Foucault abordadas. Por fim, considerando a linguagem em cada uma dessas diferentes conjunturas, trataremos de observar à luz de suas próprias modalidades, como a questão da representação, da história e do discurso à luz dos desafios epistemológicos são tratados.

**Palavras-chave:** Linguagem. História. Representação.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela UFC, professor do departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA/Crato - CE.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia, professor de Filosofia no Centro de Educação de Jovens e Adultos Mons. Pedro Rocha. SEDUC/ Crato – CE.



## A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE MORAL NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

Bruno Camilo de Oliveira<sup>1</sup>  
[bruno.camilo@ufersa.edu.br](mailto:bruno.camilo@ufersa.edu.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a perspectiva de Michel Foucault sobre a formação da subjetividade moral para em seguida refletir sobre o lugar do desejo na autonomia de si e das atitudes práticas. Em seus textos intitulados “O uso dos prazeres” e “Cuidado de si”, Foucault ressalta que a ação moral não deve se constituir em atos conforme uma regra de conduta sustentada por conceitos morais, mas em atos conforme uma relação pura do sujeito com a sua sabedoria interna (subjetividade), relação essa que não deve ser compreendida como simplesmente uma “consciência de si” como sujeito moral, mas como uma “constituição de si” como sujeito moral. Considera-se essa posição de Foucault sobre a formação da subjetividade moral para analisar o lugar do desejo na autonomia de si e das atitudes práticas, sobretudo se forem considerados: o poder do mais forte, na medida em que influencia instituições para difundir interesses na sociedade, corrompendo os desejos particulares dos indivíduos; as “técnicas de si”, como práticas racionais e voluntárias que coíbem desejos, pelas quais os seres humanos determinam para si mesmos regras de conduta que correspondem a valores estéticos; e o “cuidado de si”, como forma de controle do desejo e de tentativa de transformar a si mesmo e as condutas práticas em sujeito e condutas morais.

**Palavras-chave:** Subjetividade Moral. Desejo. Cuidado de si.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia (bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010), graduação em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2018). Atualmente é professor adjunto, nível 1, da Universidade Federal do Semiárido.



## A INFÂME TAREFA DE RESISTIR: AÇÃO POLÍTICA PARA ALÉM DO FACE-A-FACE COM O PODER

Thiago Ayres de Menezes Silva<sup>1</sup>  
[ayres-thiago@hotmail.com](mailto:ayres-thiago@hotmail.com)

### Resumo

No Brasil, desde o golpe parlamentar de 2016 que deflagrou uma acentuada intensificação de uma política de destruição de todas as ecologias que nos constituem, tem surgido uma série de palavras de ordem que se repetem e retomam a cada manifestação contra o governo ou a cada nova hashtag nas redes sociais. O que esses gritos de indignação parecem indicar é que a tarefa das forças que não compactuam com o projeto de país que agora viceja é de barrar o seu livre movimento, desacelerar o seu apetite vampírico e resistir às suas investidas, tentando salvar o que for possível. Mas, e se o enfrentamento não for a única alternativa? E se não for sequer a melhor alternativa? É à exigência dessa interrogação que a presente investigação procura responder a partir de um diálogo que se posiciona no interior de outro diálogo, aquele dos filósofos franceses Michel Foucault e Gilles Deleuze. A partir da compreensão de Deleuze de uma crise que teria se instaurado no pensamento de Foucault após a publicação de *A Vontade de Saber*, na qual o autor desse livro teria buscado transpor o limites de uma concepção de resistência sempre determinada pelos próprios dispositivos de poder, o que buscaremos analisar é se essa leitura se sustenta no próprio pensamento foucaultiano e quais seriam as características distintivas desses dois modos de agir politicamente. A seguir, aproximaremos essas reflexões a alguns conceitos do pensamento deleuziano para delimitar de modo mais claro uma outra forma de ação política e investigar de que modo o dispositivo constituído por esses pensamentos pode se apresentar como uma alternativa para a asfixia que parece ter se sedimentado como um dos traços fundamentais desse fim de década e como uma das heranças mais incertas que ela deixa para a década que logo mais se inicia.

**Palavras-chave:** Filosofia Política. Michel Foucault. Gilles Deleuze.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela UFPI e professor da Rede Pública Estadual do Ceará.



## A INVENÇÃO DO INIMIGO

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira <sup>1</sup>  
[janafortes@hotmail.com](mailto:janafortes@hotmail.com)

Jefferson Cícero de Mesquita Soares <sup>2</sup>  
[jeffersoncms01@hotmail.com](mailto:jeffersoncms01@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho busca tensionar perspectivas sobre a invenção/fabricação do inimigo. O estudo se inscreve dentro da epistemologia criminológica comungada com formas de pensar afins. Os caminhos que se traçam são *ab initio* lançar luz sobre o conceito de inimigo para *a posteiori* (re)pensá-lo, dentro de um recorte espaço-temporal que abarque o processo de centralização do poder e de racionalização do saber, o que resulta, por exemplo, na expropriação do conflito e na *sacralização* da Justiça. Por isso, o entrelace do inimigo, do saber, que o inventa/fábrica, e do poder, que atua sobre seu corpo-alma, constitui a principal liga do texto. O que sustenta o *status quo* senão a possibilidade de dizer e de legitimar toda uma estrutura social frente ao individual(izado) delinquente? Como é possível estabelecer um *modus operandi* a nível individual senão como reação a um comportamento caracterizado como anormal? Qual a relação entre o inimigo e o sistema de produção? A hipótese que se pretende demonstrar é: há uma interação *sine qua non* entre a invenção/fabricação do inimigo e o sucesso do processo de centralização e de racionalização do poder-saber, fundamental para a consolidação do sistema capitalista, do Estado liberal e do devir moderno. A abordagem metodológica é bibliográfica. Por isso, o texto se constrói atravessando autores como Foucault (2002; 2010; 2014), Zaffaroni (1988; 2017), Pavarini (2002; 2009), Melossi e Pavarini (2006), Anitua (2008), Rusche e Kirchheimer (2016), entre outros textos que, por se mostrarem atuais, compõem os atravessamentos.

**Palavras-chave:** Inimigo. Processo de Racionalização. Sociedade Disciplinar.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/Parnaíba; atua em pesquisas e extensões no campo da Criminologia.

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º bloco de Direito da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/Parnaíba, pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – VOLUNTÁRIO 2019-2020.



**A NORMA:  
UMA VARIÁVEL IMPORTANTE PARA PENSARMOS O JOGO DE FORÇAS NA EDUCAÇÃO**

Mariana Maia Moreira<sup>1</sup>  
[marianamarvel@yahoo.com.br](mailto:marianamarvel@yahoo.com.br)

**Resumo**

Ao pensar no conceito de genealogia, Nietzsche não se opõe à história, mas se opõe à pesquisa da "origem", pois, para o filósofo alemão a "origem" busca um fundamento metafísico, um lugar da verdade. "A genealogia pretende mostrar que não existe a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente" (FOUCAULT, 1979, p.15). O método genealógico pretende fazer aparecer todas as discontinuidades, ou seja, fazer aparecer os saberes desqualificados, não legitimados por uma normalidade imposta pela sociedade. A partir da análise genealógica podemos tentar compreender as inúmeras práticas que ocorrem no ambiente educacional, como uma técnica que, juntas, emerge uma tecnologia que tem como objetivo alcançar os corpos e imprimir-lhes certa disposição social. Fazendo uso dos livros: Vigiar e Punir (1975) e Em Defesa da Sociedade (1976) e do texto: O Sujeito e o Poder (1982), pretendo pensar na luta "contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros" (FOUCAULT, 1982, p.278), procuro entender: Como os dispositivos – um conjunto de práticas discursivas e não discursivas – fazem emergir a sociedade da normalização? Como estão entrelaçadas no jogo político-educacional as normas das tecnologias de disciplina e as tecnologias de regulação?

**Palavras-chave:** Disciplina. Norma. Educação.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (português/espanhol) pelo Centro Universitário da Cidade; licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Pós-graduada em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



## A PARRHESÍA E SEUS INIMIGOS: UMA LEITURA DA HERMENÊUTICA DO SUJEITO.

Ronald Valentim Gomes Sampaio<sup>1</sup>  
[ronaldvalentimsampaiosampaio@gmail.com](mailto:ronaldvalentimsampaiosampaio@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar em linhas gerais a leitura foucaultiana da parrhesía e a sua relação com seus opositores: a lisonja e a retórica. Resulta do estudo das aulas que constituem o curso *A Hermenêutica do sujeito* de Michel Foucault. Os cursos finais de Michel Foucault no Collège de France (*L'herméneutique du sujet* de 1981-1982; *Le gouvernement de soi et des autres* de 1982-1983; *Le courage de la vérité* de 1983-1984, bem como nas obras publicadas em 1984: *L'usage des plaisirs* e *Le souci de soi*) tematizam a parrhesía com profundidade. Contudo, é na *Hermenêutica do sujeito*, precisamente na aula de 10 de março de 1982, que Foucault apresenta com detalhes os inimigos da *parrhesía* – a lisonja, ou bajulação, e a retórica, verdadeira técnica de persuasão. Designa a *parrhesía* como a qualificação ética do sujeito que usa da palavra na relação com aqueles que a escutam. Assim sendo, ela, a *parrhesía*, está inserida na ética do cuidado de si e no governo de si e dos outros, a partir da relação entre sujeito e verdade e mestre e discípulo.

**Palavras-chave:** *Parrhesía*. Lisonja. Retórica.

---

<sup>1</sup> Professor na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, mestrado em Psicologia e aluno do Programa de Mestrado em Filosofia da UFPA.



## A VERDADE EM MICHEL FOUCAULT: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Karina Luiza de Freitas<sup>1</sup>  
[karinalfa@gmail.com](mailto:karinalfa@gmail.com)

### Resumo

O estudo que será apresentado terá um caráter teórico, tendo como objetivo tecer uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da verdade. Como fundamentação teórica pautaremos dos estudos da análise do discurso de linha francesa e nos estudos realizados por Michel Foucault que tratam da constituição dos sujeitos e como as relações de poder/saber corroboram para a construção de “verdades”. A partir desse aparato teórico podemos afirmar que os sujeitos são constituídos pela exterioridade e as verdades que os cercam são cambiantes e se repetem em muitos momentos históricos, entretanto, com sentidos díspares. Elas são tramas discursivas que apresentam sentidos que estão intrinsecamente relacionados com a história que permeia a produção do discurso. Os resultados apresentados, a partir da nossa discussão, apontam para o fato de que a vontade de verdade que emerge nos discursos não insurge no sentido de apresentar uma outra verdade que substitua a primeira, mas sim, de pôr à prova a contradição constitutiva dos sujeitos e, conseqüentemente, do próprio discurso. Acreditamos que essa reflexão teórica se faz de fundamental importância para compreendermos o momento político estabelecido no Brasil, as verdades que circulam e os efeitos de sentido que emergem dessa materialidade linguística que constituem a subjetividade de muitos brasileiros.

**Palavras-chaves:** Verdade. Discurso. Sujeito.

---

<sup>1</sup> Doutorado em estudos linguísticos pela universidade federal de Uberlândia, professora UFU/ESEBA e integrante do LEDIF -UFU.



## ANOTAÇÕES SOBRE A ÉTICA DO CUIDADO DE SI COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Dra. Cristiane Maria Marinho<sup>1</sup>  
[cmarinho2004@gmail.com](mailto:cmarinho2004@gmail.com)

### Resumo

O objetivo da comunicação proposta aqui, intitulada *Anotações sobre a ética do cuidado de si como prática da liberdade*, é pensar sobre os principais pontos da entrevista homônima, concedida por Foucault em 1984, para refletir: primeiro, sobre o caráter não prescritivo da ética proposta nesse texto; segundo, qual o peso dessa ética no contexto do pensamento foucaultiano no último ano de sua vida; terceiro, pensar sobre a prática da liberdade como resistência tal como indicada pelo autor no texto; quarto, a que se contrapõe ou avança o tipo de ética proposta na entrevista em relação à ética do sujeito de direito que marcou a modernidade contratualista; quinto, refletir sobre a não finitude das relações de poder em face das propostas totalizantes de liberação também presente neste escrito foucaultiano; e, por fim, entender porque o *êthos* da prática da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros.

**Palavras-chave:** Ética. Cuidado de si. Prática da Liberdade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia – UFG e professora da UECE.



## AS ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL PRESENTES NO ENSINO JURÍDICO DA “POLÍTICA JUDICIÁRIA NACIONAL DE TRATAMENTO ADEQUADO DOS CONFLITOS DE INTERESSES NO ÂMBITO DO PODER JUDICIÁRIO”

Ana Carla de Oliveira Bringuento<sup>1</sup>  
[anacarlabrin@hotmail.com](mailto:anacarlabrin@hotmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa intenta verificar como as estratégias de governamentalidade neoliberal encontram-se presentes no ensino jurídico da “Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário”, instituída pela Resolução n. 125/2010 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Inicialmente, evidenciam-se as noções foucaultianas relativas ao poder, resistência e normalização. Em seguida, investiga-se como a disciplina e a biopolítica são estratégias de poder na sociedade de normalização, evidenciando-se as noções governamentalidade para demonstrar como o direito ao acesso à justiça e os direitos humanos são elementos estratégicos da biopolítica. Por fim, analisa-se como as estratégias de governamentalidade neoliberal encontram-se presentes no ensino jurídico da “Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário”, instituída pela Resolução n. 125/2010 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A partir de pesquisa predominantemente dedutiva e revisão de bibliografia sobre o tema, pretende-se examinar como as relações de poder permeiam as práticas de ensino desta modalidade de resolução de conflitos, o que traz revelador presságio da utilização dos recursos de biopolítica e governamentalidade neoliberal no âmbito das políticas públicas judiciárias.

**Palavras-chave:** Resolução de Conflitos. Governamentalidade. Neoliberalismo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Direitos Sociais pela UFPEL. Especialista em Direito Público, com ênfase em Direito Constitucional pela Universidade Potiguar (UnP). Graduada em Direito pelo Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha (UVV). Docente no Curso de Direito na FDA.



## ATITUDE CRÍTICA COMO RESISTÊNCIA AO GOVERNO DA VIDA EM MICHEL FOUCAULT

Lugan Thierry Fernandes da Costa<sup>1</sup>  
[luganthierry@hotmail.com](mailto:luganthierry@hotmail.com)

### Resumo

A hipótese do presente trabalho é de que o conceito de atitude crítica, evocado por Michel Foucault na década de 70, é um modo de resistência ao governo da vida. Para tanto, requer-se uma abordagem conceitual dos textos de Foucault da fase da genealogia do poder e, em especial, os trabalhos em que realiza um diálogo com Kant e conceito de esclarecimento. Diante disso, temos que o problema do governo, um fenômeno que emerge no século XVI, como uma série de procedimentos orientados a condução das condutas. As técnicas refletidas de governo começam como métodos de exame de consciência na pastoral cristão e se expande para as mais diversas áreas após a laicização. Dentro de expansão, inclui-se a liberação das artes de governar com o aparecimento da população como problema para o Estado, no século XVIII. Assim, o Estado é governamentalizado e passa a ser cruzado por relações de poder de ordem biopolítica, isto é, de gestão da população na sua dinâmica vital. Então, a atitude crítica é uma posição diante desse governo da vida, um modo de não ser tão governo ou não ser governado de tal ou tal maneira. Em resumo, é uma atitude que promove um deslocamento do governo, opondo-o uma dúvida de legitimidade, uma enunciação de seus limites ou ainda a incerteza de sua verdade. Isso posto, a atitude crítica tem duas implicações: a primeira, uma oposição ao governo que, ao questioná-lo, auxílio em seu aprimoramento; a segunda, um modo de resistência que, partindo de uma posição individual, pode alçar a salvação geral. Pode-se concluir, parcialmente, que a atitude crítica é uma alternativa para resistir às modulações das relações de poder discutidas por Foucault na década 70, especialmente, a emergência da biopolítica.

**Palavras-chave:** Governo da vida. Resistência. Atitude Crítica.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia (PUCPR). Bacharel em Direito (UFPR).



## BIOPOLÍTICA E EUGENIA NA PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS ADOTADAS NO BRASIL

Grasielle Fernanda Freire Cabral<sup>1</sup>  
[grasielle01@hotmail.com](mailto:grasielle01@hotmail.com)

José Sarto Fulgêncio de Lima Filho<sup>2</sup>  
[sarto\\_filho@outlook.com](mailto:sarto_filho@outlook.com)

### Resumo

A pandemia de COVID-19 acentuou ainda mais as desigualdades sociais e a forma diferenciada com que o Estado já priorizava a vida de uns em detrimento de tantos outros, de maneira que, apesar de a possibilidade de contágio ser igual para todas as pessoas, a doença tem atingido de forma desigual as diferentes raças e classes sociais. A partir disso, é possível questionar a postura do Estado brasileiro à luz das práticas eugenistas adotadas no país no início do século XX, que defendiam a purificação da sociedade com a exclusão dos sujeitos degenerados, e da noção de biopolítica, descrita por Michel Foucault, caracterizada pela atuação estatal de deixar viver e fazer morrer determinados indivíduos e grupos de pessoas. Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender de que maneiras a Biopolítica e a Eugenia se manifestam no contexto das políticas públicas de combate à COVID-19 no Brasil. Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa que tem como método de abordagem o dedutivo, realizando uma investigação histórica e observacional e tendo como método de procedimento a análise bibliográfica a partir de uma revisão narrativa de literatura, consultando pesquisas sobre o conceito de biopolítica em Michel Foucault, as práticas eugenistas no Brasil e as políticas públicas adotadas durante a pandemia da COVID-19. Os resultados apontam para a presença da continuidade da biopolítica como mecanismo de controle total dos corpos, e para a não superação dos discursos eugenistas do início do século XX, verificando-se que permanece uma política de indiferença estatal que continua a atingir pessoas diferenciadas por critérios raciais. Com isso, conclui-se que apesar do cenário caótico vivenciado no ano de 2020, em decorrência da COVID-19, verificam-se fortes elementos de continuidade de práticas biopolíticas e eugenistas já adotadas pelo Estado brasileiro desde o início do século XX.

**Palavras-chave:** Biopolítica. Eugenia. COVID-19.

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Direito Constitucional e graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

<sup>2</sup> Professor do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Direito Previdenciário e Trabalhista e graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA).



## BIOPOLÍTICA, GOVERNAMENTALIDADE E NEOLIBERALISMO: ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS

Antônia Carla Víctor de Paiva<sup>1</sup>  
[carlavictor2009@gmail.com](mailto:carlavictor2009@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre as articulações entre os conceitos de biopolítica, governamentalidade e neoliberalismo trabalhados pelo filósofo francês Michel Foucault em seus cursos *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da biopolítica* (1978-1979) e, mais recentemente, retomados com centralidade pela políticaóloga norte-americana Wendy Brown em suas obras *Undoing the Demos* (2015) e *Nas ruínas do neoliberalismo* (2019). Para tanto, estruturaremos nossa exposição em torno de três movimentos, a saber: Explicar as particularidades de cada um dos conceitos para, posteriormente, conseguirmos articulá-los em torno da proposição do neoliberalismo como uma racionalidade normativa baseada na composição entre desregulação e controle que, através de módulos de subjetivação, redefine a política, a economia e a sociedade. Por fim, identificando-se a conjuntura política atual a partir de uma bizarra retroalimentação entre Neoliberalismo e Desdemocratização, buscaremos apontar alguns horizontes de resistência e devires minoritários que procuram escapar do distópico horizonte de uma economização generalizada da vida.

**Palavras-chave:** Biopolítica. Governamentalidade. Neoliberalismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pelo programa de Pós-Graduação em Filosofia da UVA (MAF) sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues de Carvalho. É membro do GEPEDE (Grupo de Estudos em Política, Educação e Ética) coordenado pelo prof. Dr. Ricardo George de Araújo Silva. É bolsista CAPES.



## CONFISSÃO E PARRESÍA NO ÚLTIMO FOUCAULT

Rafael Siqueira Monteiro<sup>1</sup>  
[epistemephilo@gmail.com](mailto:epistemephilo@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho analisa a relação entre confissão e *parresía* no último Foucault, buscando evidenciar a relação de oposição, de continuidade, de proximidade e de identificação entre esses dois conceitos. A partir do curso *Do governo dos vivos* até o recém publicado *As confissões da carne*, Foucault se voltou para dois espaços culturais fundamentais para o homem ocidental: Cristianismo primitivo e mundo Greco-Romano. É em meio a esses dois espaços culturais da antiguidade que os conceitos confissão e *parresía* são abordados por Foucault em uma perspectiva aletúrgica, isto é, como manifestação ritualizada da verdade. Tendo como referência além dos cursos e livros de Foucault comumente chamado de "ético", nos auxiliará nesse trabalho autores como Philippe Chevallier, Frédéric Gros, Julián Sauquillo, Joaquín Fortanet, Cesar Candiotta e Ernani Chaves.

**Palavras-chave:** Confissão. *Parresía*. Foucault.

---

<sup>1</sup> Rafael Siqueira Monteiro. Professor de Filosofia da SEDUC/PA e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Pará.



**CONFISSÃO E VERDADE:  
A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE CRIMINOSA  
NO INTERIOR DO JOGO DA DRAMÁTICA JUDICIÁRIA**

Thayná de Castro Saczuk<sup>1</sup>  
[thayna\\_castro@hotmail.com](mailto:thayna_castro@hotmail.com)

**Resumo**

Apoiando-se no pensamento de Michel Foucault, sobretudo nas conferências do curso Malfazer, dizer verdadeiro: função da confissão em juízo, realizadas em 1981, o presente trabalho pretende propor uma reflexão sobre como (e em que medida) é possível problematizar a ligação entre a prática confessional e a produção da subjetividade criminosa no interior de um procedimento judiciário. Preocupado com o discurso criminológico e com a necessidade de problematizar a naturalização de noções como a periculosidade e reclusão, Foucault iniciou uma investigação histórica sobre a prática da confissão, tendo como propósito pensar, mediante a proposição de uma etnologia política e institucional do dizer verdadeiro, a ligação entre a produção da verdade do criminoso a partir dos jogos de verdade próprios à dramática judiciária. Para Foucault, a confissão, como prática necessária ao procedimento judiciário, não se situa no plano performativo, nem tampouco é meramente simbólica, mas, sim, pertence à ordem da dramaturgia, de maneira que só atende às exigências de seu papel dramático quando visa produzir a verdade do criminoso e, portanto, quando não se limita ao mero reconhecimento de um crime. Foucault identifica, portanto, uma ligação entre o apetite de confissão – apetite de veridicção, cujas raízes remetem à vontade de verdade nietzschiana –, o problema da subjetividade criminosa e a produção da verdade de uma enunciação no âmbito do procedimento judiciário, sendo este uma forma não só de gerir o crime, mas o próprio sujeito criminoso, que se encontra atravessado por uma discursividade examinadora. Nesse sentido, o recorte deste trabalho parte, especialmente, da aula de 20 de maio de 1981, na qual Foucault examina a questão de “quem se julga”, a fim de problematizar, no contexto dos procedimentos judiciários, como o jogo das relações consigo mesmo, a partir das práticas confessionais, passou a integrar o problema da verdade.

**Palavras-chaves:** Prática judiciária. Criminalidade. Procedimento.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduanda em Direito Constitucional pela Academia Brasileira de Direito Constitucional e em Direito Penal e Criminologia pelo Centro Universitário Internacional. Graduada em Direito pelo Centro Universitário Curitiba.



**CORPO E SEXUALIDADE:  
DOS DISPOSITIVOS DISCIPLINARES À *ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA*<sup>1</sup>**

Francisco Danilo dos Santos Oliveira<sup>2</sup>  
[danilosantossax@yahoo.com.br](mailto:danilosantossax@yahoo.com.br)

Francisco Rômulo Alves Diniz<sup>3</sup>  
[romulodiniz40@gmail.com](mailto:romulodiniz40@gmail.com)

**Resumo**

Propõe-se com esse trabalho aprofundar os estudos sobre as concepções filosóficas de Michel Foucault acerca do corpo e da sexualidade nos seus aspectos fundamentais. Os estudos sobre a sexualidade foi e continua sendo alvo de diversas e distintas reflexões acerca do seu alcance, força, desenvolvimento de suas tecnologias, o que ao longo dos tempos desperta medos e receios. Foucault consegue responder a essa problemática envolvendo o corpo e a sexualidade humana. Assim, os estudos foucaultianos revelam como essa sexualidade foi usada para manter relações de poder e de subjugação dos indivíduos e seus corpos. Foucault, nos volumes de *História da sexualidade*, aborda essa realidade de controle e manutenção do poder apresentando os dispositivos da sexualidade, o seu desenvolvimento e aplicações para uma relação de controle dos indivíduos, mas, também formas de superação desse esquema. Para Foucault, o discurso, um dos principais artifícios utilizados para o controle dos indivíduos, não deve mais subjugar os corpos, mas o corpo deve produzir seu discurso a partir de uma performance própria, reveladora de dignidade e grandeza, é aquilo que Foucault nomeia de *estética da existência* e posteriormente desenvolve como *cuidado de si*.

**Palavras-chave:** Corpo. Sexualidade. Foucault.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudo em Política, Educação é Ética – GEPEDE – UVA – CNPq e do Laboratório de Estudos da Política – LEPOL – UVA, ambos sob a coord. Do Prof. Dr. Ricardo George de Araújo Silva. Esta temática corresponde ao nosso mestrado acadêmico em filosofia, cursado na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Sobral/CE).

<sup>2</sup> Estudante do Mestrado Acadêmico em Filosofia- CENFLE- UVA.

<sup>3</sup> Doutor em Filosofia, Docente/ pesquisador do curso de Filosofia da Uva.



**COVID-19:  
FAKE NEWS COMO UM INSTRUMENTO DA BIOPOLÍTICA**

Laurianne Guimarães Mendes<sup>1</sup>  
[laurianneguime@gmail.com](mailto:laurianneguime@gmail.com)

**Resumo**

O covid-19 em menos de seis meses ressignificou dadas práticas discursivas que vigoravam socialmente. De forma exemplificada, acompanhamos essa transformação em nível macro com a virada econômica mundial e em nível micro com as novas regras de convivência social. Não obstante, é perceptível que, no Brasil, houve um aumento no compartilhamento de *fake news* atrelada a questões de saúde, sobretudo, de medicamentos. Todavia, antes de qualquer coisa, faz-se necessário ressaltar que, desde o ano de 2018, há na realidade brasileira o aumento de compartilhamento de notícias que não se vinculam com a realidade e, para além disso, há uma maior credibilidade as notícias presentes em redes sociais como o *whatsapp*. Dessa forma, grande parte dos sujeitos não procuram conferir a veracidade dos fatos antes de sua disseminação. Assim, buscar-se-á com esse trabalho uma análise acerca das *fake news* enquanto um instrumento/dispositivo da biopolítica. Sobretudo, aquelas que estão atreladas a área medicinal e postulam verdades acerca do tratamento do covid-19 e que são cerceadas por propriedades inerentes ao discurso midiático observando como eles promovem o exercício do biopoder. Para tanto, ancorar-nos-emos principalmente nos pressupostos de “sujeito”, “discurso”, “biopoder”, “dispositivo” e “história” de Foucault (1995, 1996, 1978 e 2001) em diálogo com as perspectivas de “*fake news*” e “*cyberjornalismo*” de Tandoc (2017).

**Palavras-chave:** *Fake News*. Biopolítica. Covid-19.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.



**DA FALA FRANCA PARRESIASTA AO FRANCO DISCURSO CARNAVALESCO:  
APOSTANDO NO DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E BAKHTIN**

Nathalia Viana da Mota<sup>1</sup>  
[nathalia.viana@aluno.uece.br](mailto:nathalia.viana@aluno.uece.br)

João Batista Costa Gonçalves<sup>2</sup>  
[joao.goncalves@uece.br](mailto:joao.goncalves@uece.br)

**Resumo**

A proposta deste trabalho - que se constitui de uma amostra de minha pesquisa de doutorado - é apresentar uma possível via de aproximação entre o pensamento de Foucault (2011 [1984]) e o de Bakhtin (2002 [1963]; 1987 [1965]) no que respeita à imbricada relação teórico-conceitual entre as noções de *sujeito*, *verdade*, *discurso* e *poder* com vistas a uma forma de vida livre e ética. O lastro dessa proposta está na interseção entre a categoria foucaultiana da *parresía cínica* e a categoria bakhtiniana da *carnevalização*, a partir das quais será realizada uma *análise dialógica do discurso* de cenas do filme *Alexandre e outros heróis* (2013), em que se vive no cronotopo do sertão nordestino, sob um sistema patriarcal de dominação. Disso resulta a personagem Firmino como a representação do cínico/bufão que ao *dizer a verdade* contra o repressor (a personagem Alexandre), exercita o *cuidado de si e do outro* como prática de empatia e alteridade.

**Palavras-chave:** *Parresía Cínica*. *Carnevalização*. *Análise Dialógica do Discurso*.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); graduada (Licenciatura) em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC).

<sup>2</sup> Pós-doutor, doutor e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLING) da Universidade Federal do Ceará (UFC); graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC); professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE); coordenador do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará (UECE); líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE).



**DESCOLONIZAR O PODER:  
REVERBERAÇÕES DE FOUCAULT EM MBEMBE.  
(CAPITALISMO + BIOPOLÍTICA= NECROPOLÍTICA MUNDIAL).**

Jose Luiz Silva da Costa<sup>1</sup>  
[luiz.iose@ifrn.edu.br](mailto:luiz.iose@ifrn.edu.br)

**Resumo**

Para Mbembe, em sua descrição biopolítica, uma das características mais visíveis e alarmante dos últimos tempos (passando pelo colonialismo, escravização e hoje exposto em conflitos político-territoriais generalizados e no racismo estrutural) é a violência e o extermínio de povos, indivíduos, grupos étnicos, minorias sociais e etc. Em Foucault, esta temática é elucidada a partir das relações de micro poderes que formam uma ampla teia de relações denominadas governabilidade que se apresentam nas formas das dominações econômica e biológica (gestão sobre os corpos, a vida e a morte). Para compreender esse fenômeno político e social, a partir de nossos autores, é fundamental perceber a ação da crise global que perpassa o planeta e as estruturas sociais e que se assenta na forma do desgaste do modelo socioeconômico denominado capitalismo, nas suas vertentes de modelos de governo, como o neoliberalismo, bem como das estruturas disciplinares que o formatam e o sustentam. Achille Mbembe, também reflete a realidade dos últimos períodos que vivemos afirmando que as estruturas políticas se transformaram em uma máquina de aniquilar grupos e indivíduos, ou seja, a política se traduz hoje em Necropolítica e o estado de exceção (os discursos de ódio, a violência social e estatal) se tornaram regras. Foucault, nos alerta de que o poder e o biopoder, fim último da política e base das sanções disciplinares modernas e contemporâneas, estão na base de todas as relações sociais, e como tal, implicam nas mais diversas manifestações subjetivas e também em todas as relações intersubjetivas. Mbembe, também percebe, de igual maneira, que o biopoder está na base das sujeições humanas e das políticas de morte que daí resultam. Desta forma podemos percebermos que nossos pensadores estão refletindo e desnudando o atual debate acerca da questão da invisibilização e extermínio de povos no mundo.

**Palavras-chave:** Necropolítica. Biopolítica. Neoliberalismo.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte IFRN, Doutorando do PPGFIL UFRN (Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande Norte).



## DIÁLOGOS COM MICHEL FOUCAULT: PRÁTICAS DECOLONIAIS COMO PRÁTICAS DE LIBERDADE

Clayton Roberto Messias<sup>1</sup>  
[clayton\\_messias@hotmail.com](mailto:clayton_messias@hotmail.com)

Elaine Cristina da Silva Zanesco<sup>2</sup>  
[ecszanesco@gmail.com](mailto:ecszanesco@gmail.com)

### Resumo

Neste texto, pretende-se analisar as respostas de Michel Foucault sobre liberação e práticas de liberdade, por intermédio de aproximações para com as práticas decoloniais. *O exercício referente às práticas de liberdade não exige um certo grau de liberação e a liberação não seria uma forma de prática de liberdade?* Foucault, em uma entrevista com Helmut Becker, Raúl Fornet-Betancourt e Alfredo Gomez-Müller, no dia 20 de janeiro de 1984, respondeu a estes e outros questionamentos baseados principalmente em seus cursos no *Collège de France* em 1981 e 1982 sobre a hermenêutica do sujeito. Segundo Foucault, este tema não pode ser aceito de qualquer forma, não que a liberação não exista, pois segundo ele, um povo colonizado quando procura se liberar do colonizador, essa é uma prática de liberação. Entretanto, essa prática de liberação não é suficiente para estabelecer as práticas de liberdade que serão em seguida necessárias para que esses sujeitos possam determinar formas aceitáveis e satisfatórias para sua própria existência. Encontra-se, aqui, uma possível convergência das práticas decoloniais como práticas de liberdade, posto que, de acordo com Foucault, o exercício das práticas de liberdade exige um certo grau de liberação, no entanto é preciso introduzir nela a noção de dominação. Logo, observa-se que neste estado de dominação, as práticas decoloniais como práticas de liberdade não poderiam existir, todavia existem, mas apenas dialeticamente. Contudo, para Foucault, é necessário o cuidado de si para o cuidado com o outro e o sujeito ao saber ontologicamente quem é, ao saber do que deve e não deve duvidar, ao saber o que é conveniente para si e o que deve ser para si indiferente, ao saber que não se deve temer a morte, conseqüentemente, como *práticas decoloniais de liberdade*, de forma alguma se deve encobrir os outros nas suas relações de poder, saber, ser e com a natureza, sobretudo, epistemologicamente.

**Palavras-chave:** Michel Foucault. Práticas Decoloniais. Práticas de Liberdade.

---

<sup>1</sup> Docente no Senac e Etec, Jundiaí SP e aluno regular na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade São Francisco (USF), Itatiba SP.

<sup>2</sup> Aluna regular na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade São Francisco (USF), Itatiba SP.



## DIÁLOGOS ENTRE RICARDO ANTUNES E MICHEL FOUCAULT: A CONTRIBUIÇÃO DA NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DOS CORPOS DÓCEIS

José Sarto Fulgêncio de Lima Filho<sup>1</sup>  
[sarto\\_filho@outlook.com](mailto:sarto_filho@outlook.com)

Grasielle Fernanda Freire Cabral<sup>2</sup>  
[grasielle01@hotmail.com](mailto:grasielle01@hotmail.com)

### Resumo

Desde as últimas três décadas do século XX, a classe-que-vive-do-trabalho vem passando por um intenso processo de reconfiguração na morfologia, fato que levantou o questionamento acerca da manutenção da centralidade do trabalho na sociedade capitalista. Ocorre que tais transformações vêm apresentando um efeito inverso, ampliando os poderes do capital sobre trabalhadores e trabalhadora, os quais, cada vez mais incapacitados(as) de oferecer resistência à corrosão dos seus direitos, passam por um processo de intensificação no desempenho de suas atividades. Desta forma, a presente pesquisa pretende investigar a maneira como a nova morfologia do trabalho contribui para a formação dos corpos dóceis na sociedade contemporânea. O trabalho parte de uma pesquisa qualitativa e explicativa, com método de abordagem dedutivo. Utiliza-se dos métodos de procedimento histórico e observacional para compreender os fenômenos e a técnica de pesquisa utilizada é a bibliográfica, a partir de uma revisão narrativa da literatura, principalmente das obras de Michel Foucault e Ricardo Antunes. Os resultados apontam que o processo de reestruturação produtiva do capital implementou um intenso processo de flexibilização, reduzindo a mão de obra no contingente fabril e exigindo uma qualificação maior da classe-que-vive-do-trabalho, o que trouxe por consequência o desemprego estrutural e a formação de sindicatos voltados para a reivindicação de demandas pontuais, ao invés de buscar a transformação do sistema capitalista. Com isso, conclui-se que a nova morfologia do trabalho contribui para a formação dos corpos dóceis, na medida em que, muito além de intensificar a utilização de trabalhadores e trabalhadoras conforme os interesses da acumulação capitalista, também dociliza seus corpos, desarticulando suas mobilizações sociais, capturando suas subjetividades e enfraquecendo o potencial de transformação política dos sindicatos que lhes representam.

**Palavras-chave:** Corpos Dóceis. Nova Morfologia do Trabalho. Classe-que-vive-do-trabalho.

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Direito Previdenciário e Trabalhista pela e graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

<sup>2</sup> Professora do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Direito Constitucional e graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA).



## DIÁLOGOS SOBRE DOENÇA MENTAL EM FOUCAULT: BUSCANDO UM SUJEITO NORMAL

Elvis Lopes Vasconcelos<sup>1</sup>  
[elviszacky@hotmail.com](mailto:elviszacky@hotmail.com)

### Resumo

Foucault (1961) apresenta as diversas vertentes e características da estrutura psicológica da Doença Mental, interpretada desta maneira na época, por ser estudos que apresentam diferenças contra o racionalismo tradicional. Buscando procurar descobrir as estruturas subjacentes que determinam o modo de perceber ou pensar os objetos que aparecem na história de forma descontínua e apropriada, onde determina não somente as relações de poder entre sujeitos, mas a sua subjetivação, a partir do olhar da sociedade para o sujeito 'doente'. No qual, Durkheim (1975) descreve em termos estatísticos essa perspectiva a uma sociedade construída a partir de uma cultura homogeneizante, primeiramente por ideias religiosas e posteriormente pela moral estabelecida, buscando integrar um conceito de 'normalidade' a circunstâncias atenuantes e agravantes da época. Neste artigo, tem-se por objetivo sistematizar e analisar os estudos de Foucault, a partir da análise de conteúdo de Bardin (2009), a luz do homem sobre a constituição da moral a partir da Doença Mental, fazendo uma conexão com a construção da Subjetividade do sujeito de frente a sua cultura e ao conceito de Normalidade e Diferença. Foucault (1975) diz que "o mundo da loucura vai tornar-se o mundo da exclusão", pode-se estabelecer essa construção a partir da escamoteação dos sujeitos em lugares que pudessem serem 'tratados' ou cuidados como iguais, mas não iguais com a sociedade, mas iguais entre si. A partir da análise, ficou claro que a Diferença era algo escondido naquela época, por conta de uma busca da heterogeneidade Europeia da 'normalidade', após o renascimento desta popularidade da cultura única e proveniente de diferenças e de problemas. Estabelecendo que a cultura é uma constituinte de um grupo de pessoas que se veem como iguais, mas que desprezam a diferença a partir da escolha consciente do sujeito em frente a sua subjetividade, desprezando o conceito do "singular é expressão do universal."

**Palavras-chaves:** Subjetividade em Foucault. Doença Mental. Normalidade.

---

<sup>1</sup> Pedagogo – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.



**DIREITO DE MORTE E DEVER DE VIDA:  
A INEFICIÊNCIA DO PODER POLÍTICO NA PANDEMIA**

Tatielle Efigênia Morais Rocha<sup>1</sup>  
[thatiele\\_1@hotmail.com](mailto:thatiele_1@hotmail.com)

**Resumo**

Este trabalho retrata o pensamento do filósofo francês, Michel Foucault, onde o mesmo abordava o conceito sobre o biopoder que remete o direito de gerir a vida e a morte, dividindo biologicamente os que merecem viver os que merecem morrer. O filósofo elucida uma visão histórica de como era retratado esse direito de vida e morte. Que por muito tempo, era concedido ao pai de família romano o privilégio de dispor desse direito sobre os seus filhos e escravos e, posteriormente, o poder político assume essa tarefa de gerir a vida, dá saúde a sua população e de incluir o sujeito socialmente. Neste sentido, vale discutir e trazer para o nosso estado atual, esse momento de pandemia e isolamento a qual nos encontramos, salientar a ineficiência do governo em medidas protetivas a saúde pública, o direito de vida e de morte. Pessoas morrendo com o vírus por falta de atendimento e equipamentos respiratórios (direito de causar a morte?), e medidas de isolamento e prevenção com uso de máscaras e álcool em gel (poder de causar a vida?). Estamos em luta a favor da vida em nome da necessidade de viver mesmo em meio as falas de um governo imperito.

**Palavra-chave:** Morte. Vida. Pandemia.

---

<sup>1</sup> Licenciando (a) em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



## DO “OUTRO” AO “PANÓPTICO”: IMPLICAÇÕES SOBRE “O CUIDADO DE SI”

Renato Izidoro da Silva<sup>1</sup>  
[izidoro.ufs@gmail.com](mailto:izidoro.ufs@gmail.com)

Mariana Galvão Nascimento<sup>2</sup>  
[galvaomariana74@mail.com](mailto:galvaomariana74@mail.com)

### Resumo

Este resumo propõe como objeto de investigação os elos epistemológicos entre os conceitos foucaultianos de “Outro” e de “Panóptico” e suas implicações sobre “O cuidado de si”. O primeiro foi desenvolvido na fase arqueológica, o segundo na genealógica e o terceiro na ética. Nota-se, portanto, que o estudo objetiva identificar um eixo transversal às três fases mediante a hipótese de relações analógicas contidas na tríada conceitual. O “Outro” está baseado em noções políticas e territoriais generalistas e difusas como o “Estrangeiro” e o “Excluído” empiricamente representados nas figuras do louco ou do imigrante. Sua dimensão imaginária equivale ao “Grande” por abarcar uma massa anônima de sujeitos estranhos ao “ego” antropológico ou antropocêntrico de nações ou sociedades. O “Panóptico” está posicionado do lado oposto do “Outro” por tomá-lo como objeto vigiado e sujeito a punições nos interiores institucionais (hospícios, prisões, escolas) da sociedade disciplinar. Considerando que entre o “Outro” e o “Panóptico” ocorre uma evolução do saber e do poder sobre os corpos desde uma perspectiva epistemológica objetiva que vai das estratégias de exclusão às de inclusão disciplinada, objetivamos identificar se a ética de “O cuidado de si”, centrada na pergunta da identidade, “quem eu sou?”, herdou aspectos conceituais do “poder-saber” e do “poder-fazer”, das respectivas etapas anteriores. Nesse sentido, questionamos: até que ponto “O cuidado de si” exige supormos o (re)conhecimento do “Estrangeiro” (o louco) em nós e, portanto, edificarmos uma “(Auto)Consciência” responsável por vigiá-lo e puni-lo quando necessário? “O cuidado de si” equivale, portanto, a uma “auto-vigília” e a uma “auto-punição”? Com isso esperamos compreender as articulações entre “ser-saber”, “ser-poder” e “ser-consigo”. Em termos metodológicos estudaremos o terceiro volume de “História da sexualidade” a fim de identificar expressões conceituais do “Outro” e do “Panóptico”.

**Palavras-chaves:** Arqueologia. Genealogia. Ética.

---

<sup>1</sup> Doutor (2011) e mestre (2007) em Educação pelo PPGED/UFBA. Pós-Doutor (2019) em Ciências do Ambiente pelo PPGCASA/UFAM. Licenciado em Educação Física (2004) pela UEL.

<sup>2</sup> Doutoranda (2020) PPGED/UFPA, mestre (2009) pelo PPGED/USP, graduada em filosofia (1999) pela USP.



**DO GOVERNO À AUTORIDADE:  
UMA BREVE GENEALOGIA A PARTIR DE ARENDT E FOUCAULT**

Fernando Bagiotto Botton<sup>1</sup>  
[fernandobotton@phb.uespi.br](mailto:fernandobotton@phb.uespi.br)

**Resumo**

Se quisermos compreender os desdobramentos que a noção autoridade promoveu nas esferas do político, devemos levar em consideração algumas transformações históricas que a própria noção recebeu na modernidade. Para tal, pretendemos realizar brevíssimas conexões entre as noções de autoridade de Hannah Arendt e a noção de governo em Foucault, seja em sua modalidade mais arcaica de “artes de governar” quanto na moderna noção de governamentalidade. Desta forma poderemos compreender os desdobramentos políticos que instituem um conceito de autoridade cada vez mais voltado para uma gestão de populações (no plural) e dos corpos (no singular) conectando os sentidos da disciplina à governamentalidade. Isso é parte integrante do que Arendt compreendeu por um esfacelamento da autoridade no período moderno, em que o autoritarismo acabava tomando frente às demandas cada vez mais crescentes por um líder populista, um condutor de rebanhos, ao contrário da livre plenária dentre cidadãos independentes. Articuladas, tais tecnologias ético- políticas de governo trouxeram novas vias de compreensão do governo e da autoridade na contemporaneidade, seja pela via do liberalismo/neoliberalismo, seja pela via do populismo.

**Palavras-chave:** Governo. Autoridade. Política.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFPR e UBA. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí. Pós Doutor em História e Regiões pela UNICENTRO.



## EDUCAÇÃO CORPORATIVA COMO DISCURSO NEOLIBERAL NAS VOZES DOS SUJEITOS

Edinalva de Cassia Piovesan<sup>1</sup>  
[edinalva\\_piovesan@hotmail.com](mailto:edinalva_piovesan@hotmail.com)

Márcia Aparecida Amador Marcia<sup>2</sup>  
[marciaaam@uol.com.br](mailto:marciaaam@uol.com.br)

### Resumo

Esta pesquisa tem a perspectiva sociocultural com abordagem multidisciplinar e está inserida no Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos e Educação, com o objetivo de levantar como a educação corporativa age subjetivamente e se faz presente nos sujeitos, que são atuantes como colaboradores de uma empresa. O mercado, por ser complexo, é mobilizado pela competitividade acirrada, o que faz com que as empresas atuem de maneira estratégica para manterem-se ativas economicamente. O sujeito, ao se deparar com o dinamismo do mercado neoliberal, se subjetiva para manter-se ativo neste mercado de trabalho. Por sua vez, as empresas empregam estratégias que vão desde à tecnologia, processos de trabalho, pesquisas e qualificação de seus colaboradores. O colaborador é responsável por promover a energia propulsora na empresa na qual as operações de negócios acontecem, ou seja, as empresas necessitam de sujeitos dotados de conhecimento, capacidade e habilidades para que gerem valor econômico para elas. O colaborador é o capital humano, mas que, ao representar-se numa empresa, converge em capital intelectual, dando visibilidade para a empresa perante o mercado. Assim, a metodologia desta pesquisa é a qualitativa que buscou interpretar os excertos de entrevistas realizadas com colaboradores de uma empresa. A análise consiste, a partir dos discursos dos entrevistados, em rastrear os conceitos Foucaultianos: relações de poder-saber, discurso, governamentalidade que atravessam as subjetividades dos entrevistados. Percebe-se que, neste mercado neoliberal, a educação corporativa é um discurso de influência na relação do sujeito e empresa e que propicia um vínculo de interesse para ambas as partes, tanto para o sujeito manter-se empregado quanto para a empresa a valorização de seu capital intelectual.

**Palavras-chave:** Ordem do Discurso. Governamentalidade. Neoliberalismo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na linha Educação, Linguagens e Processos Interativos, na Universidade São Francisco. Especialização em Sistema de Gestão da Qualidade pela UNICAMP. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos e Educação (GPEFE).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Wisconsin-Madison. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos e Educação.



## ENTRE FOUCAULT E MBEMBE: DA BIOPOLÍTICA À NECROPOLÍTICA NO SÉCULO XXI

Glícia Édeni de Lima Teixeira<sup>1</sup>  
[emaildaglicia@gmail.com](mailto:emaildaglicia@gmail.com)

Ramiro Ferreira de Freitas<sup>2</sup>  
[ramiroferreira91@gmail.com](mailto:ramiroferreira91@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho pretende revisitar o pensamento teórico do filósofo francês Michel Foucault, o qual continua a inspirar estudos científicos e mesmo a antever os próprios rumos da sociedade. Suas reflexões, que tratam de relações de poder e dominação, costumam transitar entre os campos da sociologia, filosofia e política e possuem grande aceitação na atualidade. Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar que os conceitos foucaultianos formulados nos anos de 1970, a exemplo do termo biopolítica, inspiram novas gerações de pensadores, como o intelectual camaronês contemporâneo Achille Mbembe. Este autor amplia a discussão proposta por Foucault e inaugura a conceituação de necropolítica, a qual considera elementos como vida e morte enquanto traços sociopolíticos, além de representar importante indicativo para a compreensão social contemporânea. Mbembe complementa os estudos de Foucault, visto que considera o conceito de biopolítica insuficiente para ilustrar as práticas pelas quais o poder político executa a aniquilação de indivíduos ou mesmo populações consideradas como inimigas dos interesses do Estado. Quando os movimentos governamentais “fazem viver” ou “deixam morrer”, subscrevem o comando pela força violenta de ações, por vezes, injustificadas. Este trabalho utiliza metodologia e procedimento bibliográficos, bem como possui abordagem qualitativa e exploratória. Destaca-se que a pesquisa teórica consiste em uma revisão narrativa, incluindo-se além dos livros e periódicos científicos, fontes como notícias e ainda textos legais a respeito do tema. Este estudo aponta como resultado a notória influência do pensamento foucaultiano acerca de questões sociológicas da contemporaneidade. Enquanto conclusão desta pesquisa, aponta-se a necessidade de que a discussão de Achille Mbembe sobre necropolítica ultrapasse os limites das nações subdesenvolvidas e historicamente subjugadas por seus colonizadores. Desta maneira, os estudos de Mbembe devem indicar os rumos de uma agenda mundial capaz de dignificar a existência de populações empobrecidas por meio de processos históricos avassaladores de exploração e extermínio de pessoas em condição de vulnerabilidade social.

**Palavras-chave:** Biopolítica. Foucault. Necropolítica.

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri – URCA.

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri - URCA.



**ENTRE MARX E FOUCAULT:  
O PROCESSO DE CRIMINALIZAÇÃO DA LOUCURA E  
SUAS RESSONÂNCIAS NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

Thais Lasevicius<sup>1</sup>  
[thais.lasevicius@hotmail.com](mailto:thais.lasevicius@hotmail.com)

**Resumo**

O presente trabalho é parte da dissertação de mestrado em andamento intitulada “Improdutivos para o capital e indesejáveis para a lógica dominante: (re) construção do processo de criminalização da loucura”. O objetivo desse trabalho é analisar a constituição social da criminalização e da história da loucura a partir de Foucault, correlacionando com os atravessamentos da sociedade capitalista proposto por Marx. Também, quem é o sujeito dito como louco e criminoso, e por fim, apreender como os direitos dos sujeitos criminalizados pela loucura são levados (ou não) em consideração dentro dessa estrutura social, pensando outras teorias/práticas para abarcar o sujeito em sofrimento psíquico que comete algum delito, focando seu cuidado em rede e liberdade. A hipótese gira em torno de que a ‘criminalização da loucura’, em seu processo de produção e reprodução, é resultado da dinâmica da sociedade capitalista pautada em violações de direitos sociais, pois, o sujeito considerado louco e também criminoso acaba sendo duplamente improdutivo para a ordem do capital, tendo facilmente seus direitos violados o que culmina no bárbaro processo de estigma, marginalização, segregação até chegar à sua criminalização, demonstrando, assim, o caráter desumano e cruel da exploração da ordem capitalista.

**Palavras-chave:** Crime. História da Loucura. Criminalização da Loucura.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista. Pesquisadora da temática de crime e loucura a partir de uma perspectiva crítica. Pesquisadora e coordenadora do GEPEX.dh (Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sociedade Punitiva, Justiça Criminal e Direitos Humanos) da UNIFESP e membro do TRANSCRIM (Núcleo Transdisciplinar Subjetividades, Violências e Processos de Criminalização) da UFF/Rio.



## GOVERNAMENTALIDADE E CAPITAL HUMANO NAS QUESTÕES LIGADAS A DIVERSIDADE

Ana Paula Speck Feijó<sup>1</sup>  
[anapaulaspeck@yahoo.com.br](mailto:anapaulaspeck@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as questões de investimento em capital humano e governamentalidade para inserção da diversidade no mercado de trabalho que emergiram, a partir da agenda de 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável. A pesquisa é um recorte de uma pesquisa de doutorado e nesse trabalho realizamos uma revisão teórica sobre os conceitos de governamentalidade e de capital humano a partir do filósofo Michel Foucault. A fim de analisar na agenda 2030 da ONU e os tópicos relacionados a diversidade no mercado de trabalho. Acreditamos que essa pesquisa é potente no sentido de melhor compreender as teias entrelaçadas na proposta de que todas/os/es, preocupem-se em enriquecer seu capital humano, sendo empresários/as/es de si mesmo, para que possam compor equipes em diferentes áreas e gerando renda. Observamos que cada vez mais empresas de diferentes áreas da economia aderem a políticas de incentivo a inserção da diversidade em seus quadros, sejam como clientes, ou como colaboradores/as/es. Considerando que na sociedade neoliberal os indivíduos são capturados para estarem ativos, percebemos que há uma relação entre as propostas de inserção da ONU com a forma de governar esses sujeitos.

**Palavras-chave:** Governamentalidade. Capital Humano. Diversidade.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande.



## HERCULINE BARBIN OU ALEXINA BARBIN? DO SEXO COMO PERTENCIMENTO À SEXUALIDADE COMO SUBJETIVIDADE

Guilherme de Freitas Leal<sup>1</sup>  
[guilhermefreitasufg@gmail.com](mailto:guilhermefreitasufg@gmail.com)

### Resumo

A proposta desse resumo consiste em tratar, através da figura de Herculine Barbin/Alexina Barbin, a hipótese foucaultiana de que o Ocidente desde o século XIX alimentou uma vontade de saber acerca do sexo que erigiu a sexualidade moderna. No entanto, observa Foucault, o sexo verdadeiro se delimita ora pela realidade corporal ora pela intensidade dos desejos, havendo, portanto, uma crise epistêmica considerável. Seja a partir do olhar do médico a partir da teoria do biólogo, da análise do endócrino, seja da regulamentação ordenada pelo juiz, a/o hermafrodita analisada/o por Foucault tem sua verdade determinada. Dessa forma, é sempre o olhar do outro, o dizer do expert que delimita a sexualidade da nossa personagem. Acuado/a, fugidio/a, ele/a já não consegue pertencer a ninguém. Confuso/a, já não sabe mais quem é, aguardando sempre um outro que diga quem ela/ele pode enfim ser. Foucault destaca assim o fluir entre o masculino e o feminino de Herculine/Abel como a ancoragem de sua verdade sexual, quer dizer, na radicalidade da liberdade sexual onde a reflexão foucaultiana aporta. Na vontade de pertencimento que nunca é, de fato, preenchida, nossa personagem vaga pelo mundo sem conseguir ser senão na morte buscada. A questão filosófica que nos lega Foucault: podemos viver sem construir uma subjetividade fundada em nosso sexo? Podemos ser sem que tenhamos obrigatoriamente que nos referir a nossa sexualidade enquanto identidade, como a mais profunda verdade de nós mesmos? Precisamos verdadeiramente de um sexo verdadeiro?

**Palavras-chave:** Herculine/Alexina. Sexualidade. Pertencimento.

---

<sup>1</sup> Doutorando pela Universidade Federal de Goiás.



## INSURREIÇÕES E ESPIRITUALIDADE POLÍTICA NA REVOLUÇÃO ISLÂMICA

Gabriela Massarra Santos Heine<sup>1</sup>  
[gabimassarra@hotmail.com](mailto:gabimassarra@hotmail.com)

### Resumo

A presente proposta de comunicação possui como objetivo abordar as percepções de Michel Foucault ao que ele compreende existir na revolução islâmica noções de insurreição e espiritualidade política. Este trabalho tem como base as observações que foram feitas no conjunto de sua “Reportagem de ideias” escritas pelo filósofo em decorrência as suas duas viagens ao Irã, em 1978 e que ele pôde expor sua visão filosófica sobre aquele momento em que acontecia a revolução Iraniana. Porém, o seu posicionamento foi em diversas situações mal interpretado e algumas críticas ressurgem até hoje como se ele fosse simpático ao regime de aiatolá Khomeini. No livro O enigma da revolta podemos encontrar entrevistas do momento em que o filósofo tentou esclarecer as indagações de seus críticos que por vezes o caracterizava como um intelectual inábil que pactua de uma análise entre filosofia e política. Porém, diferente do que alguns podem pensar, Foucault não analisava a situação do Irã de forma ingênua. Seu interesse era poder compreender de perto a experiência da revolução e perceber quais novas indagações aquele movimento revolucionário trazia à tona ao ocidente.

**Palavras-chave:** Movimento. Insurreição. Espiritualidade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.



## LIMITES ONTOLÓGICOS DO PODER: TAXONOMIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Bartira Telles Pereira Santos<sup>1</sup>  
[bartiratelles@gmail.com](mailto:bartiratelles@gmail.com)

Renato Izidoro da Silva<sup>2</sup>  
[izidoro.ufs@gmail.com](mailto:izidoro.ufs@gmail.com)

### Resumo

Este resumo propõe como objeto de investigação os fundamentos epistemológicos dos debates políticos contemporâneos acerca das problemáticas ontológicas implicadas na tarefa classificatória do gênero e da sexualidade. Embora a arena política se sobressaia nas disputas de força sobre as definições biológicas e sociológicas de gênero e de sexualidade, existe um pano de fundo determinantemente ligado ao saber da verdade que sustenta os discursos de poder. Partimos da hipótese de que os grupos políticos em disputa estão condicionados aos seus limites epistemológicos sobre o problema ontológico de nomear a coisa em sua essência ou natureza. Isso ocorre porque, diante do inominável do ser, as defesas discursivas se realizam necessariamente por meio de propostas taxonômicas ou classificatórias do gênero e da sexualidade. O poder só consegue agir no âmbito do governo dos corpos mediante a gestão de seus territórios então estabelecidos por uma divisão dos seres segundo atributos e atribuições. As epistemologias constroem, portanto, uma espécie de topologia ontológica em que cada ser é alocado de acordo com sua atribuição ou predicado aos moldes das problemáticas étnicas das lógicas ou estruturas dos parentescos. As disputas de força giram em torno de alterações pelo estatuto de verdade de cada conhecimento acerca da natureza do gênero e da sexualidade. Não se trata mais de ter “esse” ou “aquele” sexo, mas ser “o próprio” sexo com base em um saber (religioso, biológico, antropológico, psicológico ou tácito) sobre o sexo. O protagonismo dos saberes nas disputas políticas mascara o desafio ontológico diante da pergunta: o que é o ser? Um polo do debate, ligado ao cristianismo, luta pelo estabelecimento da taxonomia binária homem-mulher; enquanto o outro polo, ligado aos ideais republicanos e democráticos, trabalha no sentido do pluralismo categorial crescente ligado ao gênero e à sexualidade na esperança de um devir frenético capaz de impedir que o poder anule a ontologia mediante estabilidades taxonômicas.

**Palavras-chaves:** Epistemologia. Saber. Governo.

<sup>1</sup> Doutoranda (2018) PPGED/UFES, mestre (2009) pelo PPGED/UFBA, graduada em pedagogia (2002) pela UFBA.

<sup>2</sup> Doutor (2011) e mestre (2007) em Educação pelo PPGED/UFBA. Pós-Doutor (2019) em Ciências do Ambiente pelo PPGCASA/UFAM. Licenciado em Educação Física (2004) pela UEL.



## MICHEL FOUCAULT E AS INTERROGAÇÕES TOPOLÓGICAS: ESPAÇO, HISTÓRIA E DIAGNÓSTICO DO PRESENTE

Gabriel José Pochapski<sup>1</sup>  
[gabriel\\_pochapski@hotmail.com](mailto:gabriel_pochapski@hotmail.com)

### Resumo

Esta comunicação parte das reflexões realizadas por Foucault na entrevista com Moriaki Watanabe, em 1978, para discutir a presença do espaço no exercício de diagnóstico do presente. Por mais que o percurso intelectual foucaultiano tenha sido atravessado por um questionamento histórico da atualidade, autores como Deleuze, Sardinha e Elden ressaltam a dimensão espacializante ou topológica deste empenho filosófico. Para além das principais obras publicadas por Foucault, são nos seus Ditos e Escritos que encontramos diversas críticas à compreensão dicotômica entre o tempo e o espaço, bem como uma ênfase para a necessidade de espacializar a história e as formas de pensamento. Marcadas pela perspectiva de interrogação do presente, as respostas dadas a Watanabe abrangeram ocasiões em que Foucault considerou os acontecimentos que delineavam espaços como um ponto de partida para o seu trabalho. Este olhar nos instiga a problematizar a presença indissociável das espacialidades na constituição histórica daquilo que somos e do tempo em que estamos inseridos. Em um mundo marcado pelo colapso ambiental, pela ênfase nos muros e fronteiras, pela intensificação da racionalidade neoliberal em todas as superfícies da vida, ou pelas recentes mudanças nas dinâmicas de circulação e isolamento dos indivíduos, repensar a relevância dos espaços no diagnóstico de nossa atualidade se torna uma tarefa fundamental e urgente.

**Palavras-chave:** Espaço. Diagnóstico Histórico do Presente. Michel Foucault.

---

<sup>1</sup> É mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e doutorando em História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente investiga a história dos espaços no pensamento de Michel Foucault, propondo-a como uma abertura para a compreensão histórica das espacialidades e do presente. Possui experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História e Historiografia, atuando nos seguintes temas: espaços, corpo, gênero, violência e arqueogenealogia. Bolsista CNPq (140152/2020-2)



## MULHERES NA DIPLOMACIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Gabriela Balestero<sup>1</sup>  
[gsbalestero@gmail.com](mailto:gsbalestero@gmail.com)

### Resumo

Estudar as representações do feminino na diplomacia é observar um espaço fundamental para as lutas políticas feministas, em território onde são poucas as vozes femininas. É também buscar entender os limites impostos pelas próprias dinâmicas do campo político a determinadas pautas, dentre as quais podemos incluir as questões de gênero. As relações entre homens e mulheres não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder e os discursos são dispositivos e mais ainda dispositivos linguísticos, ou seja, uma “prótese linguística posta a serviço de uma pedagogia da verdade”, fazendo e construindo história, funcionando não apenas como uma aparelhagem teórica e sim, trazendo em si uma política reformista. Frente a constatações mais amplas sobre a obra de Michel Foucault – que não se resumem a tratá-la somente a partir da analítica do poder – Deleuze considera dispositivo como um conceito operatório multilinear, alicerçado em três grandes eixos que, na verdade, se referem às três dimensões que Foucault distingue sucessivamente: saber, poder e (produção de modos de) subjetivação. Assim, as mulheres na diplomacia brasileira foram invisibilizadas, funcionando as instituições e os discursos como dispositivos que viabilizaram o silenciamento do feminino no Itamaraty ao longo da história. Com a hashtag #MaisMulheresDiplomatas, o Ministério das Relações Exteriores em 25 de junho de 2018 lançou campanha nas redes sociais para atrair mais mulheres para a carreira diplomática na tentativa de mudar a baixa representatividade feminina na Diplomacia Brasileira, além do documentário "Exteriores: Mulheres Brasileiras na Diplomacia" com a finalidade de dar voz e sororidade às mulheres diplomatas e refletir sobre a desigualdade de gênero na carreira.

**Palavras-chave:** Dispositivo. Mulheres. Diplomacia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social pela UFU, Mestre em Direito pela FDSM.



## NEOLIBERALISMO, SUBJETIVIDADE E VERDADE

Mauricio Pelegrini<sup>1</sup>  
[idaho.mauricio@gmail.com](mailto:idaho.mauricio@gmail.com)

### Resumo

Em seu curso *Nascimento da Biopolítica*, Foucault aponta que a partir do liberalismo há a formação do mercado como local privilegiado de constituição e manifestação da verdade. A economia política substitui o direito como medida da boa arte de governar; se antes o direito permitia saber se o soberano ultrapassava a legitimidade de seus poderes, com o liberalismo é a economia política que vai fornecer os parâmetros para determinar o sucesso ou fracasso das ações governamentais. O bom governo seria aquele que respeita as leis “naturais” do mercado. A partir do neoliberalismo, Foucault mostra que, no século XX, as artes de governo devem almejar a produção da concorrência, que não é inerente ao funcionamento do mercado, mas deve ser fabricada. Destacando a vertente norte-americana do neoliberalismo, Foucault aponta os impactos subjetivos trazidos pela teoria do capital humano proposta por Gary Becker, grande expoente da Escola de Chicago e prêmio Nobel de Economia. Fazendo do sujeito um “empresário de si mesmo”, a racionalidade econômica estende-se a todos os aspectos da vida social, desde as relações afetivas até a análise da criminalidade, passando pela divisão sexual do trabalho. Estas novas formas de constituição do sujeito criam outras articulações entre subjetividade, verdade e poder. Proponho analisar, sob o conceito de aleturgia, termo criado por Foucault em 1980 para caracterizar o governo pela verdade, essas articulações da governamentalidade neoliberal. O novo paradigma de poder, chamado por alguns de “sociedade de controle”, só pode existir pela formação de outras subjetividades, heterônomas.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Subjetividade. Verdade

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2000) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2015), na área de concentração História Cultural. Atualmente, é Especialista em Políticas Públicas na Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo do Estado de São Paulo e cursa o doutorado em História Cultural na Unicamp, estudando o conceito de manifestação da verdade no pensamento de Michel Foucault. Realizou um ano de doutorado-sanduiche na Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, com bolsa do CNPq.



## O BIOPODER DE FOUCAULT E O CORPO SEM ÓRGÃOS DE DELEUZE E GUATTARI

Lucas Dilacerda<sup>1</sup>  
[lucasdilacerda3@gmail.com](mailto:lucasdilacerda3@gmail.com)

### Resumo

No livro “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2” (1980), no platô 6 “Como criar para si um corpo sem órgãos?”, Deleuze e Guattari afirmam que o Corpo sem Órgãos não é inimigo dos órgãos, mas sim do organismo, que é uma organização dos órgãos. O organismo é uma acumulação, coagulação e sedimentação do desejo, que sequestra e aprisiona a vida. No texto “Desejo e prazer” (1977), Deleuze afirma que o biopoder impõe uma organização aos corpos (individuais e coletivos), operando reterritorializações do corpo e aprisionando a vida e o desejo. Neste sentido, Deleuze apresenta o Corpo sem Órgãos como lugar ou agente de desterritorialização, ou seja, como um conjunto de práticas que desorganizam as organizações impostas pelas disciplinas e biopolíticas, libertando a vida e o desejo aprisionados pelos dispositivos de poder. Portanto, o Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari apresenta-se como um programa ético, estético e político de resistência e enfrentamento aos modelos hegemônicos de produção da vida pelo poder contemporâneo.

**Palavras-chave:** Biopoder. Corpo sem Órgãos. Vida.

---

<sup>1</sup> Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com distinção Summa Cum Laude, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialização em Filosofia Clínica, pelo Instituto Packter, em andamento, e Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Durante a Graduação, foi bolsista de Iniciação Acadêmica no Grupo de Estudos em Deleuze e Guattari (GEDEG) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Filosofia). Foi pesquisador do Núcleo de Pesquisa do Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC) e integrante do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes. Atualmente, é coordenador do Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e do Laboratório de Estética e Filosofia da Arte (LEFA). É membro do Laboratório de Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC, e coordena o Grupo de Estudos em Estética e Filosofia da Arte (GEEFA), o Grupo de Estudos em Spinoza (GES) e o Grupo de Estudos em Filosofia da Imanência (GEFI). É membro do GT Benedictus de Spinoza - ANPOF e do GT Deleuze – ANPOF. Pesquisa nas áreas de Arte e Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ética, Estética, Filosofia da Arte, Cinema, Tempo, Imaginação, Corpo, Afeto e Arte Contemporânea. Foi curador das exposições “Soterramento”, “Arre\_mate” e “Ant\_Corpo”. Participou de diversas exposições e foi vencedor do 70º Salão de Abril.



## O CONCEITO DE VIDA NA OBRA DE MICHEL FOUCAULT

Davi Maranhão De Conti<sup>1</sup>  
[decontidavi@gmail.com](mailto:decontidavi@gmail.com)

### Resumo

Nos últimos anos, a noção de biopolítica foi alçada ao centro das investigações acerca da obra de Michel Foucault. A enorme relevância conferida ao termo contrasta com o seu uso limitado na obra do filósofo francês. O conceito de biopolítica aparece apenas em uma das obras que receberam o seu *imprimatur*. No último capítulo do primeiro volume de *História da sexualidade*, Foucault define a noção de biopolítica, que é considerada também nos cursos realizados no *Collège de France* a partir de meados da década de 1970. As publicações de *Em defesa da sociedade* em 1997 e de *Segurança, Território, População e Nascimento da Biopolítica* em 2004 impulsionaram as pesquisas a respeito do biopoder. A centralidade assumida pelo conceito de biopolítica nos estudos relativos à obra de Foucault não significa que se haja alcançado um consenso acerca do sentido do termo. Pelo contrário, como sugerem diversos autores, o conceito de biopolítica, longe de se estabilizar, corre risco de se tornar um enigma. As diversas interpretações acerca do biopoder, que frequentemente oscilam entre uma leitura negativa e uma leitura eufórica do termo, revelam-se carentes de uma compreensão da ideia de vida que subjaz à reflexão foucaultiana. A noção de vida em Foucault é destituída de qualquer estatuto ontológico, vida é um correlato de técnicas e estratégias de poder e de saber. A indefinição do conceito de vida em sua obra não é, portanto, uma carência ou uma omissão, mas antes uma escolha metodológica que deve ser levada a sério. Ao conferirmos maior atenção a essa escolha de Foucault, tornamo-nos capazes de evitar a oscilação entre uma leitura negativa e uma leitura eufórica da noção de biopolítica, entre uma leitura que supõe um *poder da vida* e uma outra que reforça a hipótese de um *poder sobre a vida*.

**Palavras-chave:** Vida. Poder. Biopolítica.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás.



## O EXTERMÍNIO DE VIDAS NEGRAS LEGITIMADO PELA REPRODUÇÃO DO CAPITAL: POSSÍVEL CONVERSA ENTRE MICHEL FOUCAULT, JUDITH BUTLER E ACHILLE MBEMBE

Matheus Guimarães de Barros<sup>1</sup>  
[matheusgbarros@hotmail.com](mailto:matheusgbarros@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho propõe um diálogo entre três autores fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo, especialmente no contexto atual de crise sanitária: Michel Foucault, Judith Butler e Achille Mbembe. Ao constatar o desenvolvimento de uma nova tecnologia de poder na segunda metade do século XVIII, o “biopoder”, que vislumbra dominar as massas e essencialmente “fazê-las viver” a partir do desvio de acidentes, multiplicação de possibilidades e compensação das deficiências, Foucault atualizou o modo de compreensão da sociedade e das relações raciais. Segundo o autor, o biopoder, ao invés de priorizar a disciplina individualizada de corpos, lida preferencialmente com processos coletivos, tais como natalidade, mortalidade, longevidade populacionais. Apesar disso, ainda pode clamar a morte, mandar matar e expor à morte sujeitos específicos. E é o racismo, para Foucault, que legitima o exercício do direito de matar nesse novo cenário. Essa discussão influenciou tanto Butler quanto Mbembe. Butler reflete acerca da distribuição desproporcional da precariedade que faz de certos sujeitos mais suscetíveis às tormentas sociais, econômicas e políticas que lhes são externas. Há, conforme Butler, povos que são alvos preferenciais de violações de direitos, pobreza, violência e morte. Por conseguinte, a perda dessas vidas não se torna, oficialmente, passível de luto. Vidas negras fazem parte dessas existências não “enlutáveis”. Mbembe, “atualizando” a biopolítica foucaultiana, também joga luz na subjugação de vidas selecionadas ao poder da morte (“necropolítica”). O autor aborda a produção do extermínio, focalizado nos sujeitos marginalizados, em nome da reprodução do capitalismo. Nesse sentido, a raça tem um papel fundamental, vez que se torna elemento de naturalização da morte do outro. A pandemia tem escancarado e, até, acelerado esse processo, muito bem descrito por Foucault e posteriormente desenvolvido por intelectuais como Butler e Mbembe, de descartabilidade de existências racialmente identificadas.

**Palavras-chave:** Racismo. Morte. Pandemia.

---

<sup>1</sup> Graduando em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares.



## O GOVERNO DAS CONDUTAS E O NEOLIBERALISMO: NOTAS SOBRE SUBJETIVAÇÃO E RESISTÊNCIA EM MICHEL FOUCAULT

Antônio Alex Pereira de Sousa<sup>1</sup>  
[alex.sousa1@prof.ce.gov.br](mailto:alex.sousa1@prof.ce.gov.br)

### Resumo

A noção de governo, nas pesquisas realizadas por Michel Foucault, apresenta-se como uma chave de leitura singular para a compreensão da forma como as relações de poder se dão no presente. Neste âmbito, a ideia de neoliberalismo como racionalidade e suas diversas formas de ação nos espaços, questão central para se compreender a desigualdade social, a desqualificação da seguridade social e os processos de subjetivação, são essenciais para pensarmos o modo como somos constituídos e a forma como podemos constituir a nós mesmo, visto aqui como resistência. O presente resumo propõe, com isso, a exposição da noção de governo em Foucault como ferramenta para a compreensão da formação das subjetividades, bem como a resistência aos processos que visam reduzir a prática de liberdade dos seres humanos. Assim, partindo da apresentação das reflexões de Foucault sobre a pastoral cristã, presente em obras como *História da sexualidade - a vontade de poder* e o curso *Os anormais*, aos estudos feitos sobre o cuidado de si e a *parresia* na antiguidade greco-romana, busca-se pensar as possibilidades de redução ou mensuração da autonomia reflexiva, que chamaremos de diferencial ético, para pensarmos o modo como somos governados ou autorizamos ser governados, bem como governar os outros, no contexto da racionalidade neoliberal.

**Palavras-chave:** Michel Foucault. Governo. Neoliberalismo.

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e especialização em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Professor da Faculdade Ratio e da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE). E-mail: alexsousa.filosofia@gmail.com.



**O IMPEDIMENTO DOS AVANÇOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS  
PARA A EDUCAÇÃO COMO TÉCNICA DE PODER:  
ANÁLISE DO BRASIL PÓS *IMPEACHMENT* DE 2016**

Maria Betânia Nunes Pereira<sup>1</sup>  
[mariabetanian@hotmail.com](mailto:mariabetanian@hotmail.com)

Ana Carolina de Oliveira Nunes Pereira<sup>2</sup>  
[lina\\_oliveiranunes@hotmail.com](mailto:lina_oliveiranunes@hotmail.com)

**Resumo**

O presente artigo busca discutir sobre a centralidade da disputa ideológica na educação, nos retrocessos político-sociais vivenciados pelo Brasil a partir do *impeachment* de 2016. Para tanto nos utilizaremos da concepção foucaultiana de poder, em especial, de técnicas de poder para discutir as políticas públicas para a educação implementadas, no Brasil pós *impeachment* de 2016. Discutiremos a potencialidade da educação, em servir para perpetuação da dominação, (técnicas de poder) em contraste com a possibilidade da educação exercer um poder contra hegemônico (técnicas de si), dando voz aos dominados. A produção de riqueza simbólica (educação) é alvo de disputa, principalmente no Brasil de configuração racista (marcado por séculos de escravidão negra) e patriarcal. Impedir o acesso à educação (riqueza simbólica) das parcelas excluídas é, também, garantir a perpetuação da dominação. Entendemos, que um dos motivos que desencadearam a derrocada do Governo Dilma foi o seu plano de política educacional: a aprovação da destinação dos *royalties* do pré-sal para a educação (2013) e do plano nacional de educação (PNE) (2014), que apontavam para a valorização da educação pública. Estes acenos de avanços sociais deflagraram uma violenta reação nas classes dominantes, buscando o impedimento dessa possibilidade de avanço social, culminando na derrubada da presidenta Dilma (2016) e tendo na eleição de Bolsonaro (2018) mais um avanço da contraofensiva das classes dominantes. Quanto ao percurso metodológico, este escrito se insere na pesquisa qualitativa, fundada na análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica. Para realizar este estudo, nos fundamentamos nas obras de Foucault (2004, 2012, 2014,), Veiga-Neto (2004), Schubert (2017), Noblit (1995) e outros.

**Palavras-chave:** Educação. Técnicas de Poder. Retrocesso Social.

---

<sup>1</sup> Advogada formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialista em Direito Constitucional Aplicado e Docência do Ensino Superior e mestranda em educação pelo Centro de Educação da UFAL.

<sup>2</sup> Advogada formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialista em Direito Educacional e mestranda em educação pelo Centro de Educação da UFAL.



## O JOGO AGONÍSTICO: LIBERDADE-PODER SEGUNDO FOUCAULT

Ana Lúcia dos Santos e Santos<sup>1</sup>  
[lourinha.ana@hotmail.com](mailto:lourinha.ana@hotmail.com)

### Resumo

No presente texto, pretendo abordar a seguinte questão: como as práticas de liberdade se efetivam segundo Foucault? Para tanto, é preciso compreender, primeiramente o que são tais práticas e como são possíveis de se realizarem. De modo geral, podemos dizer que as práticas de liberdade são ações de resistência que ocorrem por meio de uma atividade crítica e criativa face aos modos de individualização do sujeito - a partir das técnicas de vigilância que se encarregam de incitar e controlar os corpos, e a regulamentação totalizante da população. Essas práticas são possíveis, visto que nas relações sociais existe um jogo agonístico entre a liberdade e o poder que se revelam de forma circular – ora um domina ora a situação se inverte. Assim, cabe investigarmos o significado, a possibilidade, fato da existência da liberdade segundo Foucault, e em última análise os desdobramentos. Diante disso, constataremos que a liberdade em Foucault é possível, porque opera no interior das relações de poder. Essas relações de poder são ações flexíveis e móveis entre os indivíduos, que culminam num jogo entre liberdade e exercício do poder. Nesse jogo, quando a liberdade age no interior das relações de poder, resiste aos modos de assujeitamento, submissão, delimitação impostos por esse poder. Assim, cabe analisar as práticas de liberdade como resistência face ao poder, e questionar como essas práticas se efetivam na modernidade, i.e., como o indivíduo as realiza? Seria uma resistência que possibilita novas maneiras de subjetivações? E como nós podemos enfrentar e mudar as relações estratégicas constituídas pelas “políticas de verdade”, que nos agenciam, atravessam e individualizam? Como operar o “desassujeitamento” de nós mesmos diante das estratégias de poder e das “políticas de verdade”?

**Palavras chaves:** Liberdade. Resistência. Poder.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com Especialização em Filosofia Contemporânea (UEFS) e Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFBA). Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Aluna do programa de pós-graduação em Filosofia (UFBA), na modalidade doutorado. Atuando nas linhas de pesquisa: política, ética e história da filosofia contemporânea. Atualmente, professora do Centro Universitário Ages.



**O PANOPTISMO EM MICHEL FOUCAULT:  
O MECANISMO DISCIPLINAR E SUAS POSSÍVEIS ADAPTAÇÕES  
NA CONTEMPORANEIDADE**

Marcos Paulo Paes Carvalho<sup>1</sup>  
[marcos\\_maggot@discente.ufg.br](mailto:marcos_maggot@discente.ufg.br)

**Resumo**

Michel Foucault (1926-1984), em sua obra “Vigiar e punir” (1975), ao abordar o nascimento da prisão e a modificação dos métodos punitivos, aborda também a maneira com que as relações de poder através dos mecanismos disciplinares são estruturados nos séculos XVII e XVIII. Ele apresenta a evolução dos mecanismos de punição e disciplinarização dos corpos que, atuam de forma a moldar os indivíduos produzindo corpos dóceis e úteis. A partir do conceito de Panóptico abordado por Michel Foucault, o presente trabalho visa verificar como esses mecanismos disciplinares dos corpos progrediram ao longo dos anos. Para isso, pretende-se investigar a transposição da descrição do modelo arquitetônico de disciplina próprio do panóptico para os dias atuais, através de novas adaptações e aprimoramentos na nossa contemporaneidade. Assim, propomos uma abordagem crítica da pesquisa foucaultiana a partir de observações de eventos que nos cercam, principalmente associados à internet como, por exemplo, as redes sociais (Facebook, Instagram, etc) os quais oferecem dados sobre os usuários, possibilitando assim uma vigilância sobre os feitos, as localizações, locais frequentados e até mesmo os gostos, mas também ressaltando sistemas de vigilância automatizados como câmeras, reconhecimento facial ou biométrico, etc. Desse modo, tentamos entender se o panoptismo tal como avaliado por Foucault, isto é, fundamentalmente funcionando enquanto mecanismo disciplinar, através de novas ferramentas de comunicação e informação que mediam as relações interpessoais da nossa época promovendo o controle social dos indivíduos e, por conseguinte, da população.

**Palavras-chave:** Panoptismo. Mecanismo Disciplinar. Vigilância.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás - UEHC - Regional Goiás.



**O RACISMO DE ESTADO – UM DIÁLOGO ENTRE  
MICHEL FOUCAULT E ACHILLE MBEMBE.  
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS.**

Alberto Amaral<sup>1</sup>  
[albertoamaral@gmail.com](mailto:albertoamaral@gmail.com)

**Resumo**

O presente trabalho busca refletir conceito de *Racismo de Estado*, proposto por Michel Foucault, para analisar as políticas de Morte (*Necropolítica* proposto pelo pensador camaronês Achille Mbembe), apresentadas pelo Estado Brasileiro, ao qual presenciamos a banalização da morte da população negra, em especial sua juventude. Para isto, busco uma reflexão em torno da guerra, apresentando que a guerra das raças existentes no corpo social é reinserida no seio do Estado, através do desenvolvimento de tecnologias de poder. O Estado busca manter esta guerra evidente e ensurdecadora contra a população negra, uma guerra que a cada dia que passa, se faz mas presente entre nós, tendo em vista que o atual (Des)Governo brasileiro ignora/silencia as vozes e os direitos da população Negra. Buscamos demonstrar o papel desempenhado pelo saber no processo de construção da concepção dos indivíduos negros como um Não-Ser e, posteriormente, um inimigo público, de modo que as ações do Estado contra esta população sejam compreendidas como necessárias para defender a sociedade e as vidas dignas de proteção e de viver. Neste cenário, o racismo é compreendido como um dispositivo de segurança que condena à morte e elimina através de sub-dispositivos, como o epistemicídio, o encarceramento e a aniquilação física dos indivíduos, pelo aparelho policial. Para mais, evidenciamos que todo este processo de assassinato tem como expressão final o extermínio das vidas negras, que convertidas em vidas supérfluas expressam que a biopolítica torna-se cada vez mais uma necropolítica, uma política que subjugava a vida ao poder da morte.

**Palavras-chave:** Racismo de Estado. Biopolítica. Necropolítica.

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia pela UFPA, Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e pesquisador dos grupos de Pesquisa Friedrich Nietzsche: Contemporaneidade política e Estética (CNPq-UFPA) e Arte, Corpo e Conhecimento (CNPq-UFPA). Atualmente cursa a graduação em Psicologia na Universidade Estácio – Belém.



## ONTOLOGIA DO PRESENTE E O TRANSONTOLÓGICO: UM POSSÍVEL DEBATE ENTRE MICHEL FOUCAULT E ENRIQUE DUSSEL

Carlos Roberto da Silveira<sup>1</sup>  
[carlos.silveira@usf.edu.br](mailto:carlos.silveira@usf.edu.br)

Fábio Henrique Costa Vieira<sup>2</sup>  
[fabiovieira.adv@gmail.com](mailto:fabiovieira.adv@gmail.com)

### Resumo

Pretendemos neste trabalho, produzir um possível debate filosófico entre as teorias de Michel Foucault e de Enrique Dussel sobre a ontologia. No *Collège de France*, Foucault no início de 1983, em uma de suas aulas, declara sentir-se incomodado por não saber se a sua fala poderia encontrar eco entre os participantes, ou se, estariam presentes nas teses e dissertações. Em seguida, aludiu sobre a moral e a *parrhesía* da Antiguidade greco-romano, como objetos que constituíram valores e regras, cujos interesses do Estado, instituições, família, dentre outros, serviram para dirimir a conduta humana ao longo da História Ocidental. Ao se aproximar da Filosofia Moderna e Contemporânea do centro, Foucault apontou que juntamente com o Iluminismo nasceu uma antítese que avançou, um questionamento não sobre a analítica da verdade, se o conhecimento verdadeiro é possível, mas um contradizer a essa verdade ontológica, cristalizada e milenar de docilização de corpos, de normatização de comportamentos e subjetividades. Daí, foi posta em evidência, a atualidade, as experiências possíveis abertas às práticas de liberdades, ou seja, uma “Ontologia do Presente” ou “Ontologia da Atualidade”. Já no outro lado do continente europeu, no México em 1977, Dussel exilado escreveu uma obra chamada Filosofia na América Latina, Filosofia da Libertação, na qual dedicou: aos povos do terceiro mundo que vencem o fratricídio; às mulheres camponesas e proletárias que vencem o uxoricídio; à juventude que se revolta com o filicídio; aos anciãos sepultados nos asilos da sociedade consumista. Aponta que escreveu para os homens da periferia, mas se dirigia, contudo, para os homens do centro, dessa ontologia que sobrepõem outras verdades e saberes-outros, periféricos, subsumidos, minorizando outros povos/culturas. Diante dessa ontologia do passado, Dussel propõe uma filosofia da vida concreta, transontológica e necessária, uma filosofia que desperte a condição humana, tanto a do opressor quanto ao do oprimido.

**Palavras-chave:** Ontologia. Ontologia do Presente. Transontológico.

---

<sup>1</sup> Docente *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade São Francisco (USF), Itatiba – SP.

<sup>2</sup> Mestrando *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade São Francisco (USF), Itatiba – SP.



## PENSANDO AS PRÁTICAS SIMBÓLICAS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS.

Cleidiane da Silva Cruz<sup>1</sup>  
[cleidianecruzpsi@gmail.com](mailto:cleidianecruzpsi@gmail.com)

### Resumo

Pensar sobre a história dos movimentos feministas é renovar percepção, ampliar pensamentos. Os movimentos sociais como os femininos apontam novos modos de viver. As feministas resistem, mesmo enfrentando todas as formas situações abusivas, elas continuam se reconstruindo em todas as civilizações. Renovam ideias, criando espaços mais igualitários e humanos por meio de atitudes que representam seus desejos de estarem em um contexto mais justos. O feminismo vem traçando uma das histórias mais excepcional de todos os tempos. Através dos direitos que vem conquistando no decorrer de gerações, as ideias desse movimento sempre estão sendo aprimoradas; criando assim, possibilidades e inspirando outros movimentos. Os feminismos não cessam, desviam se de todas as formas de dominação ou de relação de poder. Segue escapando, como um barco que percorre todos os contextos históricos sem se prender as amarras de dominações presentificadas nas relações sociais de uma época. As feministas não aparecem na história negando-a, mas construindo-a e renovando-a e deixam para outras gerações um legado histórico único, reformado através da sapiência de suas ações, constituídas sempre no presente através de uma relação autêntica com o passado e futuro. É através dessa força que os feminismos conquistam terrenos mais democráticos. Não se trata apenas de um movimento de mulheres, mais do que isso se refere a práticas humanas que tem como objetivo o compromisso com a verdade, seus passos são formadas e reformadas pela parresia feminina de pessoas que quiseram se livrar das correntes de seu tempo. Com isso, as feministas recriam outros espaços e criam novos mundos, combatendo desigualdade e preconceitos.

**Palavras chaves:** Psicologia. Feminismo. Mulheres.

---

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR.



**PÉS, OLHOS E BOCAS:  
UMA ETNOGRAFIA DE TELA DO FETICHE DA PODOLATRIA MASCULINA NA  
PORNOGRAFIA *ONLINE***

Ribamar José de Oliveira Junior<sup>1</sup>  
[ribamar@ufrj.br](mailto:ribamar@ufrj.br)

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar as estéticas da produção pornográfica online a partir das performances do fetiche da podolatria masculina online. Desse modo, utilizei a etnografia de tela como recurso metodológico, ao lado do diário de campo diante dos pontos potenciais investigados e da observação dos planos cinematográficos do vídeo, no sentido e envolver as imagens do fetiche em três sites de conteúdo pornográfico online: *Bad Master Boys*, *My Friends Feet* e *Stud Feet*. Assim, diante de uma perspectiva foucaultiana das práticas de S/M como criação a partir da dessexualização do prazer, considero um horizonte pós-pornô por meio das estéticas do grotesco e das eróticas do nojo para perceber as lógicas do fetiche entre a dominação e a submissão entre homens no ato de adorar o pé. Ao analisar o recorte de alguns vídeos nos sites, problematizo o jogo de identidades e a produção de subjetividade nas encenações da erotização do poder em rede.

**Palavras-chave:** Performance. Masculinidades. Fetiche.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).



## POR UMA POLÍTICA DA CORAGEM

Flávio de Lima Cordeiro Filho<sup>1</sup>  
[flcf.filosofia@gmail.com](mailto:flcf.filosofia@gmail.com)

### Resumo

A problemática do Estado perpassa toda a história da filosofia, seja desde as concepções platônicas até os contratualistas, a questão do Estado como organização social emerge dos debates filosóficos. Contudo é importante lembrar de que dentro dessa discussão é fundamental passar pela conduta do sujeito, logo torna-se difícil esquivar-se da ética, por isso se faz necessário realizar uma articulação entre a atitude e a forma de governar, para realizar tal empreitada traz-se à tona o conceito de *Parresía*. Palavra que vem do grego antigo que significa em linhas gerais “falar franco”, “dizer tudo” e que por Foucault foi traduzido como “coragem da verdade”, esse conceito já aparece no curso *Hermenêutica do Sujeito* (1982), contudo existe um curso inteiro dedicado a ele: *Coragem da Verdade* (1984). A partir desse curso faremos as devidas ligações entre política e ética, em uma tentativa de ensaiar uma política da coragem, principalmente no que diz respeito no seu lugar dentro da democracia ateniense antiga e suas reverberações atualmente.

**Palavras-chave:** *Parresía*. Política. Foucault.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Orientador: Ernani Pinheiro Chaves.



## PRÁTICAS DE LIBERDADE NOS ABISSAIS: A ONTOLOGIA DO PRESENTE POR FOUCAULT

Marcelo Vicentin<sup>1</sup>  
[wagner.sebastiao@usf.edu.br](mailto:wagner.sebastiao@usf.edu.br)

Wagner Gomes Sebastião<sup>2</sup>  
[marcelovicentin@yahoo.com.br](mailto:marcelovicentin@yahoo.com.br)

### Resumo

Este artigo se propõe a problematizar a questão apresentada por Michel Foucault de uma ontologia do presente, primeiramente abordada em “O governo de si e dos outros” (1982-1983), a partir da influência nietzschiana de genealogia, observando o exame de singularidades de acontecimentos que emergem em práticas que se distanciam de uma origem ou essência ocidentalizada; práticas desterritorializadas, emergentes nas bordas do abismo. Nesse sentido, pautando a discussão por intermédio da noção de acontecimento presente em “Nietzsche, a genealogia e a história” (1971), temos o intuito de pensar e aproximar o termo práticas de liberdade, proposto por Foucault em seus textos finais, de práticas abissais presentes em autores que dialogam com as epistemologias do Sul e práticas decoloniais, como Boaventura de Sousa Santos e Catherine E. Walsh. Por conseguinte, o exercício de uma ética que não se estabelece na utopia, mas em práticas agonísticas e descontínuas emergentes das experiências cotidianas do corpo a corpo com as relações de poder. Assim, queremos sublinhar o acontecimento da experiência por Nietzsche e, *pari passu*, evidenciar a perturbação provocante de transgressões, resistências, insurreições e rompimentos provocados por formas culturais outras como aberturas para vidas outras e práticas de liberdade abissais.

**Palavras-chave:** Genealogia. Ontologia do Presente. Decolonidade.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando em Educação pela Universidade São Francisco, Itatiba – SP e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisador dos grupos Phala da Unicamp e TECLA da Universidade São Francisco.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação pela Universidade São Francisco, Professor na Universidade São Francisco.



## PROJETO “ESCOLA SEM PARTIDO” COMO FORMA DE EXCLUSÃO DOS DISCURSOS NÃO-HEGEMÔNICOS

Ana Carolina de Oliveira Nunes Pereira<sup>1</sup>  
[lina\\_oliveiranunes@hotmail.com](mailto:lina_oliveiranunes@hotmail.com)

Maria Betânia Nunes Pereira<sup>2</sup>  
[mariabetanian@hotmail.com](mailto:mariabetanian@hotmail.com)

### Resumo

Este trabalho se propõe a discorrer acerca dos procedimentos de exclusão do discurso propostos pelo projeto “Escola sem Partido (ESP)”. Assim, faremos breve explanação acerca do engendramento do projeto ESP, sua difusão em âmbito nacional e natureza política. A seguir, trataremos acerca de algumas categorias essenciais da análise do discurso inaugurada por Foucault na aula “A Ordem do Discurso”, proferida em 1970 pelo autor, na *College de France*, como: sujeito, autor, enunciado e discurso. Para então, analisar os procedimentos de exclusão do discurso propostos pelo projeto ESP, em especial a interdição, mitificação e oposição entre verdadeiro e falso, com o objetivo de silenciar os discursos não-hegemônicos. Discutindo, a seguir, possíveis interlocuções discursivas do projeto ESP com o Ato Institucional nº 5 e sua regulamentação no ensino público o Decreto nº 477/69. Quanto ao percurso metodológico, este se insere na pesquisa qualitativa, fundada na Análise do Discurso Foucaultiana. Para realizar este estudo nos fundamentamos nas obras de Foucault (1986, 1996, 2016), Orlandi (1999), Fischer (2001), Cavalcante (2007), (2009) e (2013) e outros.

**Palavras-chave:** Escola Sem Partido. Análise do Discurso Foucaultiana. Exclusão do Discurso.

---

<sup>1</sup> Advogada formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialista em Direito Educacional e mestranda em educação pelo Centro de Educação da UFAL.

<sup>2</sup> Advogada formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialista em Direito Constitucional Aplicado e Docência do Ensino Superior e mestranda em educação pelo Centro de Educação da UFAL.



## QUANDO UM CORPO É VIGIÁVEL? FOUCAULT, VIGILÂNCIA E RACISMO

George Lucas da Silva dos Santos<sup>1</sup>  
[georgedossantos1@gmail.com](mailto:georgedossantos1@gmail.com)

### Resumo

Na medida em que *vigiar* alguém difere não somente em grau, mas em natureza de *olhar* alguém, na medida em que o olho que vigia pressupõe algo a mais do que o mero olhar, e na medida também em que ser vigiado é completamente diferente de ser meramente olhado, podemos nos perguntar: quando um corpo é vigiável? Quando passamos de um estado de simples ver, para um em que vigiamos? Quando o olho deixa de ser um órgão perceptivo e passa a ser uma máquina de vigilância? Em suma, que processos são necessários para que uma relação de vigilância se estabeleça? Neste trabalho, pretendemos investigar tais questões partindo de uma análise dos livros de Michel Foucault *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão* e *Em Defesa da Sociedade*, não tanto para demonstrar o que Foucault tem a dizer sobre a vigilância, mas para utilizar os conceitos do autor como ferramentas para construir nossa própria hipótese de trabalho, qual seja, a de que só é possível vigiar alguém por meio de uma transformação no *reconhecimento* dos sujeitos a serem vigiados, isto é, numa *disposição diferencial de sua existência por um efeito de saber-poder*, que encara o corpo humano como algo passível de análise, catalogação, comparação, mensurabilidade, separação e correção – que encontra no *exame* sua figura de saber, por um lado, e o *racismo* como figura de poder, por outro.

**Palavras-chave:** Foucault. Vigilância. Racismo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará.



## SCIENTIA SEXUALIS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

Eliúde Ferreira Lima<sup>1</sup>  
[eliudelima@hotmail.com](mailto:eliudelima@hotmail.com)

Ana Célia Torres Ibiapina<sup>2</sup>  
[annailec@yahoo.com.br](mailto:annailec@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo esboçar algumas considerações sobre a terceira parte da obra *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, intitulada *Scientia Sexualis*. Nesse capítulo, o autor francês realiza uma análise pelo que ele assim nomeia por *scientia sexualis*, ou a ciência do sexo, e que seria demonstrado como uma ciência que almeja esclarecer esse aspecto da vida humana. Isto vai de encontro ao que se afirmara por parte de alguns que pregavam que até o século XIX, o sexo era oculto, reprimido, sonogado, escamoteado. Foucault trata dessa questão apresentando outra forma de pensarmos sobre o sexo, uma forma que enfatiza sua invenção ou sua construção. O que Foucault faz, antes de tudo, é opor-se à assertiva normalizante de que o sexo possui uma natureza verdadeira ou essencial. A partir dos séculos XVI e XVII assistimos na sociedade ocidental a uma propagação de discursos (discurso aqui não se resume apenas ao que se fala ou escreve, mas a tudo que produz algum sentido) sobre o sexo que, ao procurar determiná-lo, terminaram por escondê-lo, afirma Foucault (1988). O filósofo francês descreve nitidamente que houve formação da ideia de saber de tudo o que fosse a respeito do sexo, da busca por todos os seus aspectos, todas as suas particularidades. Surge nesse período uma aparelhagem que, ao propagar os discursos sobre o sexo, visa a determinar veracidades sobre ele. Em meio ao século XIX, período crucial, essa concepção agrupa-se e acaba por integralizar-se ao cerco científico, decisivamente envolvido com o evolucionismo e com os racismos oficiais. Essa integralização do discurso sobre o elemento sexo com o discurso da ciência lhe ocasionou um grau significativo de força persuasiva. É, portanto, sobre o ângulo científico que o filósofo aborda a sexualidade no ocidente moderno.

**Palavras-chave:** Foucault. Análise. *Scientia Sexualis*.

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.

<sup>2</sup> Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.



## SEXO E VERDADE: MAS QUE SUJEITO?

Guilherme Macedo Silva<sup>1</sup>  
[guedesguilherme996@gmail.com](mailto:guedesguilherme996@gmail.com)

### Resumo

A partir de uma óptica foucaultiana, se debruçando sobre sua vasta obra, este trabalho pretende investigar as relações que o sexo trava com as noções de verdade, compondo assim o que o pensador conferiu chamar de *scientia sexualis* para interpretação das experiências em sociedade, sobretudo do século XIX em diante. Foucault, em sua aula inaugural ao Collège de France pronunciada no final de 1970, apresenta três sistemas de exclusão, que, segundo ele tratariam dos modos de vida mais comuns da história do Ocidente. Para o desdobramento pretendido, priorizara o último deles – a vontade de verdade – e dar continuidade a sua investigação com o intento de construir assim uma espécie de cartografia do nosso presente. Na esteira de uma arqueogenealogia do sexo, Foucault pretende por uma analítica do poder entender como os discursos, práticas, condutas, os saberes e as instituições, alicerçados numa ideia unívoca de verdade, puderam erguer sobre o chão verdadeiras fortalezas intransponíveis que marcaram para sempre as especificidades de nossas culturas. Nestes termos, diferente do mundo antigo, a verdade agora já não é mais um adjetivo verossímil, mas advérbio de ação, que passa a carregar nos seus significantes funções inteiramente produtivas, energéticas e quiçá anti-controle, esta, cada vez menos estranha aos sujeitos históricos dessa vontade.

**Palavras-chave:** Sexo. Verdade. Sujeito.

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri; membro e bolsista do grupo de estudos cartografias da subjetividade com ênfase nos temas de ética, sexualidade e subjetividade.



## SUBJETIVIDADE DOS ALUNOS DA REDE EDUCACIONAL DE SÃO PAULO FRENTE ÀS AULAS REMOTAS DURANTE A PANDEMIA

Rodrigo Parras<sup>1</sup>  
[rodrigo.p@usf.edu.br](mailto:rodrigo.p@usf.edu.br)

Wagner Franco<sup>2</sup>  
[dominiumwagner@yahoo.com.br](mailto:dominiumwagner@yahoo.com.br)

### Resumo

O contexto Pandêmico de Covid-19 gerou reflexos que impactaram as estruturas sociais e os métodos e processos da gestão pública, gerando medidas do Ministério da Educação. Em São Paulo, a Secretaria Estadual de Educação, maior órgão do seguimento no Brasil, detentora de cerca de quatro milhões de alunos no ensino fundamental e médio, 250 mil alunos e 65 mil servidores, frente a este cenário, implantou uma série de medidas, tais como programas de capacitação de docentes, plataforma de ensino, material didático e processos de monitoramento. O método remoto utiliza o aplicativo do Centro de Mídias de SP (CMSP), além de dois canais da TV Cultura para disponibilizar o conteúdo gravado e o suporte da unidade educacional por intermédio de grupos de whatsapp para monitoramento e aulas complementares do professor da disciplina de cada turma. Nessas relações educacionais, pautadas na utilização de tecnologias, este trabalho, que faz parte do Grupo de Pesquisa: Estudos Foucaultianos e Educação, procura discutir os desafios e limitações frente ao acesso dos alunos, utilização dos equipamentos e os serviços desta modalidade implantada e como a pandemia afeta suas subjetividades. A hipótese deste trabalho é de que a pandemia amplia a desigualdade dos alunos mais carentes da rede estadual, devido à falta de acesso aos recursos necessários. Para fundamentar a análise, será empregado os conceitos propostos pelo filósofo e pensador francês Michel Foucault, em relação ao poder. A atualidade do pensamento de Foucault é presente frente as relações da pandemia e o exercício dos direitos de cada cidadão frente à Constituição Brasileira, frente ao capitalismo neoliberal, que controla o sistema educacional. O que se procura nessa análise é entrever os modos como a pandemia subjetiva os alunos da rede estadual, mas também como o poder subjetiva frente a esta realidade.

**Palavras-chave:** Pandemia. Modalidade Remota. Subjetividade do Aluno.

---

<sup>1</sup> Universidade São Francisco (USF), programa de pós-graduação em Educação.

<sup>2</sup> Universidade São Francisco (USF), programa de pós-graduação em Educação.



## UMA ANÁLISE SOBRE O PENSAMENTO DE FOUCAULT: DO PODER SOBERANO Á BIOPOLÍTICA <sup>1</sup>

Mária Tânia Rodrigues<sup>2</sup>  
[maratania14@hotmail.com](mailto:maratania14@hotmail.com)

Ricardo George de Araújo Silva<sup>3</sup>  
[ricardogeo11@yahoo.com.br](mailto:ricardogeo11@yahoo.com.br)

### Resumo

A presente pesquisa visa através dos cursos ministrados por Michel Foucault no Collège de France (1978), explicar o termo utilizado pelo autor como; a razão de estado ainda em continuidade aos mecanismos de poder, saindo do soberano e procurando uma forma de poder que governe, controle e assegure a população. Ao iniciarmos este trabalho, daremos ênfase a alguns conceitos como “biopolítica” e o “poder pastoral”. O principal objetivo dessa pesquisa é relacionar a função do estado ao poder que ele emite sobre os cidadãos que nele habitam, procurando entender como ele é o grande detentor de poder e os seus cidadãos assim obedecem a suas formas de governar. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica com ênfase em: “*Nascimento da biopolítica (1978-1979)*”; “*Segurança, território, população (1978)*”. Nesta direção, temos que ao finalizar as abordagens do poder disciplinar, entra em cena o biopoder. Enquanto o primeiro almeja o corpo dos indivíduos, o segundo visa a população. A disciplina promove a individualização e o biopoder preocupa-se administrar a massificação, em vista de um todo, não apenas dos indivíduos isolados, mas de todo corpo populacional. Ressalvamos que se trata de uma pesquisa, com dados iniciais, no que tange aos estudos da problemática em questão.

**Palavras-Chave:** Poder. Estado. Sociedade.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é fruto de nossas pesquisas no Grupo de pesquisa em Política, Educação e Ética - GEPEDE - UVA/CNPq e no LEPOL (Laboratório de Estudos da Política) ambos sob coordenação e orientação do Prof. Dr. Ricardo George de Araújo Silva.

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

<sup>3</sup> Professor de filosofia UVA, Coordenador do GEPEDE.



## UMA REFLEXÃO SOBRE OS LUGARES DA LOUCURA ATRAVÉS DA ESQUIZOFRENIA

Ana Karla Silva da Nóbrega<sup>1</sup>  
[anakarla13@live.com](mailto:anakarla13@live.com)

Patrícia Oliveira Lira<sup>2</sup>  
[patricia.lira@upe.br](mailto:patricia.lira@upe.br)

### Resumo

A loucura percorreu um extenso caminho ao longo do qual compôs diversas redes interpretativas que sistematizaram o campo de sua inteligibilidade, desde a desrazão até se tornar transtorno mental, ocupando, de um modo ou de outro, um lugar de rejeição social. Até o século XVIII a percepção sobre a loucura se aproximava mais da ideia de ilusão do que anormalidade, a mudança ocorre somente no século XIX, junto ao surgimento de um importante marcador nessa trajetória: a criação do hospício. A partir dele foi possível a instauração de práticas disciplinares de poder, que passaram a tomar a doença mental enquanto objeto de estudo ou como emblema mais contundente do dito sofrimento psíquico. (FOUCAULT, 2019). Dá-se início ao grande reino da Saúde Mental, administrado por um grupo de ciências que foram creditadas a ditar padrões de normalidade, produzindo sobre o louco, saberes, formas e técnicas que o subordinavam integralmente a vontade dos profissionais (FOUCAULT, 1975). No século XX, as críticas ao modelo psiquiátrico tomaram forças, especialmente o movimento da Antipsiquiatria que ao centralizar o poder dos profissionais sobre o paciente enquanto cerne do problema, conseguiu promover importantes mudanças e ressignificações de práticas que impulsionaram um novo cenário onde os hospícios foram substituídos pelo cuidado comunitário. (AMARANTE, 2007). Ao tomarmos Foucault (2019) ao argumentar que os hospícios produziam a loucura individualizada enquanto doença mental, questionamos, qual seria então a loucura produzida pelos novos dispositivos de cuidado? Ela permanece no cerne do anormal ou estamos caminhando para sua afirmação enquanto modo de vida? Para isso, partimos do recorte da esquizofrenia, por historicamente ela estar associada à ideia da loucura mais “incorporada” e conseqüentemente receber a rejeição social com forte veemência, tomamos os seus lugares como uma referência para discutir a loucura no cenário da dita saúde mental.

**Palavras-chave:** Loucura. Esquizofrenia. Saúde Mental.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Université Paris13, França; Professora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE).



**VIDA DAS MULHERES INFAMES NO PAMPA:  
MODOS DE PENSAR O PRESENTE COM MICHEL FOUCAULT.**

Juliana Corrêa Pereira Schlee<sup>1</sup>  
[julianaschlee@gmail.com](mailto:julianaschlee@gmail.com)

Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>  
[pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)

**Resumo**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS, junto a um grupo de pesquisa que se dedica aos estudos da filosofia da diferença. Para esse evento, realizamos um recorte de uma pesquisa em que utilizamos o texto de Michel Foucault “A vida dos homens infames” a fim de problematizar a potência de pensarmos a vida das mulheres infames no Pampa gaúcho. Aqui nos interessa os modos como as mulheres se relacionam com a natureza pampeana, para isso miramos para a literatura, a cultura e a história do pampa gaúcho. Nesta trama, muitas vezes vemos a centralidade do gaúcho – homem, viril – e que vem tradicionalmente sendo evocado e atualizado, inclusive nas suas relações com o pampa, com a natureza. Mas nos provocamos a pensar e a questionar que outras relações se estabelecem no pampa gaúcho? Que posição as mulheres ocupam nessa trama? Que relações se legitimam entre as mulheres e o pampa e a natureza? As mulheres infames, atravessadas pelo cuidado com o Pampa, foram, nessa pesquisa, provocadas a pensar nas suas posições de sujeito a partir da arte e da filosofia para colocar sob suspeita os modos como nos constituímos aqui nesse estudo a mulher infame pampeana.

**Palavras-chave:** Educação. Natureza. Mulheres.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Ambiental, Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG; CAPES; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG. Bolsista Produtividade 1C do CNPq. Rio Grande, Brasil.

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



# Diálogos com Nietzsche e Foucault



## HETEROTOPIAS VIDEOGRÁFICAS E SABERES MEDICINAIS INDÍGENAS

Danilo Bezerra de Souza<sup>1</sup>  
[bezerradanilo@gmail.com](mailto:bezerradanilo@gmail.com)

### Resumo

O trabalho parte do encontro de saberes tradicionais indígenas e os regimes de saber acadêmico. Aborda o pensamento ameríndio, alteridade e conflitos ontológicos na produção de saber partilhado. O inumano, além-do-homem e o "*übermensch*" são chaves de fricção e tensionamento de questões que estão aquém da intersubjetividade humana nas cosmologias ameríndias do baixo Amazonas expandido. A ideia de captura da objetividade e de comunicação para os diferentes vídeo-produtores promovem uma pluralidade de sentidos e tem na manutenção da relação o elán de continuidade que vão se inscrevendo do desenvolvimento de ambientes relacionais e espaços conectivos heterotópicos. Os elos de afinidade e contratos implícitos das práticas e discursos na conformação e exibição de enunciados indiciais (produção de vídeo para funções diversas) circunscrevem outras temporalidades de relação tanto pelos produtores indígenas quanto pelos produtores não-indígenas. O tempo agrário e seus efeitos em sociedades onde os regimes de saber operam por relações onde os contemporâneos registros e imagens técnicas (a fotografia, o vídeo, mas também a gravação de som) bem como a noção de corpo, a noção de pessoa e as noções de cura e doença se inscrevem em uma complexa teia de interrelações éticas e estéticas, "diplomáticas", "políticas" ou propriamente cosmopolíticas. Onde binômios ou dualidades como corpo e mente, indivíduo e sociedade, bem como o paradigma de natureza e cultura precisam ser reconfigurados pelas interações de alteridade e troca. Os saberes medicinais aqui abordados são transversais ao cultivo agrário e seus meandros bio-físico-espirituais, às técnicas de pajelança, ao xamanismo, às técnicas de cura, à alimentação e à palavra-ato no campo da territorialidade corporal e física do espaço social e geográfico dos recortes tratados. E a interação videográfica a esse amplo universo é entendimento não como um fato alheio ou meramente observador, mas ativo e transformador por meio de diferentes agentes indígenas, não-indígenas e espirituais.

**Palavras-chave:** Alteridade. Vídeo. Regimes de Saber.

---

<sup>1</sup> Danilo Bezerra de Souza é graduado em educação artística pela UNESP – Universidade Estadual de São Paulo, em intermídia e multimídia pela USP-Universidade Estadual de São Paulo, pós-graduando na FABEC - Faculdade Brasileira de Educação e Cultura, membro do LISA – Laboratório de Imagem e Som da FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.



## O PODER-FORÇA ENQUANTO DISPOSITIVO ÓPTICO EM NIETZSCHE E FOUCAULT

Fabiana Gomes<sup>1</sup>

[fabiana\\_rs@yahoo.com.br](mailto:fabiana_rs@yahoo.com.br)

Alexandre Luiz Polizel<sup>2</sup>

[alexandre\\_polizel@hotmail.com](mailto:alexandre_polizel@hotmail.com)

### Resumo

São múltiplos os pontos de ressonância em que Michel Foucault e Friedrich Nietzsche se encontram discursivamente, dentre estes o pensar as composições do existir a partir das linhas de força e das relações de poder. Força, em Friedrich Nietzsche, enquanto metáfora da constituição cosmológica, bem como na interpretativa dos encontros dos corpos; poder, em Michel Foucault, enquanto relações que se fazem, ações que se articulam, engendram, efetuam e instauram dispositivos-agências. Sob tal fio condutor, o presente trabalho tem por objetivo traçar considerações acerca das conceptualizações dos poderes-forças a partir do dispositivo óptico. Para tal, o texto encontra-se organizado em três eixos: a) Nietzsche e as linhas de força apolíneas, em que discorreremos os processos organizativos do pensamento e a composição epistêmica de dogmas a partir das metáforas das iluminações-visões que subsidiam as filosofias ocidentais; b) Panóptico de Foucault, a fundação da modernidade a partir das invenções das ciências modernas e instituições pautadas em (ar)regimentações do olhar e dos corpos sob visualização; e c) Foucault e Nietzsche hoje, traçando críticas acerca do bombardeio semiótico dado pelas técnicas-tecnologias ópticas do contemporâneo e, na potencialidade de ambos para traçar diagnósticos do-no presente.

**Palavras-chaves:** Óptico. Relações de poder. Linhas de Força.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Goiás, Campus Uruaçu.

<sup>2</sup> Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciado em Ciências Biológicas (UEM) e Filosofia (UNAR).



## PENSAR AS (PÓS)VERDADES SOB LENTES FOUCAULTIANAS-NIETZSCHEANAS: HIDROXICLOROQUINA E AZITROMICINA

Alexandre Luiz Polizel <sup>1</sup>  
[alexandre\\_polizel@hotmail.com](mailto:alexandre_polizel@hotmail.com)

Fabiana Gomes <sup>2</sup>  
[fabiana.gomes@ifg.edu.br](mailto:fabiana.gomes@ifg.edu.br)

### Resumo

O refletir as contribuições acerca das epistemologias e modos de conceber os saberes atravessam as conceptualizações de verdade. Michel Foucault, sob ressonâncias de Friedrich Nietzsche, nos faz lançar múltiplos olhares acerca das composições de regimes de verdades e discursividades legitimadas. Ambos vertem o olhar à verdade a partir da demarcação de modos de veridicção, das articulações que possibilitam a efetuação de saberes-poderes-verdades. Evidencia-se na contemporaneidade (re)calibrações que deslocam as produções de quadros de referências, dos sustentáculos do que é conjecturado enquanto verdade, instaurando modos de veridicção sustentados pela produção de sectos digitais e na solidificação da identidade enunciante. É deste reconhecimento, que o presente manuscrito tem por objetivo traçar considerações acerca do modo de veridicção que dá sustentáculo as (pós)verdades a partir do caso cloroquina. Para tal, lança-se o olhar às notícias veiculadas por mídias de grande veiculação (BBC, Folha, Estadão e G1), guiadas por análise genealógica de inspiração em Michel Foucault e em Friedrich Nietzsche. Organizamos o presente manuscrito em três eixos: a) A deslegitimação da complexidade na composição de quadros de referência; b) A simplificação das (pós)verdades e dos questionamentos levantados por estas; e c) A vontade de messianismo em meio a promessas pastorais.

**Palavras-chaves:** Educação. Epistemologia. Modos de Veridicção.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciado em Ciências Biológicas (UEM) e Filosofia (UNAR).

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal de Goiás, Campus Uruaçu.



## AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE SÓCRATES: UM DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E NIETZSCHE

Priscila Céspedes Cupello<sup>1</sup>  
[cupello.priscila@gmail.com](mailto:cupello.priscila@gmail.com)

### Resumo

Esta apresentação tem o intuito de colocar em debate as interpretações de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche sobre as últimas palavras de Sócrates, encontradas no diálogo Fédon de Platão, no qual o filósofo ateniense diz: “Críton, devemos um galo a Asclépio” (PLATÃO, Fédon, 118a). Na aula de 15 de fevereiro de 1984 do curso A Coragem da Verdade Foucault interpreta que Sócrates morreu em defesa de um determinado modo de vida, a chamada vida filosófica, a qual é comprometida com o exame constante de si e dos outros. Nessa mesma aula, Foucault se afasta das interpretações esboçadas pelo filósofo alemão Nietzsche no §340, intitulado “Sócrates moribundo” do livro *Gaia Ciência* (1882, 1887), e na parte intitulada “Problema de Sócrates”, no *Crepúsculo dos Ídolos* (1889). Acredita-se que Nietzsche, ao interpretar as últimas palavras de Sócrates, estava muito mais interessado em vê-lo como um defensor de um legado de pensamento metafísico, cuja apropriação tornou-se hegemônica com o cristianismo, provocando a decadência da potência de vida da cultura ocidental. Já Michel Foucault, por outro lado, enxerga um Sócrates preocupado com o melhoramento das almas atenienses, com o cuidado de si e com a filosofia como a melhor forma de viver, um viver refletido.

**Palavras-chaves:** Ética. Política. Estética da Existência.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia do PPGLM/UFRJ.



## MICHEL FOUCAULT E A FICÇÃO COMO RECURSO METODOLÓGICO: UM PROCEDIMENTO ENTRE KANT E NIETZSCHE

Fernanda Gomes da Silva<sup>1</sup>  
[fernanda.gdasil@gmail.com](mailto:fernanda.gdasil@gmail.com)

### Resumo

A presente comunicação visa explorar os usos da ficção nas pesquisas de Michel Foucault. Para tal tarefa elegemos Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche como interlocutores privilegiados no tratamento da questão, tendo como pano de fundo a discussão em torno da filosofia do *como se* [als ob] de Hans Vaihinger. Para além da declaração polêmica – e muitas vezes apressadamente interpretada – de que só teria escrito ficções, vemos a ficcionalidade como um elemento recorrente na produção do filósofo francês. Foucault afirma, em diferentes momentos da sua trajetória, que suas investigações se vinculam ao campo ficcional, mas isso sem deixar de enfatizar que busca produzir com elas uma interferência capaz de suscitar efeitos reais sobre o nosso presente. Assim, analisaremos a presença da ficção ao mesmo tempo como um recurso metodológico (que produz efeitos de verdade) e um posicionamento teórico diante do problema do verdadeiro e do falso. Desse modo, situamos o trabalho de Foucault como um exercício filosófico que opera num regime ficcional em diferentes níveis: epistemológico, a partir do emprego do *como se* kantiano como modo de aproximação do real; político, na medida em que, tomando como referência relações de poder, questiona formas de racionalidade, tenciona os seus limites de determinação e propõe práticas de resistência; e ético ao voltar-se para a elaboração de uma experiência de liberdade e governo de si, sem perder a dimensão da alteridade. Buscamos enfatizar, por fim, que em suas dimensões ética e política, tal exercício está mais próximo do procedimento nietzscheano de uma radicalização da atitude crítica.

**Palavras-chaves:** Ficção. Atitude Crítica. Filosofia do *como se* [als ob].

---

<sup>1</sup> Fernanda Gomes da Silva é doutora em filosofia e membro do grupo de pesquisa “Michel Foucault” (CNPq) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, onde desenvolveu sua tese de doutorado, defendida em junho de 2019, sob a orientação da professora Salma Tannus Muchail. Entre dezembro de 2015 e novembro de 2016 realizou um estágio doutoral na Université Paris Ouest Nanterre La Défense, sob a supervisão da professora Judith Revel. Ambos com financiamento da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP (2014/06031-8/2015/20331-7). Na mesma ocasião de sua estadia em Paris, a pesquisadora teve também a oportunidade de consultar os manuscritos do Fonds Michel Foucault da Bibliothèque nationale de France (BnF).



**DISCURSO DE ÓDIO:  
GOVERNO BOLSONARO E PROCESSOS DE  
PRODUÇÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS VIRTUAIS**

Clístenes Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
[clistenes.o.s@gmail.com](mailto:clistenes.o.s@gmail.com)

**Resumo**

Os discursos compartilhados pelo governo Bolsonaro têm adotado condutas repressivas, classificando os que discordam disso como sendo aqueles que não zelam pela democracia e que são contra a liberdade de expressão. Esses discursos refletem sobre uma parte das posições possíveis neste campo discursivo da política e fazem uso das mídias sociais como ferramenta para fazer circular o que ficou conhecido como “discurso de ódio”. Tal discurso, sustenta-se na não aceitação da diferença, considerando os discordantes como o inimigo comum. Para desenvolvimento do trabalho, olhamos o dispositivo das mídias sociais e a internet como instrumentos de socialização de notícias e veiculação capaz de possibilitar a rapidez da divulgação, pelas facilidades de publicação e acesso aos seus conteúdos, fomentando a propagação daquilo que ficou denominada “fake news”. Utilizaremos noções presentes em Nietzsche no recorte que lida com a temática da verdade como convenção de uma *moral de rebanho*, chamada a oferecer um breve aporte. Nesse sentido, será fundamentado especialmente nas contribuições de Michel Foucault para os estudos do discurso, através de conceitos como *Enunciado*, *Formação Discursiva* e *Vontade de Verdade*, para mostrar o processo de produção de sentidos como tramados em relações de saber-poder em confronto no processo social da luta política. Este trabalho tem como objetivo de analisar enunciados que circularam nas mídias sociais, os mecanismos de produção de “fake news” como efeito de uma vontade de verdade que inscreve no presente político do Brasil, o discurso do ódio.

**Palavras-chave:** Governo Bolsonaro. Discurso de Ódio. Vontade de Verdade.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte; graduando em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.



## DA ARTE DA RESISTÊNCIA: A SUPERAÇÃO DE SI PELA DISCIPLINA MARCIAL NINJA

Marcio Fonseca Benevides<sup>1</sup>  
[marciofbenevides@gmail.com](mailto:marciofbenevides@gmail.com)

### Resumo

A figura do guerreiro *ninja* - “aquele que resiste” - popularizou-se do Japão ao Ceará como uma espécie de anti-herói com saberes e poderes sobre-humanos. Perito em artes marciais e táticas heterodoxas, alimenta o imaginário em vários suportes discursivos: fábulas, filmes, animações, séries e no *design* das máscaras contra a pandemia de covid-19. A presente proposta, elaborada por um faixa preta de primeiro grau, aborda a superação de si como objeto de reflexão e a prática de empoderamento pelas técnicas disciplinares do *Ninjutsu* - arte da resistência. Parte-se de um diálogo sobre o agenciamento corpo-mente e entre o pensamento ocidental e o oriental, abordando a arte marcial como filosofia prática - ou um *ethos* - e a filosofia como arte marcial. Para tal, recorre-se à intercessão de Nietzsche, Foucault, Deleuze-Guattari, Uno e de Hatsumi, precursor da arte *ninja* contemporânea, praticada em todo o mundo por milhares de adeptos. Por uma “vontade de lutar”, que inspira a autossuperação pela marcialidade, engendra-se uma analítica disciplinar não em chave negativa (vigilância, repressão), mas por possibilidades afirmativas de subjetivação, pela construção cotidiana de um corpo guerreiro, treinado voluntariamente, otimizado para pensar e agir, que estetiza a existência enquanto torna a sobrevivência em poder viver e saber viver.

**Palavras-chave:** Superação de si. Disciplina. Artes marciais.

---

<sup>1</sup> Dr. em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Faixa Preta 1º Dan em Ninjutsu Bujinkan, Instrutor do Seinjin Dojo Fortaleza, Docente do Centro Universitário 7 de Setembro (Uni7).



## **MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E VERDADE NO OCIDENTE HOJE: REFLEXÕES PARA GENEALOGIAS A PARTIR DE NIETZSCHE E FOUCAULT**

Rodrigo Gomes Guimarães<sup>1</sup>  
[rodrigoguim@gmail.com](mailto:rodrigoguim@gmail.com)

### **Resumo**

A partir leitura genealógica de Nietzsche e Foucault sobre a possibilidade de uma história do sujeito do Ocidente nos legados de pensamento e de “técnicas de si” (FOUCAULT,1984), refletimos sobre modos de subjetivação que podemos localizar em nosso presente. Pelas genealogias do sujeito da moral cristã, do sujeito moderno e do sujeito da ordem biopolítica, traçamos um percurso que liga sujeito e verdade ao presente, e que, diferente do sujeito da moral cristã que renunciava a si, nos traz a um presente em que podemos apontar para outros dispositivos de produção de sujeitos. Sujeitos esses que atuam como portadores de verdades inerentes a si e que são incitados a afirmá-las publicamente de modo a serem reconhecidos como sujeitos. Sujeitos que se produzem ao se afirmarem a si em verdades que seriam fruto de suas interioridades, que buscam a maximização de si nessa afirmação pública de si e que produzem desse modo novos processos de subjetivação. Em suma: traçamos caminhos possíveis para se fazer uma genealogia do sujeito que tem na prática da afirmação pública de si como sujeito da verdade uma de suas principais “técnicas de si”, e esses caminhos, apontamos, já foram traçados por Nietzsche e Foucault.

**Palavras-chave:** Genealogia. Subjetivação. Técnicas de Si.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo; Mestre em Antropologia pela California Institute of Integral Studies; professor online de Nietzsche e Foucault em cursos avulsos e realizador do canal Crítica com Nietzsche e Foucault no Youtube



## A VERDADE DO REBANHO E A SOCIEDADE DO DISCURSO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS NO CONTEXTO DA PÓS-VERDADE

Maria Débora Gomes Pereira Cassiano<sup>1</sup>  
[deboracassiano\\_16@hotmail.com](mailto:deboracassiano_16@hotmail.com)

### Resumo

O presente trabalho busca estabelecer pontes entre o pensamento do alemão Friedrich Nietzsche e do francês Michel Foucault, com o objetivo principal de resgatar reflexões em torno da fragilidade e da relatividade dos conceitos e dos discursos que moldam a sociedade, trazendo tais reflexões os dias atuais, dentro de um contexto de pós-verdade. Assim, analisa-se como o apego a um discurso específico pode levar à redução da capacidade crítica do indivíduo, gerando aversão a toda e qualquer ideia que possa tirá-lo do conforto de seu lugar comum. Nesse sentido, este artigo faz um paralelo entre a verdade do rebanho e o baluarte edificado dos conceitos – ideias trazidas por Nietzsche, em seu escrito “Verdade e Mentira no sentido extramoral”, e os discursos que emergem e são legitimados pela sociedade, de que trata Foucault em “A Ordem do Discurso”. Como abordagem metodológica, foi utilizado estudo bibliográfico, com base nos escritos de ambos os autores, bem como em obras literárias, palestras e artigos científicos concernentes ao tema. Como resultado principal, constatou-se que o discurso do indivíduo é aquilo que o preserva dentro do extrato social do qual ele faz parte, de modo que o apego a discursos pré-definidos e a recusa reiterada à “verdade do outro” se apresenta como uma forma de autopreservação e autoafirmação desse indivíduo perante os seus semelhantes. Assim, conclui-se que, na sociedade contemporânea, a legitimação de narrativas específicas, em detrimento das demais, gera o fenômeno da pós-verdade, o qual oferece terreno fértil para o aflorar de uma intolerância crescente que legitima discursos de ódio e dá azo a governos autoritários.

**Palavras-chaves:** Verdade do Rebanho. Sociedade do Discurso. Pós-verdade.

---

<sup>1</sup> Bacharelada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.



## A COMPAIXÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM DIAGNÓSTICO DO PRESENTE

Vilmar Prata<sup>1</sup>

[vilmarlabedisco@gmail.com](mailto:vilmarlabedisco@gmail.com)

### Resumo

Em tempos de crise, e agora, em tempos de pandemia, a melhor solução seria a compaixão? O objetivo dessa reflexão é lançar um olhar à luz de Foucault e Nietzsche para a compaixão, não como meio de controle ou o fim de determinada crise, mas um olhar sobre as transformações sociais e pessoais que ela provoca e que vão além dos lugares e corpos. Foucault nos lembra que desde os gregos, a soberania de si acontece na medida em que o sujeito lança um olhar para a própria vida, num gesto de autoconhecimento. Porém, ele não nos deixa esquecer que não podemos ignorar o outro, pois a vida voltada a si e movida pela sabedoria, nos remete à relação com o outro. Portanto, voltar-se para o outro faz parte do movimento de ser soberano de si, que é em vias de regra, estar para o outro, atento às suas necessidades enquanto sujeito que traz em si os questionamentos sobre a vida que também existem em nós. E nessa realidade nos deparamos com o desdobramento do pensamento de Nietzsche que, em contrapartida, vê a compaixão ao longo de sua obra, como um gesto egoísta, que visa tão somente o próprio gozo, a partir de uma postura soberana em relação ao outro, dissimulando a própria impotência diante de sua condição humana e inacabada. Dessa maneira, como poderíamos compreender a compaixão a partir de Foucault e Nietzsche, para um possível diagnóstico do nosso presente?

**Palavras-chave:** Compaixão. Foucault. Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2017). Estágio sanduíche em filosofia na Sorbonne Nouvelle Paris III (2015) sob orientação de Philippe Dubois. Estágio sanduíche na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - Ribeirão Preto (2016) sob orientação de Leda Verdianni Tifoune. Pós graduado lato sensu em Filosofia e Existência pela UCB - Universidade Católica de Brasília (2012). Graduado em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira (2010). Membro do grupo de pesquisa Ética e Psicologia Moral na Filosofia Antiga - UFBA. Membro do Viva Vox, grupo de pesquisa em Filosofia Antiga - UFS e membro do grupo nacional - Pórtico de Epicteto, Tem experiência na área de Filosofia e Análise do discurso, com ênfase em Ética, filosofia antiga e contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria da Memória, Teoria do Conhecimento, Linguagem, Governamentalidade, Ética, Sujeito, Subjetividade, Verdade, estoicismo, Michel Foucault, Sêneca. Atuou como professor de Ética e Introdução à Filosofia na FAECO (2015) e professor visitante de Introdução à Filosofia no IEED (2010). Membro do grupo editorial dos periódicos REDISCO (2015-2017) e O CORPO É DISCURSO (2015-2017) atuando principalmente como revisor.



## O PODER PUNITIVO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO: LEITURAS PÓS-ESTRUTURAIS

Tiago Alves de Jesus Barreto<sup>1</sup>  
[tiagoalves\\_99@hotmail.com](mailto:tiagoalves_99@hotmail.com)

Rafael Martins de Meneses<sup>2</sup>  
[rafaelmartinsm98@gmail.com](mailto:rafaelmartinsm98@gmail.com)

### Resumo

Friedrich Nietzsche (2001; 2005; 2016) escreveu sobre a formação dos valores morais e de que maneira se cria a ideia de “bem” e “mal”, evidenciando o fenômeno da produção de regras, a criação de papéis, a própria linguagem, classificações do mundo e conseqüentemente hierarquização dos corpos. Michel Foucault (2010; 2018; 2019) nos apresenta a ideia das tecnologias da sexualidade e noções sobre as engrenagens do saber-poder. Doravante, a presente pesquisa bibliográfica apresenta algumas co(i)nfúências desses teóricos na análise do sistema punitivo e as tecnologias de gênero. Nessas leituras, percebe-se que o sujeito é uma criação que se desenrola dentro de discursos políticos moralizantes pulverizados nas teias sociais desde microestruturas, tecnologias de subjetivação, produzindo existências catalogadas e desiguais. O poder punitivo aqui deve ser entendido para além do Direito Penal, ele é incorporado nas relações sociais, na naturalização e universalização do “bem” e “mal” e age tanto de maneira ativa, com a punição institucional, como de maneiras mais difundidas, exercendo controle sobre os discursos e coerção pela vigilância e seletividade de corpos. Assim, surge uma cadeia de padrões construídos, forjando a ontologização das condutas sociais, vista na raça, sexualidade, identidade de gênero, criminalidade e outras intersecções opressoras. Os dispositivos de controle utilizam, às vezes sutilmente, da disciplina, que tende a alcançar o status de instinto e/ou virtude, nos termos nietzscheanos. Questionamos então, quais as (im)possibilidades de enfrentamento à regra da punição e às regulamentações compulsórias do gênero? Na busca por mais pistas sobre esses problemas, também usaremos como referência Lélia Gonzalez (2019), Judith Butler (2003), Ângela Davis (2018), et al. Nesse âmbito, entendemos que a produção discursiva pode operar diametralmente na emancipação da subjugação, na medida em que cria campos de existências para além das infames estruturas de opressão.

**Palavras chaves:** Tecnologias de Gênero. Poder Punitivo. Emancipação.

---

<sup>1</sup> Graduando em Bacharelado em Direito (UFPI).

<sup>2</sup> Graduando em Bacharelado em Direito (UFPI).



## COMO NOS TORNAMOS PROFESSORAS? ABORDAGEM GENEALÓGICA DE NIETZSCHE A FOUCAULT

Aldenise Cordeiro Santos<sup>1</sup>  
[aldenisecs@yahoo.com.br](mailto:aldenisecs@yahoo.com.br)

Dinamara Garcia Feldens<sup>2</sup>  
[dfeldens@hotmail.com](mailto:dfeldens@hotmail.com)

### Resumo

Este texto apresenta a genealogia como abordagem de pesquisa, porque é a partir dela que buscamos entendimentos sobre a construção de saberes acerca da mulher na Educação. O método genealógico foi pensado por Nietzsche com elementos apresentados nas obras: Genealogia da Moral (1887), Gaia Ciência (1882) e Humano Demasiadamente Humano (1880), e levado adiante por Foucault na História da Sexualidade (1976), Vigiar e Punir (1975) e a Arqueologia do Saber (1969), em que se faz uma análise da produção de saberes para explicar como são estabelecidas as relações de poder. O texto movimenta-se a partir das seguintes questões: Como nos tornamos professoras? Como essa se tornou uma profissão de mulher? O que é uma profissão de mulher? São questões às com as quais empreendemos o objetivo de compreender as instâncias e caminhos, por meio do qual se construiu, na instituição escolar, produções discursivas e saberes acerca da mulher, mas não uma identidade de mulher, e sim os diferentes enunciados, imagens, subjetividades, ações, objetos, espaços, camadas, discursos e saberes produzidos a seu respeito na contemporaneidade. A análise das narrativas teve inspiração genealógica com base em Nietzsche e Foucault, e foi intercambiada com argumentos de autoras feministas. Nesse encontro abordamos elementos que compõem a docência como o longo e infinito caminho da formação que provoca diversos outros entendimentos sobre o conceito mulher. A ressignificação desse conceito dá visibilidade a estas mulheres que estão nas margens da produção científica.

**Palavras-chave:** Mulheres. Professora. Genealogia.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. É professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS e da rede pública de ensino do Estado de Sergipe. É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/UNIT/CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UFS).



## FOUCAULT E O PENSAMENTO NIETZSCHIANO: GENEALOGIA, NIILISMO E HISTÓRIA

Davison Roberto de Paula<sup>1</sup>  
[davison\\_roberto@hotmail.com](mailto:davison_roberto@hotmail.com)

### Resumo

A obra *Genealogia da moral* apresenta desde o início o problema da origem dos valores partindo da perspectiva genealógica e o faz relacionando-a à fisiológica. Assim, as avaliações que criam valores são tipos de vida, e se apresentam como sintomas deles. No Prólogo, Nietzsche afirma que por possuir uma “educação histórica e filológica” e um “inato senso seletivo em questões psicológicas”, transformou o problema acerca da origem do bem e do mal em outro, “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? e que valor têm eles?”. A transformação da pergunta opera justamente a subversão, apresentando de fato o aspecto mais importante, ao se questionar sobre o valor desses valores. A relação entre genealogia e fisiologia fica evidente nas linhas seguintes, quando Nietzsche indaga se os valores “obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?”. Em *Nietzsche, genealogia e história*, Foucault discute o conceito de genealogia a partir dos usos que Nietzsche faz dos termos *Ursprung*, *Herkunft* e *Entstehung* e a sua relação com o conceito de história. Pretendo investigar as relações entre genealogia, fisiologia, niilismo e história a partir deste texto, compreendo o procedimento genealógico como como método filosófico que ao repensar a questão da origem em termos históricos, no sentido de fazer emergir as interpretações que criam interpretações, ou, se preferirmos, os valores que criam valores, subverte a lógica metafísica da crença de uma origem que se propõe como estável, fixa, eterna e a-histórica, quando na verdade, a sua consistência nasce de uma vida e de um corpo doentes, degenerados, do tipo fraco, que visa impor a sua interpretação metafísica e moral, portanto, niilista, como a dominante.

**Palavras-chave:** Genealogia. Niilismo. História.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo PPGF/UFRJ, bolsista CAPES



## MORTE DO HOMEM, NEGATIVIDADE E PSICOLOGIA NOS ESCRITOS DE FOUCAULT DOS ANOS 50

Gunther Mafra Guimarães<sup>1</sup>  
[gunthermafra@id.uff.br](mailto:gunthermafra@id.uff.br)

### Resumo

O objetivo da seguinte comunicação é apontar como as leituras de Nietzsche já marcaram o Foucault da década de 50, demonstrando assim possíveis influências que aparecem nas críticas foucaultianas à psicologia em dois textos publicados em 1957: "A psicologia de 1850 a 1950" e "A pesquisa científica e a psicologia". Para atingir o objetivo proposto, será situado os dois projetos antropológicos de Foucault publicados em 1954, cada um com uma ideia de "homem" que visaria fundamentar as ciências humanas e a psicologia. Em seguida, apresenta-se de maneira resumida os conteúdos de um curso que Foucault ministrou em 1954-1955 na École Normale Supérieure denominado "*Problèmes de l'Anthropologie*", segundo estudos mais recentes. Lá, é feito um percurso situado na história da filosofia delineando as possibilidades do conhecimento embasado em uma antropologia filosófica, terminando nas críticas nietzscheanas a tal autofundamentação do homem. Por fim, compara-se as implicações do curso com a ruptura que Foucault apresenta em relação à antropologia filosófica nos dois textos de 57, realizando paralelos com as ideias de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Filosofia Antropológica. Negatividade. Psicologia.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Psicologia na UFF - Pólo Universitário de Rio das Ostras (PURO). Faz parte de um projeto de pesquisa intitulado "A Questão da Clínica na Obra Inicial de Michel Foucault" e é pesquisador do PIBIC na vigência de 2020/2021.



**PROXIMIDADES INSUSPEITAS:  
A PRESENÇA DE NIETZSCHE NA ARQUEOLOGIA DE MICHEL FOUCAULT**

Lucas Bittencourt Vaconcellos<sup>1</sup>  
[lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br](mailto:lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br)

**Resumo**

Partindo de um esforço para situar a presença de Friedrich Nietzsche no período arqueológico de Michel Foucault e sobretudo no que tange as possíveis ligações entre o argumento de *As palavras e as coisas* e o de *Nietzsche, Freud, Marx*, o presente trabalho pretende apontar algumas relações entre a arqueologia e a filosofia nietzschiana. Nesse sentido, tentamos, em primeiro lugar, compreender como, já na primeira fase do trabalho de Foucault, a referência à Nietzsche ocupa um lugar central na avaliação crítica que o filósofo francês faz do comentário a fim de discutir como e até que ponto a escrita da história está realmente fundada nessa técnica interpretativa. E, em seguida, passamos a uma consideração sobre como essa avaliação pode se ligar, a partir da leitura que Foucault faz sobre o problema da interpretação presente na filosofia nietzschiana, à ideia de uma história do Mesmo apresentada em *As palavras e as coisas*.

**Palavras-chave:** Michel Foucault. Friedrich Nietzsche. História.

---

<sup>1</sup> Graduando em ciências sociais pela USP, orientando da prof. Dra. Silvana Ramos do Departamento de Filosofia da USP.



## HISTÓRIA, SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA: UMA CONVERSA ENTRE DOIS GENEALOGISTAS

Cezar Prado<sup>1</sup>  
[cezarprado.m@gmail.com](mailto:cezarprado.m@gmail.com)

### Resumo

Nesse texto tento fazer uma aproximação entre Nietzsche e Foucault a partir dos trabalhos genealógicos de cada um. Início discorrendo sobre a importância da vida como parâmetro de utilização da história em Nietzsche, a partir de seu texto Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral (de 1873), para em seguida mostrar como também Foucault faz uma utilização da história que potencializa a vida. Tento mostrar como tanto na genealogia de Foucault como na de Nietzsche encontramos uma concepção de sujeito múltiplo e mutável, uma história caracterizada pelo jogo de forças, o atravessamento de poderes no âmbito do discursivo, assim como um pensamento que encoraja à afirmação de si, das suas vontades e aspirações, das suas identidades mesmo que provisórias, de uma história passível de transformações, de resistências. Não apenas faço aproximações entre Nietzsche e Foucault, como também distanciamentos, sobretudo em torno da crítica que Nietzsche faz à historiografia que se quer objetiva ou neutra, que expressa um certo niilismo, e como isso pode ser ligado às ideias relacionadas ao papel do intelectual em Foucault.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Foucault. Genealogia.

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador na área de Filosofia Política, com ênfase no pensamento de Michel Foucault.



## NIETZSCHE E FOUCAULT: DA VONTADE DE POTÊNCIA AO PODER COMO ATO

Vânia Cristina da Silva Rodrigues<sup>1</sup>  
[vaniacs.rodrigues@gmail.com](mailto:vaniacs.rodrigues@gmail.com)

### Resumo

Poucos pensadores contemporâneos terão exercido um impacto mais fortemente liberador e criativo sobre o conjunto das ciências humanas do que Michel Foucault. A amplitude do legado de sua reflexão evidencia o caráter generoso de suas ideias, que se disseminaram e renovaram campos distintos da investigação das ciências humanas. No entanto, seu legado teórico não se esgota apenas na renovação de áreas já estabelecidas de conhecimento, mas se deixa comprovar, e talvez de maneira ainda mais evidente, na capacidade de formular conceitos que instigam a formação de novos problemas e campos de investigação. Talvez um dos aspectos mais ricos do ambicioso projeto de Foucault seja o abandono da visão tradicional do poder. Nesse sentido, este estudo nasce da inquietação de como surge o conceito de poder no pensamento de Foucault. Trata-se de uma tentativa de, num primeiro momento, de concordar que Foucault bebeu na fonte nietzschiana e, num segundo momento, problematizar esta articulação a partir do entendimento de que uma questão é a influência sofrida por Foucault a partir das obras de Nietzsche e a outra é justamente a diferença conceitual, uma vez que os autores viveram em diferentes tempos e espaços. Para tanto, apresentamos algumas das influências filosóficas sofridas por Nietzsche (1844-1900), em especial a de Arthur Schopenhauer (1788-1860) e a de Paul Rée (1849-1901) e, posteriormente, nos atemos aos conceitos de vontade de potência, em Nietzsche, e poder no pensamento de Foucault. Através das várias colocações dos dois filósofos a respeito destes conceitos foi possível identificar aproximações e afastamentos.

**Palavras-chave:** Foucault. Vontade de potência. Poder em Foucault.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

II Encontro Nietzsche e Foucault  
20 e 24 de Julho de 2020  
ISBN: 978.65.990292-6-4



Universidade  
Estadual do Piauí

LEFA



## Diálogos Outros



## O RESGATE DA DOCTRINA DA SITUAÇÃO IRREGULAR NO DISCURSO DA REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL À LUZ DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

José Ricardo Oliveira Mello<sup>1</sup>  
[ricardooliveiramello@gmail.com](mailto:ricardooliveiramello@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo identificar eventuais deslizamentos de sentido no conteúdo da Proposta de Emenda Constitucional de n.º 4 de 2019, de autoria do Senador Marcio Bittar (MDB/AC), que tem por finalidade a redução da maioria penal como forma de diminuição da criminalidade. A pesquisa bibliográfica será utilizada como procedimento para apresentar, no Referencial Teórico da pesquisa, o marco conceitual e teórico, com o intuito de esclarecer e contextualizar a relação entre as causas e os efeitos do encarceramento juvenil, bem como a problemática da mitigação das penas apresentadas por Michael Foucault em *Vigiar e Punir* (1975). Partiu-se do pressuposto de que o discurso de endurecimento das penas e aumento das punições como panaceia da diminuição da criminalidade fundamenta-se na Doutrina da Situação Irregular, adotada pelo extinto Código de Menores de 1927, tendo em vista que, em diversos momentos da justificativa do referido projeto, o termo “menor” é utilizado, resgatando o conceito discriminatório que coloca as crianças e adolescentes como delinquentes e transgressores da lei, afastando a sua condição de ser em desenvolvimento digno de estima e respeito e o mandamento do texto constitucional que confere como dever da família, da sociedade e do estado à proteção dessa parcela da sociedade.

**Palavras-chave:** Imputabilidade. Violência. Mitigação das Penas.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Memória, Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor de Direito Constitucional da UNIFtc (Faculdade de Tecnologia e Ciências de Vitória da Conquista-BA). Bacharel em Direito pela FAINOR (Faculdade Independente do Nordeste).



## RESISTIR É POSSÍVEL?

Danielle Gonzaga de Brito<sup>1</sup>  
[danielledgb@gmail.com](mailto:danielledgb@gmail.com)

### Resumo

É possível encontrar questões acerca da resistência nos pensamentos de Nietzsche, Foucault e Lacan? Em meio à diversidade de ideias e aspectos diferenciados de trabalho, seria possível detectar um paralelo sobre resistência entre os autores citados? É este o objetivo deste ensaio: apresentar um olhar sobre a temática resistência nos entrecruzamentos dos trabalhos de Nietzsche, Foucault e Lacan. De natureza qualitativa, bibliográfica e apropriando-me das técnicas de análise crítica comparativa, busco traçar semelhanças nas obras dos referidos autores, em particular, à constituição do sujeito que, mesmo inserido em uma sociedade ordenada por meio do exercício de poder na produção/reprodução e controle de saberes, encontra uma possibilidade de deriva. Em outras palavras, utiliza as fissuras do sistema para a possibilidade da criatividade e do desdobramento de si. Descobrir pontos de fugas para a negação do processo de adaptação, me parece ter sido ponto de resistência essencial no próprio modo de pesquisa dos autores em questão que não se contentaram com as respostas oferecidas pelas filosofias que os circundavam. As redescobertas e os diferentes percursos de pesquisa adotados por Nietzsche, Foucault e Lacan nos respondem que resistir é não apenas possível, mas um caminho a ser percorrido continuamente.

**Palavras-chaves:** Nietzsche. Foucault. Lacan.

---

<sup>1</sup> mestre em Estudos da Linguagem pelo PPGL da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Graduada em Letras Língua Inglesa pela mesma instituição. Atualmente é professora do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Vale do Rio Madeira na UFAM.



## O PODER E O AGIR DO CORPO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE AUSTIN E FOUCAULT.

Ingrid Xavier dos Santos<sup>1</sup>  
[ingridxaviersantos@yahoo.com.br](mailto:ingridxaviersantos@yahoo.com.br)

Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira<sup>2</sup>  
[dinaferreira@terra.com.br](mailto:dinaferreira@terra.com.br)

### Resumo

O filósofo da linguagem Austin atesta a necessidade da ruptura do pensamento linguístico pautado em uma logicidade formal e assevera que a linguagem é de natureza performativa (AUSTIN, 1962), que não nega as convenções ritualizadas previamente estabelecidas pela sociedade para que a comunicação seja constituída. Todavia, os sujeitos ao falarem estão produzindo uma determinada ação, e esta ação não é apenas a emissão verbovocal de um enunciado, mas um agir que envolve o corpo do sujeito enunciativo (PINTO, 2002), ou seja, não existiria ato de fala sem ato de corpo. Sendo assim, um ato de fala envolve tanto a materialidade linguística (locução, ilocução e perlocução) quanto o poder simbólico que há no corpo do sujeito enunciativo. Destarte, ao observar esta unidade de linguagem performativa (ato de fala e ato de corpo), é possível associá-la ao pensamento foucaultiano (FOUCAULT, 2013) acerca do corpo, que desvela não só os lastros que afetam, constroem e integram a subjetividade dos corpos, mas também as estruturas de poder que engendram os corpos. Ante a tais perspectivas é inteligível a relação de que a linguagem, envolvida em processos ritualísticos, é um potencial agente de poder que controla e doutrina os corpos. Tomando como base tais argumentos, este estudo tem como objetivo propor um diálogo entre Austin e Foucault, a fim de compreender como as forças linguísticas doutrinam e (des)constroem os corpos de pessoas com deficiência, mais especificadamente com Down. Buscando observar esse diálogo em uma práxis midiática, esta pesquisa analisou uma notícia no site da revista Vogue, do mês de julho de 2020, que traz uma modelo com Síndrome de Down, estrela da campanha de maquiagem da marca Gucci. Da análise, é possível depreender como o pensamento linguístico-filosófico auxilia na compreensão da formação do corpo das pessoas com deficiência e como a ação desses sujeitos tensionam os discursos hegemônicos que circulam na sociedade.

**Palavras-chave:** Ato de Fala. Corpo. Deficiência.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE/ Posla); mestra em Linguística Aplicada pelo mesmo programa e graduada (Bacharelado) em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará.

<sup>2</sup> Pós-doutora, em Ciências Sociais, pela Université Paris V, Sorbonne, em co-tutoria em Estudos da Linguagem, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2009-2010); Pós-doutora em Pragmática, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2002-2003); doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995); mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988). Pesquisadora do Centro de Atualidades e Cotidiano da Université Paris V, Sorbonne. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará (UECE/ Posla).



## INCONCLUSAS ARTESANIAS DE CUIDADO: CARTOGRAFIAS DE CORPOS EM EXPERIMENTAÇÃO

Nayara Lima Longo<sup>1</sup>  
[nayaralongo@yahoo.com.br](mailto:nayaralongo@yahoo.com.br)

### Resumo

Fundamentando-se em uma perspectiva transdisciplinar, esta pesquisa procura criar um campo de questões que ajudem a problematizar as interfaces entre processos de produção de conhecimento e determinadas práticas corporais que aqui convencionaremos chamar como Artesanias de Cuidado. Na esteira da produção de autores como Nietzsche, Foucault e Deleuze, aposta-se que estas Artesanias de Cuidado, cultivadas nos limiares da Filosofia da Diferença, das práticas somáticas e da dança, possam constituir-se como dispositivos catalisadores de políticas de si para consigo, que desemaranhem pontos de sufocamento cavados por modulações das disciplinas/controles/fascismos que atravessam o mundo contemporâneo, de maneira a estreitar a conexão entre políticas de constituição de corpos e a produção de modos de existência. Ao situar estas artesanias como práticas de subjetivação, procura-se desdobrar políticas de (re) existência que provoquem fissuras nas políticas de subjetivação hegemônicas, insinuando que aquilo mesmo que parece tão, controlado no contemporâneo- o corpo - traz em si uma potência indomável e para sempre inconclusa, virtualidade e imanência. Subtraindo das construções de movimento o chão firme dos hábitos, procura-se desfazer a experiência de si como a experiência de um eu que procura controlar e submeter o corpo e seus devires, de maneira a explorar movimentos em que o corpo se constitua como causa ativa de si mesmo, rede de feixes porosos e interligados entre si e com o mundo. Experimentação que se pretende, portanto, imediatamente política, na medida em que redime a exterioridade da vida, sustentando potências de corpos em batalhas. A proposta do trabalho passa, neste sentido, por dar passagem a algumas políticas de subjetivação ligadas ao corpo, relacionando-as com a produção de estéticas da existência em que os movimentos da vida possam ser atualizados de modos mais soberanos, ativos e belos.

**Palavras-chave:** Corpo. Política. Estéticas da Existência.

---

<sup>1</sup> Doutoranda DMMDC (UFBA), Mestra em Psicologia (UFF), Especialista Estudos Contemporâneos em Dança (UFBA), Especialista em Conscientização do Movimento e Jogos Corporais - Metodologia Angel Vianna (FAV), Psicóloga (UNESP).



**ALGORITMO E GOVERNAMENTALIDADE:  
ASPECTOS INTRODUTÓRIOS PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE  
PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS**

Bruno Stramandinoli Moreno<sup>1</sup>  
[bstram@gmail.com](mailto:bstram@gmail.com)

Carlos José Martins<sup>2</sup>  
[carlosjmartins@hotmail.com](mailto:carlosjmartins@hotmail.com)

**Resumo**

As subjetividades contemporâneas, segundo Foucault, são produzidas na intersecção entre práticas de poder e de saber. Uma dinâmica relacional contínua de diferentes sujeitos e objetos que se operacionalizam através de práticas material-discursivas. Tais práticas co-existem através e sob a égide de regimes de saber-poder. O debate aqui proposto busca circunscrever como a emergência de novas formas de produção de saber e práticas (humanas e não-humanas) são moduladas pelos algoritmos produzem as subjetividades humanas contemporâneas. Num tempo que caracteriza-se pela: sobreposição de regimes existenciais em transição (*Disciplinares-de Controle, Fabril-Informacional, Liberal-Neoliberal, etc...*); aplicação de tecnologias que, para além de instrumentalizar as interações humanas, constituem relações humanas e não humanas. Uma governamentalidade que (através de vários processos, técnicas e dispositivos), produz um tipo de subjetividade, não apenas pelo efeito de outras práticas humanas, mas também, de não-humanas. A se destacar aquelas sob a égide dos algoritmos. A presente pesquisa intenta-se sobre a interrelação entre algoritmos e produção de subjetividade, no intuito de entender o que é e como funciona um algoritmo, e compreender como diferentes algoritmos funcionam diante a dinâmica social. Como tal, esta aplicação é arquitetada para calcular a vida humana, produzindo um *pull* de incertezas e contingências. Como são gerados tais dados? Como são convertidos? Como subsidiam e embasam julgamentos e tomadas de decisões? Há uma enormidade de rastros das operações que os usuários realizam. Tais dados, metadados, que são utilizados para a constituição de perfis, que enquadram e produzam o sujeito humano. O presente trabalho busca debater: o poder social do algoritmo na produção de subjetividade; As articulações entre as políticas humanas, e também as *não-humanas*, e; o modo que algoritmos agenciem a vida humana, modulando-a. Um tipo de agenciamento, que conjuntamente, com a agência humana, imputa decisões sobre as ações humanas, e produz novos tipos de subjetividade.

**Palavras-chave:** Algoritmo. Subjetividade. Governamentalidade.

---

1 Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais.

2 Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro.



## A ESCRITA COMO PERDA DE SI

Renata Morais Lima<sup>1</sup>  
[rmoraislima@yahoo.com.br](mailto:rmoraislima@yahoo.com.br)

### Resumo

A escrita como devir .... Um exercício de perder-si e de perda de si. Um enfrentamento a uma vida não fascista. Experimentações de modos de vida outro. Afirmar diferença. Que potências traz um carta? Que encontros? Uma carta enviada ao campo mediada por um radialista, o que acontece? A carta então começa.

“À alguém que vive no campo.

[...]

Mas o que alguém da cidade quer ver, viver com alguém da roça? Que vida se deseja encontrar aí?

A pergunta não é para responder, é para ir ao encontro, é para dar a ver o desejo de escrita, escrita que ganha desejo de encontrar. Não encontrar resposta, encontrar apenas.

O radialista lê estas linhas, lê esse desejo, e o desejo que fica aqui, deseja que alguém que ouve essa carta crie um jeito de encontrar. Como?

Talvez um escrever sem nenhuma pretensão de retorno, apenas fluxo, movimento de desejar encontrar, já se faz encontro. Invenção de um território de possibilidades. Que possibilidades? Não se sabe, não há controle. Apenas desejo.

A imagem do radialista lendo esse desejo para alguém que vive fora da cidade, continua a produzir um território de encontro. Quem nos escuta? O que fazem? Será de madrugada? A noite acordando, o frio do ar de junho levando o corpo para fora. O rádio o acompanha. Companheiro das jornadas na capina, na *fazeção* de cerca, no revirar da terra, na plantação, no manejo da criação..... (manejar a criação...isso dá a pensar). Um corpo que precisa dele todo para atuar, enquanto o ouvido engole a voz do rádio e quem sabe estas palavras. Palavras que desejam.... que desejam encontrar.....”

Experimentações tecidas com leituras de Deleuze, Guatarri, Foucault.

**Palavras-chave:** Cartas. Desejo. Perda de Si.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UFJF- MG.



## A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Daniel Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
[daniel.professor@gmail.com.br](mailto:daniel.professor@gmail.com.br)

Dinoêmia Monteiro dos Santos<sup>2</sup>  
[di.nay@hotmail.com](mailto:di.nay@hotmail.com)

### Resumo

O tema desse estudo é a leitura na Educação Infantil e tem como objetivo geral entender as contribuições da leitura no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. Como docentes nas salas de aula da Educação Infantil lidam com os desafios e possibilidades para o processo de aprendizagem da criança. Metodologicamente é uma pesquisa social, de abordagem qualitativa e para obtenção dos dados da pesquisa foi utilizado um questionário com a colaboradora. O lócus da pesquisa é uma instituição particular de ensino, de médio porte, que atende a uma população pertencente à classe média, situada no município de Salvador. Teve como colaboradora para a produção das informações, uma professora que atua em turmas da Educação Infantil. O estudo conclui que os desafios enfrentados no processo de leitura da Educação Infantil são muitos, eles se fazem presentes desde a formação do/a professor/a, como também ficou claro que quanto mais cedo as crianças tiverem acesso ao universo da leitura mais isso facilitará o seu desenvolvimento na escola como também no crescimento como pessoa.

**Palavras-chave:** Leitura. Educação Infantil. Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Contemporaneidade e professor no Ensino Superior, no curso de Licenciatura em Pedagogia.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia.



## A EDUCAÇÃO EM AMBIENTE VIRTUAL NO CONTEXTO DO CORONAVIRUS: CONCEITUAÇÕES E IMPACTOS DA VIRTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO

Daniel Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
[daniel.professor2012@gmail.com](mailto:daniel.professor2012@gmail.com)

### Resumo

O contexto do novo coronavírus colocou todos(as) em uma condição de isolamento social, no distanciamento das “coisas”, da vida cotidiana e das pessoas queridas de todo dia. Estudantes e professores(as) surpreendidos(as) com a decisão, também foram obrigados(as) a se distanciarem do ambiente formal, a sala de aula e, da modalidade presencial de ensino e de aprendizagem. As instituições de ensino, em todos os níveis, procurando atender as exigências e orientações dos Decretos Leis, criaram formas específicas e próprias de ensino para atender as demandas do isolamento pandêmico. Pergunta-se: qual é a denominação dessa modalidade de educação que está sendo produzida nesse contexto? Este artigo objetiva compreender a educação no contexto do coronavírus e das novas tecnologias da informação e da comunicação, reflete sobre seus impactos na aprendizagem, na vida dos sujeitos envolvidos e sinaliza para possíveis alternativas pós pandemia. A “prisão domiciliar”, o isolamento social, a invasão de privacidade, a ausência de políticas públicas educacionais adequadas para o momento, as deficiências das tecnologias da informação e da comunicação, a precarização da profissão e o *homework* educacional, fatos resultantes do contexto pandêmico, serão analisados numa perspectiva dialética, concatenando o fluxos e refluxos desse processo.

**Palavras-chave:** Educação. Ambiente virtual. Ensino e Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Contemporaneidade e professor no Ensino Superior, no curso de Licenciatura em Pedagogia.



## AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Amanda Malheiros Pereira<sup>1</sup>  
[amandamalheiros@outlook.com](mailto:amandamalheiros@outlook.com)

Amanda Vitor Dourado<sup>2</sup>  
[amandav.dourado@gmail.com](mailto:amandav.dourado@gmail.com)

### Resumo

Este estudo propõe uma reflexão sobre como vem sendo desenvolvidas as políticas públicas voltadas à gestão da educação numa sociedade capitalista, com enfoque no cenário brasileiro. Para isso, a pesquisa faz análise de documentos nacionais e internacionais para compreender esse movimento entre as políticas públicas na sociedade capitalista, pois compreendê-las é fundamental para reflexões e lutas históricas para garantir uma educação humanitária e que possibilite ao aluno o conhecimento crítico. Neste sentido, os resultados e discussões demonstram que o enfoque estatal não é a formação do ser social e sim do sujeito como produto do neoliberalismo, ou seja, a formação à adaptação ou para mercado de trabalho. No entanto, temos a contradição de que o Estado funcione mediante a pressão popular, por intermédio de lutas, o que ocorre diferentemente da empresa privada, porque está, impossibilita o trabalhador de discordar das decisões tomadas de forma não democrática. Considera-se que cada vez mais, a organização Estatal adota as políticas públicas das empresas privadas no campo educacional e para isso, é necessário que os profissionais da educação estejam articulados aos acontecimentos, a formação continuada e a pesquisa para mobilizarem a comunidade escolar para manter as conquistas e garantir novos subsídios à educação de qualidade.

**Palavras-chaves:** Educação. Sociedade Capitalista. Políticas Públicas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação – Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Professora na Prefeitura do Município de Maringá – Mestranda em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Gestão e Coordenação Escolar, AEE, Pedagogia Hospitalar e Docência do Ensino Superior.



## OS POVOS ORIGINÁRIOS E A PAUTA ANTIRRACISTA

Maria Veirislene Lavor Sousa<sup>1</sup>  
[veirislene@gmail.com](mailto:veirislene@gmail.com)

Cyntia Kelly de Sousa Lopes<sup>2</sup>  
[cyntiaksousa@gmail.com](mailto:cyntiaksousa@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo promover reflexões sobre a questão dos povos originários e a sua inclusão na pauta antirracista, desenvolvida a partir da legislação vigente para a Educação Básica, em acordo com a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica 9.394/1996, especialmente a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08. Esta última garante diretamente a inclusão do tema “História e cultura afro-brasileira e indígena” no currículo da educação básica, em todas as disciplinas das escolas, nos níveis de ensino fundamental e médio. Segundo a legislação, a cultura e a história dos povos indígenas devem estar presentes também nos livros didáticos, um dos principais instrumentos ou tecnologias usadas nas escolas para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. A luta pela garantia dos direitos dos povos originários, em sua diversidade, existência, pela demarcação de seus territórios e terras, além de tantas outras questões que envolvem a temática, deve ser reconhecida, bem como a necessidade de inclusão dos indígenas na pauta antirracista. A invisibilidade e até apagamento histórico, exposição à vulnerabilidade social, descaso, doenças, morte e genocídio, além do racismo histórico a estrutural sofrido por mais de 519 anos, além de outras condições, nas quais são negados os direitos indígenas, leva a emergência sobre reflexões, diálogos e práticas a serem propostas em vários espaços educacionais e outros, para a sociedade brasileira e para a humanidade.

**Palavras-chaves:** Povos Indígenas. Pauta Antirracista. Direitos Indígenas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Ciências Sociais da Universidad de Salamanca/ES.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidad Americana/PY.



## A METAFÍSICA DA MORTE EM ARTHUR SCHOPENHAUER

Maria Carolina de Sousa Cereser<sup>1</sup>  
[sousacarolina77@gmail.com](mailto:sousacarolina77@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar dentro de uma abordagem filosófica, a Metafísica da morte relacionada com a vontade do querer-viver proposta pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer. De cunho bibliográfico, esta pesquisa é feita a partir da coleta indireta de dados, cujas principais fontes foram os escritos do próprio autor, especialmente *O Mundo como vontade e representação* e *Metafísica do amor, Metafísica da morte*; que será desenvolvida dentro da contextualização da morte, relacionada com a Vontade de viver, analisando a questão da indestrutibilidade da nossa essência; e a do suicídio apontando as principais características abordadas pelo autor na investigação para a saída consoladora da existência humana. Nessas perspectivas tentaremos discorrer sobre em que momento o medo da morte se origina de uma Vontade e quais os fenômenos procedentes desse pensamento. O filósofo postula uma tese central da metafísica da morte na qual à aceita mas, rejeita o suicídio pois, para ele a vida constitui uma tarefa a ser cumprida pelo indivíduo, cujo sentido se apresenta em uma morte que seja de maneira natural, em seu tempo propício. O autor expressa o mundo constituído pela Vontade, como a essência ou a coisa-em-si de tudo, a representação como algo no mundo que percebemos; desta maneira se tem os fenômenos, que são determinados, por uma essência totalmente livre e autodiscordante; esta sendo inerente à Vontade, pois, é entendida como essência cósmica, fazendo das pessoas seres egoístas, já que esse ocasiona o entendimento de uma vida marcada por sofrimentos e angustias sem fim. Portanto a sua Metafísica da morte é tratada através de questionamentos sobre a existência humana desencadeada de um sofrimento impetuoso como um desejo cego.

**Palavras-chave:** Metafísica. Morte. Vontade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras- FAFIC; Pós Graduada em Especialização no curso de Educação, Política e Sociedade pela Faculdade da Lapa- FAEL)



## PRELIMINARES RELACIONAIS ENTRE A VALIDADE DA ORIGEM E A ORIGEM DA VALIDADE

Sandro Adams<sup>1</sup>  
[sandroadams@gmail.com](mailto:sandroadams@gmail.com)

### Resumo

Este diagnóstico teórico parte de um fardo latino-americano: a fé na ciência é um pilar da modernidade. Para isso, pondera algumas categorias analíticas de uma teoria sociológica que transita entre a busca da universalidade comunicativa (Habermas) e a crítica da intersubjetividade do sujeito (Foucault). Por paradoxal que possa vir a sugerir, retém na crítica da modernidade a defesa do projeto ocidental. É por isso, e nada mais, que se atem as racionalidades (episteme?) forjadas por estes filósofos-sociólogos ou sociólogos-filósofos (a indecisão precede o substantivo-adjetivo e, a nosso ver, é coerente manter-se indeciso sem, no entanto, o ser contraditório). Ora, se Habermas postula o nascimento da racionalidade instrumental na modernidade, isto não o será tão claramente posto por Foucault. No fundamento, Habermas destaca basicamente três categorias analíticas: mundo da vida, racionalidade comunicativa e ação estratégica (ou sistêmica). Seu leimatív é a construção de uma ética do discurso. Por questões didáticas, centrar-se-á na linguagem (e não na axiologia). Já a trajetória de Foucault é dividida em três períodos: a) a articulação dos saberes na Arqueologia; b) os dispositivos do poder na Genealogia; c) a conduta individual da Ética. Porém, e ante a teoria foucaultiana, seria possível discutir o tema do poder isolado do saber ou apartado da relação ética entre ambos e a partir de uma desrazão? Neste sentido, seu pano de fundo é a superação da problemática da subjetividade.

**Palavras-chave:** Ciência. Razão. Saber.

---

<sup>1</sup> Graduado em filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Mestrando em sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel); Bolsista da Coordenadoria de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior/CAPES.



## RETROSPECTIVA DISCURSIVA DO PRESIDENTE BOLSONARO ASSOCIADO AO AVANÇO DO COVID-19 NO BRASIL: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO APRESENTADO PELO JORNAL *O GLOBO*

Valéria Hallie de Almeida Ribeiro <sup>1</sup>  
[valeriahallie@gmail.com](mailto:valeriahallie@gmail.com)

Maria Geizi Silva Pinto <sup>2</sup>  
[pintogeizi@gmail.com](mailto:pintogeizi@gmail.com)

### Resumo

A presente pesquisa é uma análise crítica do texto do discurso apresentado pelo jornal *O Globo* – jornal diário de notícias brasileiro, integrante do Grupo Globo, que circula através de assinatura em forma impressa e digital, também presente em diversas mídias digitais abertas – em seu canal no *You Tube*, *Jornal O Globo*, no qual é apresentado o vídeo *O presidente Bolsonaro e a pandemia da Covid-19*, que mostra reações do discurso do presidente ao lado do gráfico de crescimento de mortes pela Covid-19 no Brasil. Dessa forma, a investigação feita nesse estudo busca responder como a análise de textos do discurso midiático jornalístico em meios digital, quanto aos seus elementos discursivos, estruturais e multimodais, pode contribuir para o trabalho de leitura, subsidiando o processo de letramento crítico de mídia. Para tanto, o estudo se baseou nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso, que alude ao contexto de uso da linguagem como um instrumento decisivo nas relações sociais desiguais, de luta e conflito, que são imbuídas de relações ideológicas, hegemônicas e de poder, essas, imprescindíveis à análise de vocação crítica discursiva (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2011). Associadamente, pelo caráter de multimodalidade visual dos dados, valemo-nos das contribuições da Gramática do *Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; FERNANDES; ALMEIDA, 2008). Diante disso, objetiva-se analisar textos midiáticos jornalísticos em plataformas digitais, nos seus aspectos discursivos, estruturais e multimodais, evidenciando as concepções de poder, ideologia e hegemonia, corroborando para um letramento crítico de mídia. Para isto, desenvolveu-se uma abordagem qualitativa e de interpretativista, notadamente de caráter crítico (BAUER; GASKELL, 2008). Em consequência, resultados do estudo indicam que ao considerar as relações de poder, ideologia e hegemonia intrínsecas ao discurso da mídia hegemônica, possibilita-se conhecer melhor os caracteres integrantes do discurso, potencializando o letramento crítico e reflexivo de mídia.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Letramento Crítico de Mídia. Mídia Jornalística.

---

<sup>1</sup> Professora graduada em Letras Língua Portuguesa e Inglesa – UFMT. Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar e em Ensino de Língua Portuguesa (IFRN).

<sup>2</sup> Professora graduada em Letras Língua Portuguesa – UERN. Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar (IFRN).



## FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: INCLUSÃO DA PROPOSTA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Otainan da Silva Matos<sup>1</sup>  
[otainan.filosofia@yahoo.com](mailto:otainan.filosofia@yahoo.com)

José Antonio Moraes Costa<sup>2</sup>  
[thonymoraes@hotmail.com](mailto:thonymoraes@hotmail.com)

### Resumo

Ao tratar de Filosofia para Crianças busca-se desenvolver habilidades que possam favorecer no ensino e aprendizagem dos alunos e proporcionar o pensamento reflexivo e autônomo delas. Este trabalho tem por objetivo relatar a importância de implantar no currículo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a disciplina Filosofia que tem no seu bojo fundamentos específicos que ajudam as crianças a pensarem em ordem superior. Para tanto, conta-se com uma proposta metodológica interativa, no qual o facilitador ou professor, constrói a Comunidade de Investigação, criada inicialmente por Matthew Lipman para estimular o pensamento e desenvolver habilidades como o de raciocínio, formação de conceitos, de investigação e de tradução. O referido autor ao perceber que seus alunos de graduação não conseguiam interagir nas suas aulas de lógica e teoria do conhecimento, buscou fundamentar a Filosofia em histórias infantis, assim, percebeu que o problema de atenção, estava na base da educação. Essa proposta, didática foi contra os ditames tradicionais da época em que os alunos não podiam interagir com o professor. Por meio da Comunidade de Investigação e das novelas filosóficas, que são histórias cujos protagonistas são as próprias crianças, houve uma mudança nos circuitos escolares. Dentro dessas histórias o facilitador utiliza-se das leituras, interagindo com os alunos e fazendo-os participar através da Comunidade de Investigação no propósito de fazerem pensar por si mesmos, esses recursos ajudam no processo formativo das crianças, a Filosofia para Crianças se torna fundamentalmente correspondida ao abordá-la no currículo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse interim, para corroborar com esse trabalho, traz-se autores que ajudam nesse processo de desenvolvimento como Matthew Lipman (2001), John Dewey (1979), Kohan (2003), Daniel (2000) Silveira (2003) Sharp (1995). Com isso, espera-se como resultados, trazer à baila uma forma de construir o conhecimento através da Comunidade de Investigação e das novelas filosóficas implantadas no currículo escolar da Educação Básica.

**Palavras-chaves:** Filosofia. Crianças. Currículo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Filosofia Contemporânea pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEL). Graduado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA). Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Pedagogia (FAP).

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Docência do Ensino Superior (UFMA). Especialista em Metodologias Ativas e Ensino Exponencial pela (UNDB). Graduado em Letras pela (UFMA).



## TRANSEXUALIDADE E BUCALIDADE: UMA ANÁLISE CORPÓREA A PARTIR DO TERRITÓRIO BUCAL

Luiz Eduardo de Almeida<sup>1</sup>  
[luiz.almeida.ufjf.edu.br@gmail.com](mailto:luiz.almeida.ufjf.edu.br@gmail.com)

### Resumo

A transexualidade é um assunto que ainda desperta muitas inquietações. Afinal, compreender a construção social dos corpos transgêneros exige o rompimento com o limitado determinismo biológico na relação entre o “ser homem” e o “ser mulher”. A partir de então, aos moldes foucautiano (“biopoder”), emerge-se a “Teoria Queer”, que consubstancia uma compreensão sociocultural da construção corpórea do “indivíduo trans”. Assim, ser transgênero deixa de ser uma condição patológica e passa a ser percebido como uma prática de vida que ultrapassa a imposição do modelo heteronormativo. É óbvio que compreender e, principalmente, aceitar esta nova perspectiva de se viver exige novas práticas dialógicas de pertencimento do sujeito transexual. Desta toada, o presente estudo não apenas se justificou, bem como materializou o seu objetivo, o de adensar, qualitativamente, a compreensão das complexidades existenciais da transgeneridade. Para tal, partiu da factível confluência entre a construção social do corpo transgênero com a boca, envolvendo neste processo o discurso da “Bucalidade”. Deste percurso analítico despreendeu-se os significados imbuídos nas correlações entre as funcionalidades da boca (manducação, erótica e linguagem) com as expressões dos (des)alinhamentos entre sexo-gênero-sexualidade. Indo além, o recorte deste estudo reforçou, através da politização do território bucal como agente ativo no discurso da identidade transgênero, os preceitos da “Teoria Queer”, portanto, potencializando o empoderamento corpóreo e bucal das pessoas transexuais. Por fim, não para concluir e sim para desafiar, pode-se afirmar que a boca se consagra como um complexo território que carrega as objetividades e, principalmente, as subjetividades relacionadas à existência social “trans”.

**Palavras-chaves:** Boca. Transexualidade. Identidade de Gênero.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Odontologia/Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor Adjunto do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).



## A IMPOSSIBILIDADE DE ESTAR SÓ MESMO SENDO UM

Nária Maria da Silva Costa<sup>1</sup>  
[costanaria95@gmail.com](mailto:costanaria95@gmail.com)

### Resumo

A era moderna foi a grande responsável pela produção de mídias da indústria de entretenimento que trouxe consigo não só novas formas de aproximação entre as pessoas, como também as tornou solitárias. A todo momento pode-se ter alguém, na palma da mão, que o entorpeça de informações ou que fale dos outros, sem que o receptor tenha necessariamente que falar sobre si. Criou-se um personagem em uma grande encenação mundial sem começo, meio ou fim. De modo geral, na internet e nas relações liquidadas da atualidade, pode-se ouvir as pseudoverdades dos outros, sem ao menos dar ouvidos a si mesmo. Comumente as pessoas aparecem nas mídias não como são, mas como julgam ser mais atrativas ao sistema e as multidões. Embora Hanna Arendt elucide com veemência que ações e acontecimentos públicos desenvolvam os homens, por meio do diálogo uns com os outros, de modo a coloca-los lado a lado com outros seres políticos e plurais dotados de capacidade cognitiva, o propósito do trabalho consiste em refletir sobre como as comunicações entre diferentes grupos de pessoas nas redes sociais, bem como a exposição dos mesmos podem fomentar um depauperamento do ser ao fazê-lo calar a si por medo da solidão. Na superficialidade moderna, observa-se a preocupante falta de sensibilidade à dor do outro e uma devoção cega ao discurso falacioso. Nunca se ouviu tanto sem realmente escutar a si. Ressalta-se que é impossível estar inteiramente só quando se tem a própria companhia. Não querer estar só reforça um estoicismo extremo positivista e degenera o diálogo consigo mesmo, entendido como fomentador da formação do ser político.

**Palavras-chaves:** Modernidade. Isolamento. Junto de Si.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia- EAD/UFPI.



## ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA MÍDIA TELEJORNALÍSTICA EM TEMPOS PANDÊMICOS: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA E MULTIMODAL DE ESCALADAS DO *JORNAL NACIONAL*

Maria Geizi Silva Pinto<sup>1</sup>  
[pintogeizi@gmail.com](mailto:pintogeizi@gmail.com)

Valéria Hallie de Almeida Ribeiro<sup>2</sup>  
[valeriahallie@gmail.com](mailto:valeriahallie@gmail.com)

### Resumo

O presente estudo objetiva analisar textos midiáticos de telejornal, no que se refere aos aspectos discursivos e multimodais, almejando dar fomento ao trabalho de leitura e letramento crítico de mídia nesses tempos pandêmicos. Para tanto, a pesquisa investiga como se constitui o segmento da mídia jornalística televisiva, na sociedade atual e como seu estudo pode oferecer subsídios importantes ao processo de ensino-aprendizagem de língua. Tomam-se, os pressupostos da Análise Crítica do Discurso como teoria de base, que aborda o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial, propondo pesquisas voltadas para as relações sociais não tão estabilizadas de luta e conflito, materializadas por diversos tipos de discursos (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RAMALHO; RESENDE, 2011). Logo, os conceitos de ideologia, poder e hegemonia são fundamentais para a interpretação ou explicação dos textos veiculados nesses tempos de crise. Paralelamente, pela própria natureza imagética dos dados, especialmente quanto a seu caráter de constituição de aparato de multimodalidade discursiva e visual, são tomados os conceitos da Gramática do *Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; FERNANDES; ALMEIDA, 2008), enfocando o significado representacional narrativo. Diante disso, a investigação norteia-se no problema de como a análise de textos midiáticos de telejornais, quanto aos aspectos discursivos e multimodais, pode contribuir para o trabalho de leitura e letramento crítico de mídia. Nesse sentido, essa análise tem como objeto de estudo, escaladas de telejornal (gênero vitrine) pertencentes ao *Jornal Nacional*. Para tanto, desenvolveu-se uma abordagem qualitativa e interpretativista, especialmente de caráter crítico e documental (BAUER; GASKELL, 2008). Destarte, os resultados da pesquisa apontam para a necessidade premente de melhor conhecer os caracteres constitutivos de exemplares de mídia, tomando nota das relações de poder, ideológicas e hegemônicas ratificadas no discurso da mídia hegemônica, para dar o fomento de atividades de leitura e letramento crítico de mídia.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Mídia Jornalística Televisiva. Multimodalidade Discursiva.

---

<sup>1</sup> Professora graduada em Letras Língua Portuguesa – UERN. Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar (IFRN).

<sup>2</sup> Professora graduada em Letras Língua Portuguesa e Inglesa – UFMT. Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma Perspectiva Transdisciplinar e em Ensino de Língua Portuguesa (IFRN).



## UM ANTROPÓFAGO NA PERIFERIA DA HISTÓRIA: GENEALOGIA E CRÍTICA EM OSWALD DE ANDRADE

Thor João de Sousa Veras<sup>1</sup>  
[verastjs@gmail.com](mailto:verastjs@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de reconstituir o diagnóstico, o método e os potenciais críticos contidos na tese de Oswald Andrade para o concurso da cadeira de Filosofia da USP de 1950: “A crise da filosofia messiânica”. Parte-se da ideia de que justamente pelo seu caráter marginal, encontramos uma incontornável contribuição da filosofia brasileira para compreensão da dinâmica de dominação social da modernidade e de crítica do progresso do ponto de vista da periferia do capitalismo colonial. A hipótese é que justamente a operação de reconstrução da “razão antropofágica” na história coloca o procedimento oswaldiano em contato ou demarca afinidades eletivas entre dois importantes críticos da filosofia da história: Nietzsche e Foucault. Essa aproximação é conferida em nossa análise pelos usos do recurso genealógico enquanto crítica dos processos de descontinuidade da história contidas nas relações de ambiguidade e poder das tensões constitutivas da própria experiência moderna. A essa mediação genealógica, cotejaremos as perspectivas nietzscheanas e foucaultianas de interpretação da história ao que Oswald denomina de ciência dos “vestígios errático”, ou Errática, movimento metateórico que investiga, sob o signo da devoração, a metamorfose de um original ponto de vista da diferença e da abertura ontológica na história da filosofia a partir da experiência primitiva oriunda da posição epistêmica da antropofagia brasileira. Temos como horizonte por fim, que a apresentação dessa dimensão “problematizante da genealogia”, se levada às últimas consequências, poderá servir com instrumento de descolonização das bases normativas da filosofia da história contemporânea e de crítica das relações de poder e subjugação da modernização conservadora brasileira.

**Palavras-chave:** Oswald de Andrade. Genealogia. Crítica.

---

<sup>1</sup> Doutorando/UFSC.